**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

LUCAS PALAIA CASSAS

Sentimento de insegurança: um ensaio metapsicológico

**São Paulo
2019**

LUCAS PALAIA CASSAS

Sentimento de insegurança: um ensaio metapsicológico

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Maria Loffredo

São Paulo

2019

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação Biblioteca
Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Palaia Cassas, Lucas

Sentimento de insegurança: um ensaio metapsicológico / Lucas Palaia Cassas;
orientadora Ana Maria Loffredo. -- São Paulo, 2019.

148 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo,
2019.

1. Psicanálise. 2. Freud. 3. Sentimento de insegurança. 4. Afeto. 5. Narcisismo. I.
Loffredo, Ana Maria, orient. II. Título.

Nome: Cassas, Lucas Palaia

Título: Sentimento de insegurança: um ensaio metapsicológico

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em 26/04/2019

Orientadora

Profa. Dra. Ana Maria Loffredo

Assinatura: _____

—

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer e dedicar este trabalho à minha mãe Márcia, que se foi em julho de 2017, no meio do desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço por *tudo*, o que é realmente muita coisa, demais para listar aqui. Então vou citar só uma: *obrigado pelo maior amor do mundo*.

Agradeço à professora Ana Maria Loffredo pelo dedicado e caloroso trabalho de orientação, por compartilhar comigo as técnicas e segredos do intrincado e minucioso ofício de ourives metapsicológico.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de mestrado que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos professores Érico Bruno Viana de Campos e Adriana Pereira Barbosa, pelas imprescindíveis e provocantes contribuições apresentadas no exame de qualificação.

Aos colegas do LAPSI-PSA, meus companheiros de armas nessa longa batalha chamada pós-graduação, pela leitura atenta e pelos apontamentos ricos durante as reuniões de orientação. Pela companhia, risadas, cervejas e conselhos nos momentos de comemoração e de dificuldade. Em especial, agradeço à Elisa, que me acompanhou do primeiro ao último momento dessa jornada, pelas mensagens de “lembrei de você” com trechos de textos que se tornaram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

À Maria Manuela, pelo sensível trabalho de supervisão e pelas indicações de leitura que tanto me ajudam na articulação entre minha prática clínica e minha produção teórica.

À Vivi, por me ouvir.

À minha família, por todo o apoio e carinho, hoje e sempre. Em especial, agradeço à minha tia Mara, pela revisão cuidadosa deste texto, valeu Mad!

A todos os meus amigos, que fazem os meus dias serem melhores e que dão sabor à minha cerveja. Vocês são muitos e muito maravilhosos, de forma que não

poderia fazer jus a todos aqui, então vou mencionar apenas aqueles que tiveram um impacto mais direto no decorrer desta pesquisa:

Gui e Ana, minha segunda família, que, heroicamente, vieram morar comigo nesse período tão conturbado da minha vida, que me aguentaram enlouquecido com a dissertação por um ano e meio, sendo um refúgio mais que necessário nesse processo.

Vitor Senise, pelos mais de vinte anos de amizade, por ter me sugerido que cursasse a disciplina de “Metapsicologia freudiana”, que me levou a conhecer a Ana Loffredo, e por ser o melhor verme insolente que eu poderia desejar.

Gabi, pelos abraços calorosos, pelo ouvido incansável e pelo interesse inabalável, seja para ouvir minhas piadas, minhas lamúrias ou os novos desenvolvimentos teóricos desta pesquisa conforme eles foram se desdobrando. Você foi uma interlocutora essencial.

Ju e Mel, por toda a fritura e por ajudarem me manter sempre afiado com suas perguntas contundentes em nosso grupo de estudos.

Zé, por, literalmente, uma vida inteira de amizade e pela inspiração.

Alice, Ícaro, Maria Clara e Xing, pela paciência. Ela é uma virtude fundamental para aqueles que trilham o Caminho Frágil.

Aos pacientes, que são a motivação pra isso tudo, pela confiança e por me desafiarem todos os dias.

A todas as pessoas que, ao saber deste trabalho, disseram que eu deveria estudá-las por serem muito inseguras.

We have never met anyone who had low self-esteem at the moment of orgasm. (Easton & Hardy, 2011)

RESUMO

Cassas, L. P. (2019). *Sentimento de insegurança: um ensaio metapsicológico* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo.

O presente trabalho tem como objetivo situar, metapsicologicamente, a experiência afetiva do sentimento de insegurança, que tem surgido como uma demanda clínica por pacientes que se consideram excessivamente inseguros. Esse sentimento estaria relacionado com uma falta de confiança em si mesmo e nas suas capacidades, bem como a uma baixa autoestima, levando a quadros que podem, no limite, chegar a um estado de angústia paralisante. Dessa forma, é relevante examinar o sentimento de insegurança, do ponto de vista metapsicológico, no sentido de angariar subsídios teóricos para o exercício clínico. Dado que o sentimento de insegurança não foi objeto do estudo de Freud, foi feita sua articulação com o sentimento de inferioridade e com o autossentimento (*Selbstgefühl*), presentes na obra deste autor, mas pouco desenvolvido por ele. Estando no campo das experiências afetivas, foi abordada a dimensão polissêmica do termo afeto na obra de Freud, um ponto de parada essencial no estudo de um sentimento sob a perspectiva deste autor, o que rendeu desdobramentos conceituais referentes aos mecanismos de operação dos afetos, bem como das diferenças funcionais entre afetos distintos. Em seguida, o Eu e o narcisismo foram investigados, na medida em que a experiência afetiva da insegurança diz respeito, necessariamente, ao Eu que não se sente seguro. O narcisismo foi examinado como um complexo afetivo de matiz amoroso, ligado ao Eu, ou seja, seu amor próprio, sendo diferenciado da experiência mais geral do autossentimento, que seria o conjunto de todos os afetos referentes ao Eu, incluindo aqueles de valência negativa, como os sentimentos de insegurança e de inferioridade. Com esses elementos, o sentimento de insegurança pôde ser lido como um afeto produzido pela percepção de estar em perigo e não ter os recursos necessários para enfrentar essa ameaça, sendo levantados três tipos de sentimentos de insegurança: a realista, referente a um perigo vindo do mundo externo; a neurótica, referente a um perigo vindo do mundo interno, em particular da perda de amor do Super-eu; e a insegurança ontológica, referente a um perigo de desintegração do próprio Eu, que seria produzido em casos de maior comprometimento das funções do aparelho psíquico.

Palavras-chave: Psicanálise, Freud, Sentimento de insegurança, Afeto, Narcisismo, Angústia.

ABSTRACT

Cassas, L. P. (2019). Feeling of insecurity: a metapsychological essay (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo.

The objective of this study is to situate, metapsychologically, the affective experience of the feeling of insecurity that has emerged as a clinical demand for patients who consider themselves to be excessively insecure. This feeling would be related to a lack of confidence in oneself and their abilities, as well as to a low self-esteem, leading to cadres who may, in the limit, reach a state of paralyzing anxiety. Thus, it is relevant to examine the feeling of insecurity, from the metapsychological point of view, in order to obtain theoretical subsidies for clinical exercise. Since the feeling of insecurity was not the object of Freud's study, its articulation was made with the feeling of inferiority and self-feeling (*Selbstgefühl*), present in the work of this author, but undeveloped by him. Being in the field of affective experiences, the polysemic dimension of the term affection in the work of Freud, an essential stoppage in the study of a feeling from the perspective of this author, was approached, which yielded conceptual unfoldings referring to the mechanisms of the operation of affections, as well as functional differences between different affections. Then the ego and the narcissism were investigated, insofar as the affective experience of insecurity necessarily concerns the ego which does not feel secure. Narcissism was examined as an affective complex of a love hue, connected to the ego, that is, its self-love, being differentiated from the more general experience of self-feeling, which would be the set of all affections regarding the ego, including those of negative valence, such as feelings of insecurity and inferiority. With these elements, the feeling of insecurity could be read as an affection produced by the perception of being in danger and not having the necessary resources to face this threat, being raised three types of feelings of insecurity: the realistic one, referring to a danger coming from external world; the neurotic, referring to a danger coming from the inner world, in particular from the loss of love of the superego; and the ontological insecurity, referring to a danger of disintegration of the ego that would be produced in cases of greater impairment of the functions of the psychic apparatus.

Key words: Psychoanalysis, Freud, Feeling of insecurity, Affection, Narcissism, Anxiety.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1 UM PRIMEIRO TATEAR INSEGURO	16
1.1 O que é isso que eu sinto?	16
1.2 Uma primeira aproximação entre insegurança e psicanálise	21
1.2.1 <i>Pesquisa nas bases de dados</i>	21
1.2.2 <i>Aproximação com a obra de Freud</i>	22
1.2.3 <i>Freud e Adler</i>	25
1.2.4 <i>Winnicott e Laing</i>	39
1.3 A proposta do termo “autossentimento” para a tradução do <i>Selbstgefühl</i>	41
2 DIFICULDADES NA DIMENSÃO AFETIVA DA METAPSICOLOGIA	47
2.1 Algumas questões preliminares acerca do conceito de representação na obra freudiana	48
2.2 Sentimento, afeto e libido	56
2.3 Problemáticas qualitativas no ponto de vista econômico da metapsicologia freudiana	64
2.3.1 <i>Angústia e desamparo</i>	64
2.3.2 <i>Amo-te e não largo</i>	67
2.3.3 <i>A proposta de complexos afetivos</i>	68
2.3.4 <i>Quatro estruturas afetivas e o Princípio do Prazer</i>	71
3 O EU QUE SENTE A SI MESMO	79
3.1 As vicissitudes do Eu enquanto representação e sua articulação com o narcisismo	81
3.1.1 <i>Eu faço e Eu sou</i>	81
3.1.2 <i>Um precipitado de amores abandonados</i>	87
3.2 O grande reservatório de libido	91

3.3 Ideal do Eu e consciência moral: inferioridade e culpa.....	97
3.4 Os empregos da libido narcísica: sublimação e investimento objetal... 	105
3.4.1 <i>Reverência ao velho objeto versus a criação de algo novo</i>	105
3.4.2 <i>É amor ou é paixão?</i>	109
3.5 Melancolia, a sombra e a cripta do objeto	112
4 UM PERIGO A CADA ESQUINA.....	117
4.1 Perigo à vista	119
4.2 Amar é muito perigoso	121
4.3 Identidade em perigo	126
4.3.1 <i>Tornando-me inteiro.....</i>	126
4.3.2 <i>O medo da desintegração.....</i>	131
4.4 Um campo da insegurança.....	134
CORAGEM!	135
REFERÊNCIAS.....	137

APRESENTAÇÃO

É difícil precisar em que momento surgiu meu interesse em estudar o sentimento de insegurança – acho que, de alguma forma, ele sempre esteve presente. Lembro-me, desde muito cedo, de ficar intrigado com algumas pessoas que demonstravam estar sempre com medo, achando que nunca iam conseguir ter sucesso, de forma que chegavam a perder a vontade de fazer algo que queriam por conta desse medo de falhar. O que realmente me intrigava nisso era que o medo parecia ser do falhar em si, não das consequências da falha, como, por exemplo, de cair e de se machucar. Minha mãe, psicóloga da área de recursos humanos, dizia, com toda a propriedade de uma especialista da área, que essas pessoas eram *inseguras*, o que significava que elas tinham dificuldade de confiar em si mesmas e que tinham baixa autoestima. Dizia também que todas as pessoas tinham suas inseguranças, seus medos, mas que, algumas delas, estavam sempre com medo – estas eram aquelas que ela classificava como *sendo* inseguras. Na época, essa explicação me bastava e essa maneira de pensar se naturalizou.

Com o passar dos anos, conheci e me aproximei de diversas pessoas que sofriam com a tal da insegurança, incluindo algumas que eu admirava profundamente. Era muito confuso e triste ver alguém tão incrível sofrendo tanto por se sentir fraco e incapaz, ainda mais percebendo que haveria muito pouco que eu poderia fazer para ajudar. Hoje em dia, pelo menos, já não me sinto tão confuso quando me deparo com alguém assim, mas continua sendo igualmente triste.

Decidi prestar vestibular para Psicologia depois de cursar química, por um ano, na USP. Na época do cursinho, trabalhei como professor particular de química, ciências e matemática para alunos dos ensinos fundamental e médio em um centro de reforço escolar, quase sempre dando aulas para alunos desesperados na véspera de uma prova. Com o tempo, fui percebendo que as dificuldades de aprendizado dos meus alunos remetiam muito mais a questões emocionais do que propriamente de conteúdo – era comum encontrar alunos que sabiam, ao menos, parte do conteúdo, mas que achavam que não sabiam e acabavam não tentando resolver os exercícios.

A maioria, é claro, não fazia a menor ideia do que se tratava a matéria, muitos nem sabiam me dizer o que ia cair na prova do dia seguinte. Mas mesmo estes, como fui percebendo, tinham questões emocionais significativas no que se referia ao

seu aprendizado: achavam que não eram inteligentes o suficiente para aprender química ou matemática, então, sequer tentavam, já que consideravam que seria perda de tempo. A partir dessas experiências, fui me interessando cada vez mais pelas questões concernentes à autoestima e ao sentimento de insegurança, de forma que eu estava ansioso para começar a cursar Psicologia e estudar essas questões.

Entrando na graduação, fiquei surpreso com o quão pouco esses assuntos eram discutidos; havia alguns estudos sobre autoestima na área da psicologia cognitiva, mas não me senti satisfeito com eles. Sobre o sentimento de insegurança, não encontrei nenhum tipo de tematização, achei estranho, pois minha mãe psicóloga falava com tanta frequência e naturalidade dele que eu achava que este era um tema recorrente na psicologia. Dessa forma, meus interesses acabaram se dirigindo para outras áreas – realizei um trabalho de iniciação científica sobre a relação entre teoria e *práxis* no movimento estudantil sob a perspectiva da teoria crítica, orientado pelo professor Pedro Fernando da Silva, onde trabalhei um pouco com o referencial psicanalítico, que é uma das bases do pensamento da Escola de Frankfurt. Durante o desenvolvimento da pesquisa, percebi que meu interesse estava mais na psicanálise do que na psicologia social. Foi por meio dos estágios de atendimento clínico que o desejo de seguir para a psicanálise se consolidou, foi aí que eu pude articular a dimensão teórica com a prática de uma maneira satisfatória, de forma que me inscrevi em todas as disciplinas de atendimento disponíveis, independente da orientação teórica.

Lembro-me com muita clareza de uma das primeiras pacientes que atendi, no finado Plantão do Serviço de Acompanhamento Psicológico, dizendo que estava procurando atendimento porque era muito insegura. Depois dela, outros pacientes foram aparecendo trazendo essa mesma queixa ou outras similares, relacionadas a se sentirem paralisadas por conta de ter uma baixa autoestima, dificuldades em se aceitar e um amor próprio comprometido. Articulando essas experiências com o meu repertório oriundo da teoria crítica, comecei a pensar se não haveria algo na sociedade contemporânea que contribuísse para a produção desse tipo de sofrimento. Na época, eu não tinha quase nenhum conhecimento das discussões atuais acerca dos sofrimentos narcísicos na psicanálise.

Essa questão ficou dormente até que, um ano depois, cursando a disciplina ministrada pela professora Ana Maria Loffredo intitulada “Metapsicologia freudiana II:

a constituição do Eu”, lendo com mais atenção textos como “O Eu e o Id” (Freud, 1923b/2013) e “Introdução ao narcisismo” (Freud, 1914c/2015), encontrei algumas menções de Freud a um Eu fraco, empobrecido e vítima de um forte sentimento de inferioridade. Logo percebi que esses temas não eram muito desenvolvidos na obra de Freud, como o próprio autor reconheceu, escrevendo na 31ª das “Novas conferências introdutórias à psicanálise” que “Sentimentos de inferioridade e sentimento de culpa são dificilmente separáveis. ... Na psicanálise foi dada pouca atenção a esse problema da delimitação entre os dois conceitos” (pp. 203-204). A partir desse ponto, o meu interesse difuso sobre o sentimento de insegurança pode começar a ser recortado como uma pergunta de pesquisa mais concreta, de forma que eu logo comecei a elaborar um projeto de pesquisa para entrar no programa de pós-graduação de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, sob a orientação da professora Ana Maria Loffredo.

Durante a elaboração do projeto e no início da pesquisa, percebi que não havia praticamente nenhum material que tratasse do sentimento de insegurança da maneira como eu o entendia, relacionado à baixa autoestima e à falta de confiança em si mesmo, de forma que foi necessário começar a construir um repertório semântico em torno desse sentimento. Por outro lado, sempre que eu contava para alguém qual era o tema da minha pesquisa, a pessoa entendia na hora do que eu estava falando, inclusive recebi diversas ofertas de pessoas que gostariam de servir de “cobaias” para a minha pesquisa, já que elas se identificavam como “muito inseguras”. Dessa forma, a primeira etapa da pesquisa foi aproximar essa noção, pertinente ao senso comum, do repertório conceitual psicanalítico, por meio do sentimento de inferioridade. Paralelamente a isso, comecei a receber cada vez mais pacientes com queixas de se sentirem inseguros e de terem questões com sua autoestima, graças a indicações de colegas que sabiam de minha pesquisa e achavam que eu poderia ajudar esses pacientes.

Esse quadro de prevalência de um discurso sobre o sentimento de insegurança pelo senso comum, levou ao fortalecimento de minha hipótese inicial de que deveria haver algo na sociedade contemporânea que estimulasse a produção desse sentimento. Mas foi justamente por conta desse quadro que foi necessário abandonar essa vertente de pesquisa, já que havia muito menos material sobre o sentimento de insegurança do que eu antecipara. Portanto, seria necessário, primeiro, elaborar uma conceituação satisfatória sobre o assunto para depois inseri-

lo na dimensão social. Assim, um mestrado não seria suficiente para abordar as duas vertentes de pesquisa que eu vislumbrara no projeto.

Foi só às vésperas da Qualificação que uma colega do laboratório de Psicanálise e Análise do Discurso, na qual nossas pesquisa se alojam, me indicou o texto “Insegurança ontológica”, de Ronald Laing (1960/1973), presente em seu livro “O eu dividido: estudo existencial da sanidade e da loucura”, no qual o autor trata de pacientes que teriam um sentimento de insegurança relativo à perda de continuidade do seu *self*. Logo que ela me falou sobre isso lembrei que, não só tinha esse livro em casa, como quase me desfizera dele! O livro tinha pertencido à minha mãe, estava assinado por ela e datado de 1973, época em que ela cursava a graduação em psicologia. O capítulo sobre a “Insegurança ontológica” estava todo grifado e havia, no meio das páginas, algumas folhas de caderno amareladas com anotações dela. Estava resolvido o mistério de onde tinha vindo todo aquele saber e interesse dela sobre o sentimento de insegurança – um ciclo se fechava.

O resultado desse percurso está apresentado nos quatro capítulos que se seguem, de forma que os três primeiros visam a construir um repertório conceitual para que, no Capítulo 4, possamos finalmente tratar do sentimento de insegurança. O Capítulo 1, intitulado *Um primeiro tatear inseguro*, reúne os primeiros passos da pesquisa, começando pela construção do campo semântico pertinente ao sentimento de insegurança e passando para a verificação do que (não) foi produzido sobre o sentimento de insegurança em psicanálise. Depois, realizamos uma aproximação com alguns conceitos freudianos, em particular o sentimento de inferioridade e a noção de *Selbstgefühl*, habitualmente traduzido como autoestima ou amor-próprio, e que foi alvo de nossa tematização no final do capítulo, levando-nos a escolher “autossentimento” para verter o termo. A questão do sentimento de inferioridade suscitou uma discussão histórica sobre o rompimento entre Freud e Adler, já que fora esse discípulo quem primeiro incluiu o sentimento de inferioridade na psicanálise, além de ter sido justamente em torno desse conceito que se deu a ruptura entre os dois autores.

No segundo capítulo, *Dificuldades na dimensão afetiva da metapsicologia freudiana*, abordamos o conceito de “afeto” na obra de Freud, já que o *sentimento* de insegurança está no campo das experiências afetivas. A questão se complica por conta da polissemia do termo “afeto” na obra do autor, que o emprega com diferentes sentidos, bem como o utiliza para compor diversas expressões. A partir

daí, debruçamo-nos sobre os diferentes *matizes* que os afetos podem ter, ou seja, seu aspecto qualitativo, partindo da hipótese de que haveria diferenças funcionais significativas entre os diferentes afetos.

Dando prosseguimento, em *O Eu que sente a si mesmo*, o Eu a que se referem esses afetos é colocado em primeiro plano, em sua articulação com o narcisismo, o autossentimento e o sentimento de inferioridade.

No quarto Capítulo, *Um perigo a cada esquina*, o sentimento de insegurança propriamente dito é discutido à luz das elaborações conceituais anteriores e sob a ótica de sua relação com os diversos tipos de *perigo* perante os quais é possível se sentir inseguro.

Por fim, em *Coragem!*, reunimos nossas considerações finais, retomando o que foi desenvolvido no decorrer do trabalho e apontando os possíveis encaminhamentos dos problemas relativos ao sentimento de insegurança.

1 UM PRIMEIRO TATEAR INSEGURO

1.1 O que é isso que eu sinto?

Como a palavra “insegurança” se reporta a uma expressão pertinente ao senso comum é preciso, antes de tudo, delimitar em que campo de significados ela se insere. Como se trata de um afeto, recorreremos, como um disparador de questões, à Parte III da “Ética” de Espinosa (1677/2015), onde o autor definirá *Segurança* e outros afetos associados. Inicialmente, ele define *Alegria* como o afeto que aumenta a potência de agir e, por oposição, *Tristeza* como o afeto que diminui essa potência, de forma que

a Esperança é nada outro que a Alegria inconstante originada da imagem de uma coisa futura ou passada, de cuja ocorrência duvidamos. O Medo, ao contrário, é a Tristeza inconstante originada da imagem de uma coisa duvidosa. Além disso, caso a dúvida seja suprimida desses afetos, da Esperança faz-se a Segurança, e do Medo, o Desespero; a saber, a Alegria ou a Tristeza originadas da imagem de uma coisa que temíamos ou esperávamos. (p. 269)

No contexto deste pensamento, *Segurança* está no campo da *Certeza* e da *Alegria*; seu oposto seria o *Medo*, no campo da *Dúvida* e da *Tristeza*. Assim, a partir do jogo de sentimentos expresso por essa formulação, vemos que a *Insegurança* tem relação com o *Medo*. Sentir-se inseguro evoca essa dimensão do perigo de algo que está prestes a se concretizar, da iminência de se cair no *Desespero*.

No âmbito de sua definição e etimologia, encontramos, no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009), as seguintes referências para os verbetes insegurança e inseguro:

insegurança *s.f.* (1913) estado condição ou característica do que é inseguro
1 ausência de segurança; periculosidade ... **2** sensação ou sentimento de não estar protegido, seguro ... **3** falta de confiança em si mesmo, em suas próprias qualidades ou capacidades. ...

inseguro *adj.* (a1891) **1** não seguro; perigoso, arriscado ... **2** que não tem estabilidade; sem garantia; instável, incerto ... **3** sem confiança em si mesmo; titubeante, tímido, medroso ... **4** que tem dificuldade para tomar decisões; hesitante, irresoluto, vacilante. (p. 1088)

Etimologicamente, a palavra “insegurança” é a substantivação de “inseguro”, que é uma palavra composta do prefixo de negação “in-” e o radical “seguro”, do latim: SECURUS, “firme, seguro, sem cuidados”, derivado de SINE CURA, “sem

cuidado”. Portanto, seguro é aquilo que está firme e bem estabelecido, que não precisa de cuidados, com o qual não é preciso se preocupar. Da mesma forma, inseguro é algo que precisa de cuidados, que demanda atenção e proteção.

A partir das definições do dicionário, podemos pensar em dois agrupamentos de significado para a palavra insegurança: o primeiro gira em torno da sensação de estar em perigo, em um ambiente ameaçador, algo como “sinto-me inseguro ao andar sozinho na rua durante a noite”, relativo a não confiar no seu ambiente; já o segundo se refere à falta de confiança em si mesmo, a ser medroso e hesitante. Em princípio, é esse segundo agrupamento que será alvo de nossa atenção nesta pesquisa, parecendo que a definição etimológica de “aquilo que precisa de cuidados” caberia a ambos os agrupamentos.

A língua inglesa nos ajuda a pensar essa questão, já que existem duas traduções possíveis para inseguro: “unsafe” e “insecure”. Apesar de serem quase sinônimas, essas palavras possuem alguma diferença de significado. De acordo com o dicionário online Merriam-Webster (n.d.):

Definition of unsafe

:not safe: such as

a: able or likely to cause harm, damage, or loss – water that is unsafe to drink – unsafe driving habits – unsafe levels of lead

b: not giving protection from danger, harm, or loss – an unsafe vehicle – unsafe working conditions

c: not protected from danger, harm, or loss – feeling frightened and unsafe

d: likely to take risks: not careful – unsafe drivers

Definition of insecure

1: not confident or sure: uncertain – feeling somewhat insecure of his reception

2: not adequately guarded or sustained: unsafe – an insecure investment

3: not firmly fastened or fixed: shaky – the hinge is loose and insecure

4a: not highly stable or well-adjusted – an insecure marriage

b: deficient in assurance: beset by fear and anxiety – always felt insecure in a group of strangers¹

¹ Definição de “unsafe” :não seguro: como: a: capaz ou provável de causar prejuízo, dano ou perda – água que é “unsafe” de se beber – hábitos “unsafe” de direção – níveis “unsafe” de chumbo; b: que não dá proteção do perigo, prejuízo ou perda – veículo “unsafe” – condições de trabalho “unsafe”; c: não protegido do perigo, prejuízo ou perda – sentindo-se assustado e “unsafe”; d: provável de correr riscos: não cuidadoso – motoristas “unsafe”

Definição de “insecure” 1: não confiante ou seguro: incerto – sentindo um tanto “insecure” de sua recepção; 2: inadequadamente guardado ou sustentado: “unsafe” – um investimento “insecure”; 3: não apertado ou fixado firmemente: instável – a dobradiça está solta e “insecure”; 4a: não altamente estável ou bem ajustado – um casamento “insecure”; b:

Embora ambas as palavras remetam à ideia de perigo, apenas “insecure” carrega a conotação de falta de confiança e de ansiedade. “Unsafe” está mais ligado a preocupações contra um perigo físico e objetivo, enquanto “insecure” está mais ligado a emoções e aspectos subjetivos. Nesse sentido, “unsafe” e “insecure” remeteriam aos dois agrupamentos de significados observados nas definições em português para “inseguro” e “insegurança”, relativos à falta de confiança no ambiente e em si mesmo, respectivamente.

Essa divisão, apesar de útil para nossos propósitos, não é tão clara e simples quanto pode parecer num primeiro momento, já que “confiança” e “perigo” aparecem como elementos comuns aos dois agrupamentos. Por um lado, a pessoa que está em uma situação insegura, onde há um perigo potencial, sente-se também insegura, no sentido de não confiar que é capaz de lidar com esse perigo. Aqui, parece que se trata de um medo frente a um perigo concreto: por exemplo, uma pessoa que está andando sozinha de noite em um bairro perigoso e é abordada por um assaltante armado, de forma que não há, em princípio, nada que ela possa fazer para contornar a situação sem uma perda. Por outro lado, podemos supor que alguém que não confia em si mesmo sente-se constantemente em perigo ou sob ameaça, como se a percepção de suas forças estivesse continuamente comprometida.

De um lado, temos o “não confio no lugar, situação ou ambiente que estou” e, de outro, “não confio em mim mesmo”. Em ambos os casos, a pessoa não confia em sua capacidade ou seus recursos para lidar com um perigo. No primeiro caso, parece ser devido à magnitude desse perigo (que, em princípio, podemos supor ser externo) e, no segundo, trata-se de uma falta de meios ou de habilidades da própria pessoa, de modo que essa falta de confiança se vincularia mais estreitamente a seus aspectos internos. A questão da distinção entre esses agrupamentos semânticos e suas articulações será explorada posteriormente, no decorrer dessa investigação; por ora, o intuito é apenas chamar a atenção para essa dificuldade de definição.

Em concordância com a definição do dicionário, o “sentimento de insegurança” é expresso pelas pessoas² em relação à falta de confiança em si mesmo, medo de não ser capaz de realizar algo, de enfrentar um problema ou de não ser “bom o bastante”. Sua marca principal parece ser a dúvida quanto a sua capacidade de dar conta da situação que se apresenta e tem por base o medo de falhar. O tipo de situação em que esse medo aparece pode ser bastante específico, como é o caso do medo de falar para grandes públicos ou de dirigir; também pode surgir em categorias de situações mais abrangentes, como ter medo de interações sociais ou então pode dominar totalmente a vida da pessoa, vindo à tona em qualquer situação na qual se exige uma ação em que ela possa, de alguma forma, falhar ou ter seu desempenho avaliado.

Um momento em que frequentemente observamos o surgimento do sentimento de insegurança é quando vamos fazer algo novo pela primeira vez. Parece compreensível que haja uma hesitação ao tentar algo novo, afinal, temos pouca ou nenhuma base para medirmos nossa capacidade de desempenhar a nova tarefa. Nesse caso, o curso esperado da insegurança é que, se tudo correr bem, ela vá diminuindo conforme vamos nos acostumando à nova atividade, na medida em que percebemos que estamos tendo algum grau de sucesso ou que, ao menos, estamos melhorando no decorrer das tentativas. Por outro lado, pode ocorrer também que a insegurança não diminua, mas permaneça constante ou aumente ao longo tempo, mesmo que a aptidão também aumente. Há algo de incoerente em ter o mesmo medo ao realizar uma tarefa pela primeira vez e pela quinquagésima. Se for constatada uma real inaptidão para a tarefa, a tendência é que ela seja abandonada e que não haja mais insegurança frente a ela: o sujeito mediu sua força e a fuga fornecerá o melhor desfecho.

² Desde quando comecei a escrever o projeto desta pesquisa para ingressar no programa de pós-graduação, ao contar para alguém que estava estudando o sentimento de insegurança, frequentemente ouvia como resposta algo do tipo: “Nossa! Você poderia me estudar, sou muito inseguro”. A partir desses comentários, passei a perguntar, informalmente, a diversas pessoas o que seria insegurança para cada uma delas, com intuito de que essas respostas pudessem me servir como disparadores de questões para começar a pensar sobre esse tema. Algumas das respostas obtidas foram: “Sentir que a minha opinião não é relevante”, “Não me sentir confortável sendo eu mesma”, “Eu tenho muito medo do futuro, de não ser boa o suficiente pra nada e não conseguir fazer nada”, “A incapacidade de manter o que você quer”, “A falta de controle sobre a sua realidade”, “Algo na linha de não ser aceito, um desconforto em relação ao meio”, “Falta de naturalidade, refletir sobre o que você tá fazendo sem querer de fato”, “A incapacidade de se sentir a vontade com o que você tá fazendo”, “Insegurança é o que surge quando saímos da nossa zona de conforto”, “Insegurança é se sentir sem controle ou sem poder sobre a sua vida”.

O sentimento de insegurança só aparece caso exista uma possibilidade de sucesso, por menor que seja. Alguém que não sabe tocar violão não ficará inseguro se lhe pedirem para tocar – poderá sentir vergonha de dizer que não sabe, mas não se trata de insegurança. Um violonista iniciante, por outro lado, poderá ficar inseguro por ter medo de errar uma nota ou de não agradar seu público, já que sabe que não é muito bom e ainda está aprendendo. Mesmo se for experiente e habilidoso, nosso violonista poderá se sentir inseguro para tocar, pode achar que não é bom o suficiente, além da possibilidade de errar estar sempre presente. Nesse caso, uma pequena insegurança, um “frio na barriga”, é de se esperar, mas um medo paralisante soa estranho. Vemos que é central o aspecto econômico, que se articula à magnitude do sentimento. Também é importante atentarmos ao contexto e ao impacto que uma falha nesse contexto significaria. Numa audição na qual sua técnica será julgada por uma rígida comissão avaliadora, uma performance pobre, ainda mais se acompanhada de erros crassos, pode causar um dano real à carreira e à imagem pública do músico. Ainda assim, esse músico pode ficar aterrorizado com a ideia de enfrentar os olhares escrutinadores dos avaliadores, mesmo que nada vá mudar em sua vida se não for selecionado. Seu medo, porém, é do dano que essa recusa poderá trazer a sua autoimagem, trazendo à tona e sendo uma confirmação de que seu sentimento de ser incapaz estava mesmo correto, que todos concordam que ele “é mesmo péssimo, uma vergonha”.

Nossa hipótese inicial supõe que, para que a insegurança seja produzida, deve haver um perigo à autoimagem da pessoa. A própria palavra insegurança traz em si a noção de perigo: seguro é aquilo que está livre de perigo, portanto, inseguro é aquilo que está em perigo, que é instável, que não está protegido. Se estiver tocando para seus amigos em casa, num ambiente descontraído e protegido, é muito mais provável que o violonista não se sinta ameaçado, pois mesmo que faça algo de errado, não perderá nada naquela situação, em princípio. Se for se apresentar em um palco para pessoas desconhecidas entendemos que ele tem algo de objetivo a perder, pois sua carreira está em questão: se o público não gostar de sua performance ele poderá não ser mais chamado para fazer shows ou mesmo perder um patrocínio. Existe um dano que ele pode receber em sua vida concreta por consequência do seu desempenho, uma perda material e objetiva. O ponto chave é que, mesmo na situação de tocar para os amigos, o sujeito pode temer algo, parece haver um perigo interno ou subjetivo que o assombra no tocante ao seu amor

próprio. O dano a aspectos da sua vida concreta pode ser considerado secundário, ou menos importante, do que aquele infligido à sua autoimagem. Pode inclusive funcionar apenas como uma confirmação e amplificação do dano interno, um eco que diz “todos concordam que você é um fracasso, não há como negar”.

Outro aspecto que foi expresso por pessoas que sofrem com a insegurança é a constante necessidade de estar “com as coisas sob controle”. Sentir-se inseguro está relacionado com sentir-se ameaçado, então, é necessário que seja tomada alguma providência para se defender dessa ameaça. Nesse sentido, retomamos a definição de inseguro como “o que precisa de cuidados” ou então de proteção, venha ela da própria pessoa ou do meio externo. Assim, pode surgir tanto uma necessidade de estar no controle como, associada a essa necessidade, um medo de perder esse controle, frequentemente relacionados a ter algum poder sobre a *fonte* do perigo. Essa situação pode tomar a forma de uma compulsão por saber, como se observa no dito popular “conhecimento é poder”.

Nesse contexto, quanto mais a pessoa percebe que não tem controle de uma situação, mais insegura e angustiada ela fica. É preciso se sentir no controle o tempo inteiro, não dá para relaxar e confiar que vai ficar tudo bem; é preciso estar sempre em guarda e pronta para se defender. Ao contrário do que seria de se esperar, acredita que, estando atenta, pode se proteger de qualquer ameaça. Chama muita atenção a extrema oposição entre o sentimento de não ser capaz de fazer nada e essa quase onipotência ao tentar controlar o mundo ao seu redor para se proteger. É possível observar uma íntima relação entre insegurança e a necessidade de controle, mas não fica claro como elas se relacionam. Precisamos investigar.

1.2 Uma primeira aproximação entre insegurança e psicanálise

1.2.1 Pesquisa nas bases de dados

Para realizar uma aproximação com o que foi produzido em psicanálise sobre a questão da insegurança, realizamos uma pesquisa nas bases de dados SciELO, PePSIC e Google Acadêmico, utilizando as palavras-chave “insegurança” e “insegurança+psicanálise”. Para “insegurança”, as referidas bases de dados encontraram, respectivamente: 592 resultados; 71 resultados e aproximadamente

165.000³ resultados. A maior parte do material bibliográfico tratava de “insegurança social”, “insegurança alimentar”, “insegurança no ambiente de trabalho” ou outros tipos de insegurança próximos à noção de violência ou de uma sociedade violenta. Essas acepções de insegurança parecem se articular com a definição de insegurança no sentido de estar em perigo, em um ambiente ou situação ameaçadora. Também foram encontrados trabalhos em que “insegurança” aparece sob a forma de “sentimento de insegurança”, estando frequentemente pareada com “medo”, mas não foi encontrada uma tematização que tome o sentimento de insegurança como objeto, destacando-se seu uso no sentido descritivo. Além disso, esse “sentimento de insegurança” também parece estar mais próximo do “sentimento que aparece quando se está em uma situação perigosa” do que à “falta de confiança em sim mesmo”.

A partir da entrada “insegurança+psicanálise”, a SciELO encontrou apenas 1 resultado, a PePSIC 3 e o Google Acadêmico aproximadamente 15.900. Alguns destes resultados foram similares aos anteriores, tratando de “insegurança social” relacionada à violência e ao medo. Também foi encontrado o “sentimento de insegurança” como um sintoma de outras afecções, como é o caso da depressão ou da melancolia (Capitão, Nascimento & da Silva, 2009; Chauí-Berlinck, 2007), do transtorno do pânico (Garcia & Nagel, 2015), entre outras, embora a insegurança também não receba atenção especial nesses artigos.

Foram encontradas apenas duas exceções nas quais a insegurança ocupa um papel conceitual importante. A primeira se refere ao artigo de Winnicott (1952/2000), “Ansiedade associada à insegurança” e a segunda é o texto de Laing (1960/1973), “Insegurança ontológica”, às quais nos referiremos adiante.

1.2.2 Aproximação com a obra de Freud

O termo insegurança não possui o estatuto de conceito na obra de Freud e a palavra insegurança não aparece nos “Índices remissivos” do volume final da

³ Essa diferença gigantesca entre os números de resultados encontrados pelas plataformas se justifica pela forma como elas funcionam. A SciELO e o PePSIC procuram pela palavra-chave apenas em artigos de periódicos e utilizam os seguintes índices: ano de publicação, autor, financiador, palavras-chave, periódico, resumo, título. O Google Acadêmico procura pelo termo em qualquer lugar do artigo (incluindo o corpo do texto e as referências), além de também mostrar resultados de livros, dissertações, teses e resumos publicados em anais de congressos.

“Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud” (Strachey & Richards, 1976), nem no “Vocabulário de psicanálise” de Laplanche e Pontalis (2001), tampouco no “Dicionário de psicanálise” de Roudinesco e Plon (1998).

A partir da leitura de alguns textos freudianos – especialmente, “Introdução ao narcisismo” (Freud, 1914c/2015), “Luto e melancolia” (Freud, 1917[1915]c/2015) e “O Eu e o Id” (Freud, 1923b/2013) –, encontramos passagens acerca de um sentimento de inferioridade articulado à baixa autoestima e à noção de um Eu fraco, empobrecido ou com poucos recursos. Essa ideia de um Eu que “se sente fraco”, pela maneira em que aparece nessas obras, pareceu-nos próxima da descrição do sentimento de insegurança. Foi então que consideramos interessante investigar uma possível articulação entre o “sentimento de insegurança” e o “sentimento de inferioridade”, a partir da proposta da noção de “autossentimento”⁴, ou seja, dos afetos ligados ao conjunto das representações do Eu.

Em “O Eu e o Id”, Freud (1923b/2013) considera que os neuróticos, de forma geral, possuem um “conhecido sentimento de inferioridade” (p. 63) que está ligado ao “sentimento de culpa normal, consciente (a consciência moral), ... [que] baseia-se na tensão entre Eu e o ideal do Eu” (p.63). Sobre a gênese do sentimento de inferioridade, Laplanche e Pontalis (2001) escrevem que “Sobre a sua origem, Freud, sem tratar da questão de forma sistemática, forneceu algumas indicações: o sentimento de inferioridade viria a corresponder aos dois danos, reais ou fantasmáticos, que a criança pode sofrer – perda de amor e castração” (p. 475).

Mesmo o próprio conceito de inferioridade, (seja como “sentimento de” ou “complexo de”) aparece pouco na obra do autor. A partir dos “Índices remissivos” (Strachey & Richards, 1976), foi feito um levantamento da ocorrência do verbete “inferioridade” (ou “sentimento de”).

Foram encontrados apenas dez textos em que aparecem os verbetes “inferioridade” (ou “sentimento de”), além de sete textos em que aparecem os verbetes “Inferioridade orgânica (Adler)”, “Inferioridade (Adler)” ou “Inferioridade do

⁴ Fizemos a opção de verter o termo alemão *Selbstgefühl* por “autossentimento”, ao invés do habitual termo “autoestima”. As justificativas e problemáticas em torno dessa tradução serão desenvolvidas a seguir na seção 1.3.

órgão”⁵, não contando o termo “complexo de inferioridade”. É digno de nota que o verbete “inferioridade” não aparece nos “Índice remissivo” presentes ao final de cada volume da edição das “Obras completas” publicadas pela Companhia das Letras, como, por exemplo, no volume 12, que contém “Introdução ao narcisismo” (Freud, 1914c/2015) e “Luto e melancolia” (Freud, 1917[1915]c/2015), textos nos quais o sentimento de inferioridade é abordado .

O verbete “inferioridade” (ou “sentimento de”) remete para os seguintes trabalhos:

- Introdução ao narcisismo (Freud, 1914c/2015)
- Luto e melancolia (Freud, 1917[1915]c/2015)
- “Batem numa criança”: *contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais* (Freud, 1919/2010)
- Além do princípio do prazer (Freud, 1920/2010)
- Psicologia das massas e análise do Eu (Freud, 1921/2014)
- O Eu e o Id (Freud, 1923b/2013)
- A dissolução do complexo de Édipo (Freud, 1924/2013)
- A negação (Freud, 1925/2013)
- 31ª das novas conferências introdutórias à psicanálise: A dissecação da personalidade psíquica (Freud, 1933a/2011)
- Um distúrbio de memória na Acrópole (Freud, 1936/2011)

“Inferioridade orgânica (Adler)”, “Inferioridade (Adler)” ou “Inferioridade do órgão” aparecem nos seguintes textos:

- Contribuição à história do movimento psicanalítico (Freud, 1914/2015)
- Introdução ao narcisismo (Freud, 1914c/2015)
- A negação (Freud, 1925/2013)
- “Autobiografia” (Freud, 1925/2013)
- Inibição, sintoma e angústia (Freud, 1926/2016)
- O fetichismo (Freud, 1927/2016)
- 34ª das novas conferências introdutórias à psicanálise: Esclarecimentos, explicações, orientações (Freud, 1933/2011)

Além disso, realizando uma busca em uma versão digital da “Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud”, pudemos constatar que o termo “complexo de inferioridade” é usado apenas na 31ª das “Novas

⁵Esses verbetes se referem ao conceito de “inferioridade orgânica” ou de “complexo de inferioridade” no contexto da psicologia individual de Alfred Adler, um discípulo dissidente de Freud. Apresentaremos brevemente as ideias de Adler na próxima seção.

conferências introdutórias à psicanálise” (Freud, 1933a/2011) em um contexto de crítica à psicologia individual de Adler.

Também pode ser observado que o “Vocabulário de psicanálise” de Laplanche e Pontalis (2001) possui uma entrada para o verbete “sentimento de inferioridade”, que não é encontrado no “Dicionário de psicanálise” de Roudinesco e Plon (1998).

A partir da indicação dada por Freud (1933a/2011), na 31ª das “Novas conferências introdutórias à psicanálise”, de que “Sentimentos de inferioridade e sentimento de culpa são dificilmente separáveis. ... Na psicanálise foi dada pouca atenção a esse problema da delimitação entre os dois conceitos” (pp. 203-204), também fizemos o levantamento do verbete “culpa” (ou “sentimento de”). Ao todo, foram encontrados quarenta e sete textos onde esse verbete aparece, sendo que, em geral, o “sentimento de inferioridade” aparece nos textos freudianos junto ao “sentimento de culpa” e é dado menos ênfase ao primeiro do que ao segundo. Há apenas três textos onde aparece “sentimento de inferioridade” e “culpa” está ausente: “Luto e melancolia” (Freud, 1917[1915]c/2015), “A dissolução do complexo de Édipo” (Freud, 1924/2013) e “A negação” (Freud, 1925/2013).

Dessa forma, verificamos que a noção de sentimento de inferioridade é pouco desenvolvida na obra freudiana, além de não ter sido bem delimitada sua separação do sentimento de culpa.

1.2.3 Freud e Adler

Alfred Adler foi o primeiro grande dissidente do movimento psicanalítico, tendo sido um dos membros fundadores da “Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras”, junto com Wilhelm Stekel, Rudolf Reitler, Max Kahane e o próprio Freud (Roudinesco e Plon 1998). Ele se separou da psicanálise em 1911 após uma longa controvérsia conceitual e pessoal com Freud. O ponto central da discussão foi a “descoberta” de Adler de que a inferioridade de um órgão seria a causa de qualquer neurose, ideia à qual Freud fez duras críticas por considerá-la insuficiente e pobre. Na 31ª das “Novas conferências introdutórias à psicanálise” Freud (1933a/2011) chega a dizer que a inferioridade orgânica tem um papel mínimo na etiologia das neuroses, já que “O sentimento de inferioridade tem fortes raízes eróticas” (p. 203).

Nosso objetivo aqui é fazer uma breve síntese das ideias de Adler em torno do sentimento de inferioridade e de suas diferenças com as ideias de Freud, bem como algumas das possíveis influências do conflito na produção teórica psicanalítica. Nossa principal referência histórica será o livro “A controvérsia Freud-Adler” de Handlbauer (2005), no qual o autor faz uma reconstrução minuciosa dos acontecimentos, desde o primeiro encontro entre Freud e Adler até sua ruptura em 1911. Sua principal fonte são as “Minutas da Sociedade Psicanalítica de Viena”, nas quais o confronto foi amplamente registrado, conforme se desenrolava, nas reuniões da Sociedade. Quando o material das “Minutas” é insuficiente, Handlbauer completa fazendo referência aos livros que Adler publicou na época, versões editadas de suas apresentações na Sociedade. Será a esse material que nos reportaremos quando formos nos referir diretamente a Adler, especificamente, aos volumes 2 e 3 dos “Collected clinical works of Alfred Adler”, organizados por Henry Stein (2002, 2003).

Para Handlbauer, a disputa entre Freud e Adler foi bastante violenta e emocionante, os sentimentos provocados por ela não derivam apenas da discussão teórica e o ressentimento produzido por ela perdura até os dias de hoje entre a psicanálise e a psicologia individual. Quanto à intensidade dos sentimentos de Freud e Adler nesse conflito, Handlbauer considera que “Depois da separação e até o fim de suas vidas, Freud e Adler ficaram presos a um sentimento de ódio irreconciliável, assim como a um sentimento de profunda desilusão” (p. 10). Esse ódio fica claramente ilustrado nessa troca de insultos entre os autores, citada por Selesnick (1981), em seu capítulo no livro “A história da psicanálise através de seus pioneiros”:

Freud referiu-se a ele [Adler], mais tarde [após 1911], como um “pigmeu”, dizendo: “Eu tornei grande um pigmeu.” Por seu turno, Adler contra-atacava: mesmo um “pigmeu”, empoleirado nos ombros de um “grande gigante”, pode ver mais longe do que aquele que o sustenta. Quando Freud soube dessa afirmação, esbravejou que isso podia ser verdade quanto a um pigmeu, mas não quanto a um piolho nos cabelos do gigante. (p. 102)

Handlbauer considera que o componente emocional é importante para compreender a dimensão teórica da controvérsia, mas que, para tal, devemos tomar cuidado para não tomar partido e fazer julgamentos apressados, evitando afirmações reducionistas, como fazem muitos dos biógrafos e comentadores da disputa. É o caso de Selesnick (1981), segundo o qual: “Tanto o intenso sentimento comunitário que Adler manifestou na maturidade, quanto o seu interesse pelos efeitos psicológicos da inferioridade orgânica devem-se, sem dúvida, à sua própria

deficiência pessoal” (p.97). Ele sofria de raquitismo e só começou a andar aos quatro anos de idade, época em que teve um sério caso de pneumonia, que o debilitou ainda mais. É a essa história de vida que se costuma associar à teoria de Adler, segundo a qual “a impossibilidade de adaptar-se à debilidade orgânica conduz a distúrbios emocionais” (Selesnick, 1981, p. 97). O próprio Freud diagnosticou Adler como um paranoico (assim como fizera com Fliess) e este *modus operandi* patologizante parece ser a norma entre os psicanalistas ao se referirem a Adler. Do lado dos adlerianos, sua visão de Freud como um tirano orgulhoso não é mais lisonjeira.

Um elemento que parece ter contribuído para a intensidade do conflito foi o fato de que a psicanálise estava em um momento de consolidação e institucionalização, como aponta Handlbauer (2005):

O confronto entre Freud e Adler coincidiu com o início da institucionalização do movimento psicanalítico. Os ataques à psicanálise aumentaram, assim como os novos periódicos. Capítulos locais e a Associação Internacional de Psicanálise estavam sendo fundados e vários congressos ocorriam. Ao mesmo tempo e à medida em que o movimento era institucionalizado, posições divergentes não eram tão facilmente toleradas. Portanto, essa controvérsia é uma parte da história da psicanálise e um paradigma para as tramitações de conceitos divergentes na fase da repercussão de seu crescimento internacional. (p.15)

Tendo em vista a magnitude do conflito, podemos formular a hipótese que a pouca atenção que foi dispensada ao sentimento de inferioridade na obra freudiana e, ainda, na psicanálise em geral, seria uma consequência do conflito com Adler. Dessa maneira, pode ser frutífero retomar a discussão entre esses dois autores, a fim de procurar situar o sentimento de inferioridade no campo psicanalítico, articulando-o com suas raízes eróticas, em oposição ao biologismo adleriano.

Em 1906, Adler apresentou a palestra “Sobre as bases orgânicas das neuroses”, uma versão resumida do livro que publicaria no ano seguinte, “Estudo sobre a inferioridade orgânica”. Em sua exposição ele desenvolve a ideia de que deficiências morfológicas em um órgão são compensadas por um superinvestimento psíquico de sua superestrutura psicomotora, de forma que essa compensação pode dar ao órgão uma capacidade de funcionamento superior. Este seria o caso de Demóstenes, que era gago, mas superou a gagueira e se tornou o maior orador da Grécia antiga.

O autor atribui o aparecimento de neuroses e psicoses à falha do mecanismo de compensação e as conquistas humanas ao seu sucesso. As diferentes neuroses decorreriam do grau e tipo de inferioridade orgânica e nos possíveis distúrbios da compensação. Reproduzimos abaixo um longo trecho do livro "Estudo sobre a inferioridade orgânica", no qual Adler (1907/2002) resume suas ideias acerca dos efeitos psicológicos da inferioridade orgânica:

As diferenças quantitativas que se mostram pelo grau de inferioridade, pela localização, pelo grau de compensação, só podem ser percebidas como qualitativas quando vistas do ponto de vista psicológico, fato que se torna compreensível de uma só vez quando se comparam as três mais importantes constelações do campo da inferioridade orgânica e nervosa com seus resultados: degeneração, neurose, gênio. Os órgãos inferiores incapazes de compensar caem vítimas, sob a influência do mundo exterior, de uma destruição mais rápida ou mais lenta. Por outro lado, a natureza forma-se a partir de órgãos inferiores, sob a influência da compensação, aparelhos das mais variáveis funções e morfologias, que se mostram em muitos casos bastante capazes funcionalmente e, às vezes, um pouco melhor adaptados a circunstâncias externas, já que derivaram seu aumento em força de superar estes obstáculos externos e conseqüentemente resistiram ao teste. Entre estes extremos ainda existem formações mistas e que não foram completamente compensadas, seja por falta de força de reserva ou por esgotamento prematuro desta força, resultam em perturbação da compensação. Sob condições definidas, os casos de neuroses e psiconeuroses se desenvolvem a partir desse grupo. (p. 166)⁶

Dessa forma, ele postula uma causa única para todos os fenômenos psíquicos, da genialidade à neurose, distanciando-se da doutrina de Freud fundada na etiologia sexual das neuroses. As ideias de Adler também diferem das de Freud com relação ao papel da civilização na etiologia das neuroses, aspecto que não considerava relevante. Segundo sua concepção, o órgão normal se adaptaria tranquilamente às exigências culturais, enquanto a culpa do fracasso seria exclusivamente do indivíduo.

Surpreendentemente, nesse momento, Freud elogiou o trabalho de Adler, particularmente o seu conceito de compensação. Ele pensara que essas considerações poderiam ajudar a expandir a psicanálise em sua relação com os princípios biológicos dos processos pulsionais. De acordo com Handlbauer (2005), essa recepção positiva

⁶ Sempre que necessário, as traduções para o português serão de nossa autoria.

pode ser explicada pelo fato que, em comparação com o próximo aparecimento do livro, a apresentação resultou em uma reunião mais cautelosa em alguns pontos críticos; portanto, a intenção de Adler em marginalizar a etiologia sexual das neuroses a favor da teoria da inferioridade orgânica ainda não era discernível. (pp. 59-60)

Já em seu livro, a sexualidade é mais explicitamente colocada em segundo plano. Apesar disso, Adler procura estabelecer pontos de contato com as teorias de Freud, reconhecendo e dando importância à sexualidade infantil, mas atribuindo-a a inferioridade do órgão:

Nas anomalias infantis às quais são atribuídas características de masturbação, chupar o polegar, sugar os lábios, fazer cócegas na pele, tocar o ânus e a verdadeira masturbação precoce, podemos novamente observar a inclinação devassa para a obtenção do prazer, que é peculiar ao órgão inferior, boca, intestino, genitais. O mesmo acontece com a enurese noturna. Se nos lembrarmos agora de que todos os órgãos inferiores talvez sejam acompanhados regularmente por órgãos sexuais inferiores, nos quais a inclinação pelo prazer também está presente em grau acentuado, se admitirmos que quase todas as crianças carregadas de defeitos infantis também se envolvem em toque masturbatório das genitais, devemos estabelecer como resultado dessa consideração o fato de que a posse de órgãos inferiores pode facilmente levar à precocidade sexual, à masturbação precoce. (Adler, 1907/2002, p. 173)

Essas considerações se estendem à base sexual das neuroses que seria, na realidade, uma consequência da inferioridade do aparelho sexual. Assim, para Adler, toda a teoria de Freud estaria correta, mas seria incompleta, já que a questão da sexualidade seria um produto secundário da inferioridade orgânica. Nas palavras do autor:

Devo declarar que os fenômenos psíquicos interessantes da repressão, substituição, conversão, que Freud demonstrou em sua psicanálise e que eu também descobri serem os constituintes mais importantes das psiconeuroses, desenvolvem-se sobre a formação da psique descrita acima, no caso de órgãos inferiores. De maneira semelhante, a afirmação usual de "base sexual" das psiconeuroses é esclarecida pelo acima exposto. (Adler, 1907/2002, p. 174)

Ainda assim, havia na Sociedade uma tentativa de conciliar as ideias dos dois autores. Apesar da teoria de Adler estar se distanciando da doutrina freudiana, ele ainda tentava manter pontos de conexão com a teoria da libido, pois não acreditava que Freud estivesse errado, mas sim que havia descoberto algo mais profundo, que estaria subjacente à libido. Já Freud via algumas das considerações de Adler como

frutíferas, considerando que o estudo da inferioridade orgânica era interessante, mas que não devia ser a base da explicação da etiologia das neuroses.

No Congresso de Salzburg, em 1908, o primeiro congresso internacional da psicanálise, Adler apresentou o trabalho “Sadismo na vida e na neurose”, publicado posteriormente com o título “A pulsão agressiva na vida e na neurose”, onde ele desenvolve a ideia de uma pulsão⁷ agressiva independente da sexual:

Nesse contexto, "pulsão" deveria significar não mais que uma abstração, uma soma de funções elementares do órgão em particular e seus nervos relacionados que foram criados e desenvolvidos pela força do mundo exterior e por suas exigências. O objetivo da "pulsão" é governado pelas necessidades do órgão para gratificação e pela obtenção de prazer do meio ambiente. Em todas as formas evidentes de caráter, cuja fisionomia total é sempre o resultado de uma confluência pulsional, em que uma ou mais das pulsões constituem o eixo primário da psique, o impulso sexual desempenha um papel eminente. (Adler, 1908/2002, p. 62)

Para cada órgão haveria uma pulsão associada e primária: uma pulsão de ver para os olhos, de comer para o trato alimentar, de ouvir para os ouvidos e a pulsão sexual para os genitais. Assim, a presença da sexualidade associada às demais pulsões seria resultado de uma confluência pulsional, de maneira que, embora a pulsão sexual tivesse um papel predominante, não seria mais universal do que qualquer outra pulsão.

Essas concepções foram consequências diretas de sua doutrina da inferioridade orgânica, já que o órgão inferior teria uma pulsão correspondente mais forte. Seria justamente nesse ponto que a compensação agiria para levar essas pulsões de órgão à satisfação no mundo externo. A pulsão agressiva, por outro lado, não estaria ligada ao órgão, mas sim a uma superestrutura geral, e seria aquilo que impele ao enfrentamento das dificuldades na satisfação das pulsões de órgão:

Adler ampliou consideravelmente sua doutrina da inferioridade orgânica. O “instinto orgânico” intensificado (instinto da visão, instinto do defecar, instinto sexual, etc.), devido à inferioridade orgânica, conduz ao aumento do instinto agressivo, que Adler ainda considerava orgânica-biologicamente ancorado e que ele colocava acima de todos os instintos vitais. (Handlbauer, 2005, p. 68)

⁷ Esclarecemos que utilizaremos o termo “pulsão” para traduzir *Trieb* ao invés de “instinto”, conforme a edição das “Obras Completas” editadas Companhia das Letras, de forma que “instinto” deve aparecer nos títulos das obras e em citações. Como não é nosso objetivo tematizar essas traduções, remetemos o leitor para os trabalhos de Hanns (1996) e Souza (2010).

Dessa forma, Adler estava introduzindo duas novas categorias pulsionais: a pulsão agressiva e as pulsões orgânicas, que teriam como objetivo suplantar as categorias freudianas. Freud estava interessado na articulação proposta entre o psíquico e o somático e concordava com a maioria dos pontos de Adler, mas com a ressalva de que seria a libido aquilo que Adler chamava de pulsão agressiva. Esse ponto era irreconciliável, mas Freud ainda parecia estar cauteloso, incentivando Adler a continuar seu trabalho. De toda forma, nesse momento, Freud discordava da possibilidade de uma pulsão agressiva independente da sexualidade. Foi só doze anos mais tarde, em “Além do princípio do prazer” (Freud, 1920/2010) que reviu a possibilidade de uma pulsão agressiva dissociada da sexualidade, por meio de seu conceito de pulsão de morte. Este conceito é retomado em “O mal-estar na civilização” (Freud, 1930/2011), onde o autor descreve o desenvolvimento da agressividade:

Reconheço que no sadismo e no masoquismo sempre vimos as manifestações, fortemente mescladas com o erotismo, do instinto de destruição voltado para fora e para dentro, mas já não entendo que pudéssemos ignorar a onipresença da agressividade e destrutividade não erótica, deixando de lhe conceder o devido lugar na interpretação da vida. ... Recordo a minha própria atitude defensiva, quando a ideia do instinto de destruição surgiu pela primeira vez na literatura psicanalítica, e quanto tempo durou até que eu me tornasse receptivo a ela. (p. 87)

Chama atenção a similaridade entre a noção de mescla entre as pulsões de vida e de morte, presentes nesse texto de Freud, e a elaboração de Adler (1908/2002), que aparece no último parágrafo de seu artigo sobre a pulsão agressiva, publicado 22 anos antes:

O mecanismo regulador mais importante para o impulso de agressão é o sentimento social inato. É básico para todo relacionamento da criança com outras pessoas, com animais, plantas e com objetos em geral. Significa a ligação com a vida, a afirmação e a reconciliação com a vida. A concordância do sentimento social com suas ricas variações (amor aos pais, amor às crianças, amor sexual, amor ao país, amor à natureza, às artes, à ciência e à humanidade) com o impulso de agressão produz a atitude, que na verdade equivale a para a vida interior do ser humano. (p. 68)

Ainda assim, Freud deixaria a pulsão agressiva propriamente dita como um aspecto da pulsão de morte: “Freud reserva o nome pulsão de agressão (*Aggressionstrieb*), na maioria das vezes, à parte da pulsão de morte voltada para o

exterior com o auxílio específico da musculatura” (Laplanche e Pontalis, 2001, p. 13). Em função disso, Handlbauer (2005) considera que

A falta de avaliação de sua longa aversão a um instinto agressivo independente poderia talvez ser explicada pelo fato de que, após a separação de Adler, ele tivesse uma grande resistência interior para aceitar como essencial e correto algo que Adler havia identificado. (p. 72)

A nosso ver, essa hipótese da resistência de Freud para aceitar algo que tenha vindo de Adler pode também ser estendida ao sentimento de inferioridade. Esta seria uma explicação possível para a pouca atenção dada a essa questão, uma vez que tratar do sentimento de inferioridade, ou lhe dar atenção seria, de certa forma, assumir que Adler estaria correto em algum nível, que tinha identificado algo de importante. Essa hipótese nos parece justificada porque, na vasta maioria das ocasiões em que Freud menciona o sentimento de inferioridade, há, logo em seguida, uma passagem criticando Adler e explicando por que a inferioridade está no campo da libido.

A palestra “A unicidade das neuroses” de 1908 é apontada por Handlbauer (2005) como o momento onde “as diferenças essenciais foram expressas abertamente pela primeira vez” (p. 91). Nela, Adler apresentou cinco elementos comuns às neuroses, a saber: inferioridade orgânica, pulsão agressiva, sensibilidade exagerada, caráter anal e relacionamento com os pais. Ele reúne seus conceitos anteriores e deixa clara sua posição de que a origem de todas as neuroses é a inferioridade do órgão. Freud faz uma crítica contundente à apresentação, principalmente à ausência do fator sexual. Para ele, Adler faz uma caracterização das pulsões do Eu e não da neurose, tratando do campo da consciência. O caráter anal e o relacionamento com os pais foram considerados condições universais da civilização, e não eram fenômenos específicos da neurose. A adição do quinto item, relacionamento com os pais, seria a maneira de Adler incluir a sexualidade de alguma forma, como uma espécie de formação de compromisso com as ideias de Freud, apesar de vaga.

O ponto chave da disputa foi a apresentação, em 1910, sobre o “Hermafroditismo psíquico”, na qual Adler apresenta sua concepção de “sentimento de inferioridade”, que contém uma mudança em relação a noção anterior, mais biológica, para uma noção mais próxima da psicologia. Para ele, todas as pessoas possuem traços masculinos e femininos, de forma que a percepção dos traços

pertencentes ao sexo oposto produziria um “sentimento de inferioridade”. Nas palavras do autor:

Essas manifestações objetivas frequentemente dão origem a um sentimento subjetivo de inferioridade, impedindo assim a independência da criança, aumentando sua necessidade de apoio e afeto, e frequentemente caracterizará sua personalidade em seus anos posteriores. ...Todos os neuróticos suportaram uma infância em que estavam cheios de dúvidas sobre sua masculinidade. Para a criança, a renúncia à masculinidade parece sinônimo de feminilidade, criando assim uma ampla gama de juízos originais de valor infantil, segundo os quais toda forma de agressão desenfreada, atividade, habilidade, poder, coragem, liberdade, riqueza, agressão e sadismo é vista como masculina; todas as inibições e deficiências (também covardia, obediência, pobreza, etc.) podem ser consideradas femininas. (Adler, 1910/2003, p. 2)

Do impulso para compensar os traços femininos, portanto inferiores, objetivando atingir o ideal masculino viria o “protesto masculino”. Ele seria uma tradução da pulsão agressiva em termos psicológicos, ou seja, seu correlato experiencial. A maioria dos neuróticos possuiria sinais físicos femininos⁸ que fariam com que surgisse um sentimento de inferioridade. Assim, a neurose não viria somente da inferioridade orgânica, mas também desse sentimento de inferioridade ou, mais precisamente, do fracasso de compensá-lo. Uma educação autoritária viria a contribuir para o seu fracasso, já que ela forçaria a criança a uma posição feminina, minando seus esforços e lhe deixando com dúvidas sobre sua capacidade de atingir a masculinidade.

Nesse ponto, Freud passou a considerar que a teoria de Adler já não podia ser integrada à sua, desde que além da falta de clareza da exposição, a sexualidade fora abertamente deixada de lado. Para Freud, o par masculino e feminino corresponderia somente a ativo e passivo e ao invés desses termos problemáticos, considerou que seria melhor empregar os conceitos de libido e recalque⁹, frutos da investigação das neuroses. Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud

⁸ Há uma certa confusão no texto de Adler sobre como o protesto masculino se aplicaria ao caso das mulheres. Partindo da premissa de que tudo aquilo que é feminino é considerado inferior, segue-se que um homem repudiará suas características femininas em prol de buscar o ideal masculino. Por outro lado, não fica claro se na mulher ocorreria o mesmo repúdio das características femininas em busca do ideal masculino, ou se há alguma possibilidade de a mulher se satisfazer em sua feminilidade.

⁹ Esclarecemos que utilizaremos o termo “recalque” para traduzir *Verdrangung* ao invés de “repressão”, conforme a edição das “Obras Completas” editadas pela Companhia das Letras, de forma que “repressão” deve aparecer nos títulos das obras e em citações. Como não é nosso objetivo tematizar a questão referente a essas traduções, remetemos o leitor para as obras de Hanns (1996) e Souza (2010).

(1905/2016) relaciona a libido com masculinidade: “a libido é, por necessidade e por regra, de natureza masculina, apareça ela no homem ou na mulher” (p. 139).

A escolha pelo termo “hermafroditismo”, em detrimento do já amplamente usado “bissexualidade” deixa claro a marginalização da sexualidade. O que estaria em jogo não era o desejo da criança, mas sim seu sentimento de inferioridade oriundo dos traços femininos. Mesmo os desejos edípicos seriam secundários e baseados no protesto masculino, já que “O protesto masculino desperta os desejos da criança que procura ultrapassar o pai em todos os aspectos, entra em conflito com ele e, assim, com o tempo, surgem traços secundários de desejos imaginários na direção da mãe (Édipo)” (Adler, 1910/2003, p. 7). Anteriormente a essa apresentação, Freud considerara Adler como o único dos psicanalistas vienenses que poderia ter suas contribuições aceitas sem censura, como escrevera em carta à Jung, mas, logo em seguida, passara a considerar suas teorias como “heréticas”.

Ainda em 1910, um mês depois da apresentação sobre o “Hermafroditismo”, ocorreu o congresso de Nuremberg, “o acontecimento mais importante no caminho para a institucionalização da psicanálise” (Handlbauer, 2005, p. 114), sendo nesse congresso que a Associação Psicanalítica Internacional foi fundada. Na época, os dois principais polos da psicanálise eram Viena e Zurique, havendo uma forte rivalidade entre eles. A proposta de Freud, que fora apresentada por Ferenczi, era de que a sede da Associação fosse Zurique, com a presidência vitalícia de Jung, que também teria poderes de “censor geral” da psicanálise. Duas principais razões motivaram essa proposta: em primeiro lugar, os analistas de Viena eram tidos como inferiores aos de Zurique e, em segundo lugar, o grande temor de Freud de que a psicanálise fosse considerada uma ciência judia e que, assim, não fosse reconhecida pela ciência oficial. Era necessário proteger as bases da psicanálise, a teoria do recalque e a etiologia sexual das neuroses, tanto de ataques internos como externos.

Esse cenário enfureceu os vienenses. Eles não aceitaram que, após tantos anos defendendo Freud e a psicanálise, a presidência do movimento fosse dada ao recém-chegado Jung. Adler, em particular, temia que houvesse censura e restrições à liberdade científica. Depois de uma longa e acalorada discussão que durou dois dias, foi aceito um acordo proposto por Freud: o presidente seria eleito para um mandato de dois anos, a sede seria a cidade do presidente e ele não teria nenhum

poder de censura. Assim, o presidente eleito foi Jung, para o desgosto dos vienenses.

Voltando à Viena, as consequências do congresso foram sentidas: a Sociedade das Quartas-Feiras precisava mudar para se alinhar com a organização internacional e deveria ser formada uma associação, para a qual Freud recomendou Adler como seu presidente. Com essa proposta, Freud esperava que Adler se sentisse na obrigação de defender suas bases comuns. Também foi criado por Adler e Stekel o *Zentralblatt für Psychoanalyse* (Folha Central de Psicanálise) como uma forma de publicar seus trabalhos sem que fosse necessário passar pelo crivo dos suíços.

Nos meses que se seguiram, Adler insistia em trazer seus novos conceitos para explicar qualquer que fosse o assunto discutido, de maneira que foram ficando cada vez mais claras suas divergências em relação à teoria freudiana. Assim, surgiu a proposta de que se discutisse profundamente a teoria de Adler, esclarecendo a relação entre o protesto masculino e o recalque. Para esse fim seriam programados quatro encontros em que Adler apresentaria suas teorias, o que o deixou esperançoso e autoconfiante, pois achava que Freud finalmente estava pronto para aceitar suas ideias. Ele não esperava o que viria, pois, de acordo com Handlbauer (2005),

Freud já estava claramente pensando em eliminar Adler. Por outro lado, Adler tinha a ilusão de que Freud procurava integrar suas abordagens. Em sua tentativa de desenvolver mais claramente suas divergências teóricas, Adler não considerava o fato de que elas poderiam levar à separação dos dois. (p. 128)

Assim, na reunião de quatro de janeiro de 1911, Adler iniciou a apresentação do trabalho “Alguns problemas em psicanálise”, publicado, posteriormente, em 1914. Na primeira reunião, o título do texto era “Sobre o papel da sexualidade na neurose”. Desta vez, ele apresentou suas ideias de maneira clara, questionando o papel da sexualidade na neurose e afirmando que o recalque e o inconsciente não eram suas causas, mas sim o sentimento de inferioridade e o protesto masculino. Este trabalho foi uma crítica à psicanálise freudiana, na qual ele pretendia mostrar o que estava subjacente às descobertas de Freud. Seu entendimento da sexualidade diferia do conceito de libido de Freud, já que, para ele, a sexualidade se reportaria

exclusivamente ao prazer dos genitais, tendo como verdadeira função fazer o homem se sentir mais masculino. Para Adler (1911a/2003),

Só o órgão sexual desenvolve o fator sexual na vida e na neurose. Como a sexualidade se relaciona com todas as pulsões e com suas causas, aplica-se de forma semelhante a todas as outras pulsões. Antes do impulso sexual chega a qualquer medida considerável, por volta do final do primeiro ano, a criança está psicologicamente bem desenvolvida. (p. 43)

Adler situava a gênese da pulsão sexual no final do primeiro ano de vida, período muito posterior ao presente nas concepções de Freud, para o qual a primeira satisfação sexual ocorreria na amamentação. A erogenicidade de um órgão seria um fenômeno posterior, fruto de sua inferioridade: “Para se tornarem erógenas, essas zonas exigem confluência de pulsões secundárias sob a pressão de falsas teorias sexuais ou de tendências conflitantes de segurança supérflua” (p. 43). Assim, ele considera um “histéron protéron”, uma inversão da ordem natural das coisas, a afirmação de que a criança é um perverso polímorfo. Embora Adler tenha sido bastante criticado por seus colegas, Freud permaneceu isento, esperando o momento para se manifestar.

Na segunda reunião, o texto apresentado foi “O protesto masculino como problema central da neurose”, onde ele tratou mais propriamente do sentimento de inferioridade e do protesto masculino. O sentimento de inferioridade viria da inferioridade orgânica e do medo da criança de ocupar um papel feminino. A esse sentimento surgiria uma oposição, o protesto masculino, entendido como uma tendência de salvaguarda, de forma que, nas palavras de Adler (1911b/2003):

Com base em minha experiência, a pessoa neuroticamente disposta, que realmente sofre constantemente, responde com um ataque agudo e crônico a cada expectativa ou a cada sentimento de humilhação. Esse ataque nos fornece o ponto no tempo a partir do qual datamos o início da neurose. Quando novas repressões pulsionais ocorrem, são manifestações colaterais que aparecem sob a crescente pressão do protesto masculino, sob pressão do desejo de estima e da tendência a estabelecer salvaguardas. (p. 54)

Essa “tendência a estabelecer salvaguardas” seria caracterizada pelo desejo de importância, de receber estima ou pelo desejo de humilhar os outros e, dessa maneira, seria possível se proteger do sentimento de inferioridade. O próprio ato sexual estaria a serviço da tendência de salvaguarda:

O menino vê ou tem uma premonição de que é uma coisa masculina estar por cima. Principalmente, é contra a mãe que ele procura estabelecer o pathos da

distância. Com ela, ele tenta interpretar o homem a fim de depreciá-la e criar-se. Ele a repreende, bate ou ri dela, não a escuta, tenta dar-lhe ordens, etc. Se a libido está envolvida em tais jogos é totalmente indiferente. (p.56)

O complexo de Édipo seria apenas um estágio do protesto masculino no qual o menino deseja ter relações sexuais com a mãe para humilhá-la. Todos os exemplos citados por Adler são de homens, nada consta acerca do protesto masculino na mulher.

Freud fez uma longa crítica à exposição de Adler, considerando que ele teria usado termos novos para falar de conceitos que já existiam como se fossem algo diferente. Também disse que o conteúdo do que Adler apresentara nada tinha a ver com a psicanálise, ou se tratava de uma psicologia do Eu, portanto da consciência, ou de considerações biológicas, sem tocar naquilo que é próprio à psicanálise, isto é, o material inconsciente. Além disso,

Freud também reconheceu nos trabalhos de Adler uma “tendência anti-sexual” e uma segunda tendência dirigida contra o valor do detalhe e contra a fenomenologia da neurose. Ele criticou a unicidade (*Einheit*) das neuroses de Adler como “a uniformidade (*Einerleiheit*) das neuroses”: “Do ponto de vista metodológico, esta tendência é deplorável: ela condena o esforço completo para a esterilidade”. (Handlbauer, 2005, p. 135).

Adler não estava preparado para as críticas de Freud e as recebeu como não merecidas, já que entendia que o fator sexual estava presente em sua teoria. Em sua opinião, suas teorias não contradiziam as de Freud, apenas desvelavam o que estaria subjacente a elas.

Na terceira e quarta reunião, os demais membros do grupo trouxeram suas contribuições. De maneira geral, os comentários eram críticos a Adler e mais alinhados com Freud, com as críticas focadas em elementos mais pontuais da teoria adleriana. Houve também eventuais elogios ao aspecto descritivo e a um ou outro conceito que poderia conter uma contribuição interessante, caso fosse pensado à luz da teoria dos processos inconscientes. Handlbauer (2005) descreve a situação ao final da quarta reunião:

Então, a discussão resultou no seguinte: Freud e a maioria dos seus alunos apresentavam os pontos de vista de Adler como incompatíveis com a psicanálise; outros como Federn, tentavam mediar sem abandonar a substância das opiniões de Freud; o próprio Adler enfatizava sua conexão com Freud; e os seus seguidores, principalmente Furtmüller, Klemperer e Grüner, mas também Stekel, estavam explicando que as opiniões de Freud e Adler eram definitivamente compatíveis. (p. 144)

Nesse contexto, foi feita uma moção para a expulsão de Adler. Tudo estava claro e ele era um herege. Adler abdicou de sua posição como presidente da Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras e, em pouco tempo, saiu de todas as organizações psicanalíticas a que pertencia junto com cinco seguidores.

Assim se encerra, no âmbito deste texto, a breve exposição da história do embate teórico entre Freud e Adler. Nosso interesse em apresentar esses dados é o de poder situar o lugar ocupado pelo sentimento de inferioridade no campo histórico-conceitual da psicanálise. Mesmo hoje, mais de cem anos depois dos eventos relatados, chama atenção que o sentimento de inferioridade seja um assunto pouquíssimo tratado pelos psicanalistas, considerando o quão presente ele é na clínica do mal-estar contemporâneo. Chama ainda mais atenção o fato de que seu “sentimento irmão”, o de culpa, é um conceito central da psicanálise. Nossa hipótese é de que o ranço pela ressonância adleriana ainda afasta os psicanalistas dele, mas também supomos que esse ranço seja injustificado. Como expusemos nesta seção, a perspectiva de Adler sobre o sentimento de inferioridade contém descrições que vão de acordo com o referencial psicanalítico: o real problema residiria em colocá-lo como produto de uma inferioridade orgânica que seria a causa das neuroses. O próprio Freud (1914c/2015), em “Introdução ao narcisismo”, reconhece a pertinência tanto do protesto masculino como do sentimento de inferioridade, mas fazendo ressalva à questão da etiologia das neuroses:

A pesquisa psicanalítica reconheceu desde o início a existência e a importância do “protesto masculino”, mas em oposição a Adler defendeu a sua natureza narcísica e sua origem no complexo de castração. Ele é da formação do caráter, na gênese do qual participa com muitos outros fatores, e não se presta em absoluto para o esclarecimento dos problemas da neurose, nos quais Adler quer considerar apenas a maneira como servem ao interesse do Eu. (pp. 38-39)

Alfred Adler sustentou, corretamente, que a percepção da inferioridade em um órgão tem efeito instigador numa vida mental ativa, suscitando um desempenho maior pela via da supercompensação. Mas seria um exagero completo fazer remontar todo bom desempenho, seguindo Adler, a essa condição de inferioridade original do órgão. ... A neurose se utiliza delas como pretexto, como faz com qualquer fator conveniente. (pp. 46-47)

Consideramos necessária esta apresentação e crítica à teoria de Adler para que possamos desfazer a errônea articulação do conceito de sentimento de

inferioridade à psicologia individual, de modo a reinseri-lo na discussão psicanalítica em termos de suas raízes libidinais.

Por outro lado, a expressão “complexo de inferioridade” não nos parece interessante. Ela foi cunhada por Adler após seu rompimento com Freud e foi bastante usada pelo senso comum. Por outro lado, Klein (1937/1996), em seu livro “Amor, culpa e reparação”, descreve o complexo de inferioridade de uma maneira que se aproxima muito da forma como apresentamos o sentimento de insegurança anteriormente:

Algumas pessoas sofrem com facilidade quando não recebem apreço, mesmo daqueles que não tem muita importância para elas; isso acontece porque em sua mente inconsciente não se sentem dignas da atenção dos outros, impressão que é confirmada quando são recebidas com frieza. Outros se sentem insatisfeitos consigo mesmos (sem nenhuma razão objetiva) das maneiras mais diversas: por exemplo, não se sentem a vontade com sua aparência, seu trabalho, ou suas habilidades em geral. Algumas manifestações desse tipo são percebidas com facilidade e receberam a denominação popular de “complexo de inferioridade”. (p. 350)

Assim, o termo “complexo de inferioridade” apresenta certas dificuldades teóricas. A própria Klein considera que essa é uma “denominação popular” e Laplanche e Pontalis (2001) escrevem que o sentido de complexo como “um conjunto mais ou menos organizado de traços pessoais” corre o risco de “uma generalização abusiva: surge, com efeito, a tentação de criar tantos complexos quantos forem os tipos psicológicos que se imaginem” (p.71). Por mais que os sentimentos de inferioridade e insegurança possam ser centrais em muitos casos, não nos parece justificado defini-los como um “complexo de inferioridade”, já que, como veremos, estamos no campo da melancolia. Além disso, a expressão “complexo de inferioridade” remete muito diretamente a Adler e à psicologia individual, o que preferimos evitar.

1.2.4 Winnicott e Laing

Em seu artigo “Ansiedade associada à insegurança”, Winnicott (1952/2000) se refere ao sentimento de insegurança como produzido por uma falha na função materna de cuidado com o bebê, que deve proporcionar segurança, no sentido de sustentação do seu corpo. Para ele, segurança e insegurança se referem à confiança que o indivíduo pode ter no ambiente, que, no começo da vida do bebê, é

representado pela mãe e pelos cuidados maternos dispensados a ele. A mãe dá sustentação ao bebê, segurando-o, já que ele ainda está desenvolvendo sua capacidade de se sustentar sozinho, de tal forma que “a ansiedade¹⁰ mais antiga é aquela relativa a sentir-se segurado de modo inseguro” (Winnicott, 1952/2000, p. 164). Num primeiro momento, é essa angústia que o cuidado suficientemente bom deve evitar, já que o aparelho psíquico do bebê não tem recursos para se defender dela.

No mesmo artigo, esse autor considera que “Isso que chamam de bebê não existe” (p. 165), já que onde há um bebê sempre há a mãe/ambiente junto, ou seja, a “dupla amamentante” (p. 165). Neste primeiro estágio do desenvolvimento do bebê, o da dependência absoluta, a mãe suficientemente boa adapta-se ativamente às necessidades do bebê, seja dando-lhe o seio quando ele tem fome seja por meio das técnicas de *holding* e *handling*, dando-lhe a sustentação e a estabilidade necessárias. Dizemos que a mãe está intimamente identificada com seu bebê, de tal forma que, no contexto desse par amamentante,

O centro de gravidade do ser não surge do indivíduo. Ele se encontra na situação global. Através do cuidado suficientemente bom, através das técnicas, da sustentação e do manejo geral, a casca passa a ser gradualmente conquistada, e o cerne (que até então nos dava a impressão de ser um bebê humano) pode começar a tornar-se um indivíduo. (Winnicott, 1952/2000, p. 166)

A capacidade de confiar advém desse cuidado suficientemente bom no início da vida do bebê, em um período que precede o estabelecimento do estado de integração e da relação objetal. Os cuidados suficientemente bons “previnem um sentimento de desintegração e de perda de contato entre a psique e o soma” (Winnicott, 1952/2000, p. 166), por meio do *holding* e *handling* apropriados, que são o primeiro ambiente do bebê e permitem que ele preserve sua experiência de continuidade e se desenvolva no sentido da integração.

¹⁰ Na tradição inglesa da tradução das obras de Freud traduz-se o termo alemão *Angst* por “anxiety”, que, ao ser vertido para o português, se torna “ansiedade”. Em concordância com Souza (2010) em “As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões”, usaremos “angústia” para verter *Angst*, de acordo com a tradução das “Obras Completas de Sigmund Freud” utilizadas prioritariamente neste trabalho. Dessa forma, esclarecemos ao leitor que ao se deparar com a palavra “ansiedade”, em uma citação de Winnicott, entenda que se trata de *Angst*, ou “angústia”. Na mesma linha, usaremos “Eu” e “Super-eu” para verter *Ich* e *Über-ich* ao invés de “ego” e “superego”. Além disso, algumas das edições das obras de Winnicott consultadas traduzem *self* por “eu”, enquanto outras mantêm a palavra em inglês, opção que também adotaremos.

Outro autor que aborda o sentimento de insegurança, e que foi útil para nossa pesquisa, é Ronald Laing (1960/1973), especialmente pelas suas contribuições em seu livro “O eu dividido, estudo existencial da sanidade e da loucura”, onde há um capítulo dedicado à “insegurança ontológica”. Ele explora a possibilidade de uma determinada organização psíquica na qual a pessoa não possui um “senso da própria personalidade integral e identidade pessoal, da permanência das coisas, da confiança nos processos naturais, da substancialidade dos processos naturais e da substancialidade dos outros ... carentes de qualquer certeza indiscutível e óbvia” (p. 41). Faltar-lhe-ia uma segurança primária ontológica, ou seja, uma segurança de si mesmo como uma unidade real, viva, completa e contínua. Sem essa segurança, ela se sentiria constantemente em perigo, ou, em suas palavras: “a pessoa ontologicamente insegura preocupa-se em preservar, mais do que gratificar-se: as circunstâncias comuns da vida ameaçam seu *baixo limiar* de segurança” (p. 45).

Aqui já podemos lançar uma primeira hipótese sobre a diferença entre os sentimentos de insegurança e de inferioridade. *Trabalharemos com a ideia de que o sentimento de insegurança teria sua raiz em um funcionamento mais arcaico, associado ao período de dependência absoluta do bebê, enquanto o sentimento de inferioridade seria fruto da tensão do Eu com o Super-eu, o que implica um momento mais avançado do desenvolvimento, no seio do complexo de Édipo. Inferioridade pressupõe um outro com qual o Eu deve se comparar para que possa se sentir inferior, enquanto a insegurança não, já que ela pode também se referir à questão da unidade do Eu.*

1.3 A proposta do termo “autossentimento” para a tradução do *Selbstgefühl*

Finalmente, na última seção deste Capítulo, vamos nos deter sobre a questão da tradução de *Selbstgefühl*, já que ela é relevante, no âmbito de nosso objeto de pesquisa. Em sua tradução para a língua portuguesa, essa palavra alemã apresenta inúmeras dificuldades. Ela é composta pelos radicais *selbst* (si) e *Gefühl* (sentimento), podendo ser traduzida literalmente como “sentimento de si”. A tradução mais comumente encontrada é “autoestima”, que não é totalmente precisa em relação ao significado do termo em alemão. Há também outras opções que são usadas por diferentes tradutores de Freud. Tendo em vista a importância do *Selbstgefühl* para este trabalho e considerando que sua tradução não foi objeto de

estudo nem por parte de Hanns (1996) nem de Souza (2010), julgamos importante realizarmos uma breve tematização da questão dessa tradução.

Na “Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud” (Freud, 1976), o termo *Selbstgefühl* sempre é traduzido por “autoestima”, sendo a mesma opção feita por Marilene Carone em sua tradução de “Luto e melancolia” (Freud, 1917[1915]b/2014). Luiz Hanns, em sua tradução das “Obras psicológicas de Sigmund Freud – Escritos sobre a psicologia do inconsciente” (Freud, 1914b/2004), traduz o termo por “autoconceito”, adicionando a seguinte nota sobre essa tradução:

Selbstgefühl, “autoconceito”; Alt.: “sentimento-se-si”; Sign.: refere-se ao grau de estima que o sujeito tem por si, mais precisamente, à valoração que faz de si, enfim, à auto-estima que expressa como o sujeito se sente a respeito de si. (Hanns, 2004, p.130)

O problema começa quando nos dirigimos às traduções de “Introdução ao narcisismo” (Freud, 1914c/2015) e de “Luto e melancolia” (Freud, 1917[1915]c/2015) realizadas por Paulo César Souza. Nessas edições, o termo *Selbstgefühl* é traduzido por “amor-próprio”, em “Introdução ao narcisismo”, e por “autoestima”, em “Luto e melancolia”. Em ambos os textos Souza insere uma “Nota do tradutor” na primeira vez em que esses termos ocorrem. Reproduzimos abaixo a nota de “Introdução ao narcisismo”:

No original: *Selbstgefühl*, que literalmente se traduziria por “sentimento de si” (como fazem o tradutor argentino e italiano); Strachey usa *self-regard*, e a versão holandesa recorre a *gevoel van genwaarde*, “sentimento do próprio valor”. As definições encontradas nos dicionários de língua alemã autorizam a versão “amor-próprio”; os dicionários bilíngues alemão-português trazem “dignidade pessoal, orgulho, consciência da própria dignidade”. (Souza, 2015a, p. 45)

E, a seguir, a que aparece em “Luto e melancolia”:

"Autoestima": *Selbstgefühl*, que também pode ser traduzido por "amor-próprio" — nas versões consultadas encontramos: "sentimento de autoestima", *amor propio*, *sentimiento de si*, *sentimento di sé*, *sentiment d'estime de soi*, *sentiment de soi*, *self-regarding feelings*; na tradução de Marilene Carone, uma nota chama a atenção para o prefixo *selbst*, para o grande número de palavras em que ele aparece, e afirma que "a profusão de termos *selbst* certamente encontra seu sentido mais profundo na articulação teórica do próprio texto e reflete a importância do movimento de retorno à própria pessoa, descrito em 'Pulsões e seus destinos' [ela prefere 'pulsão' para *Trieb*] como o segundo destino pulsional". (Souza, 2015b, p. 172)

Chama a atenção que o tradutor faça duas opções distintas para verter o mesmo termo. Em outros textos¹¹, nos quais *Selbstgefühl* aparece em seu uso corriqueiro, Souza o traduz como “autoestima”.

Mas as notas do tradutor não apresentam justificativas claras para suas escolhas. Tendo em vista que a opção por “amor-próprio” para verter *Selbstgefühl* aparece apenas em “Introdução ao narcisismo”, um texto permeado pelo amor, pelo movimento de vinculação da libido com algum objeto, parece que o tradutor faz uma opção que esteja mais de acordo com o espírito do texto. Talvez ele tenha sido inspirado pela observação de Marilene Carone acerca do *selbst* e o movimento de retorno à própria pessoa em sua tradução de “Luto e melancolia” (Freud, 1915[1917]b/2014), publicada pela editora Cosac Naify.

Independente de concordarmos ou não com as escolhas de Souza, é imperativo que, no âmbito desta pesquisa, façamos nós uma escolha de como verter *Selbstgefühl*, de modo que possa se articular ao desenvolvimento conceitual que pretendemos realizar.

Entendemos que, de partida, devemos descartar a opção por “amor-próprio”. Essa expressão seria mais precisamente usada como uma tradução literal de *Eigenliebe* (*Eigen*: próprio, relativo à posse; *Liebe*: amor), como ocorre na tradução da “Edição Standard” (Freud, 1915[1917]a/1976) e mesmo na de Paulo César Souza (Freud, 1915[1917]c/2014) de “Luto e melancolia”. *Eigenliebe* é uma expressão de baixa ocorrência na obra de Freud, embora apareça em algumas passagens significativas, como é o caso da célebre citação acerca dos três grandes golpes que a humanidade sofreu, que aparece em “Uma dificuldade da psicanálise” (Freud, 1917e/2010): “gostaria de assinalar que o *narcisismo geral*, o *amor-próprio da humanidade*, sofreu até o momento três duras afrontas por parte da pesquisa científica” (pp.244-245, grifos nossos). Reproduzimos a citação na íntegra para destacar o fato de que Freud iguala “narcisismo” e “amor-próprio”.

Outra passagem com sentido similar aparece em “Autobiografia” (Freud, 1925/2013), na qual o autor retoma o conceito de narcisismo, mas, no lugar de *Eigenliebe*, utiliza o termo *Selbstliebe* (amor a si próprio ou a si mesmo): “Esse estado pôde ser designado por ‘narcisismo’, ou *amor a si próprio*” (p. 143, grifos

¹¹ “Análise fragmentária de uma histeria” (Freud, 1905[1901]/2016], p. 271) e “O escritor e a fantasia” (Freud, 1908a/2015, p. 331), por exemplo.

nossos). Voltaremos ao tema da sobreposição entre narcisismo e amor-próprio em um momento posterior.

A questão se complica ainda mais com a seguinte passagem de “Luto e melancolia” (Freud, 1917[1915]c/2015), na qual aparece o termo “amor-próprio”:

Não é essencial, portanto, saber se o melancólico está correto em sua penosa autodepreciação, até que ponto sua crítica coincide com o julgamento dos outros. A questão é, isto sim, que ele descreve corretamente sua situação psicológica. Ele perdeu o *amor-próprio* e deve ter tido boas razões para isso. (pp. 177-178, grifos nossos)

O tradutor esclarece com uma nota: “‘Amor-próprio’: *Selbstachtung*, que nas versões consultadas foi traduzido por: ‘autorrespeito’, *propia estimación*, *respeto por si mismo*, *rispetto di sé*, *respect de soi*, idem, *selfregard*” (Souza, 2015b, p.178). Esta nos parece uma escolha intrigante, por que verter *Selbstachtung* para “amor-próprio”? Essa expressão já fora usada, além do fato de que o termo *Selbstachtung* poderia ser traduzido com muito mais precisão para “autorrespeito” sem nenhum prejuízo, como o fez Carone (Freud, 1915[1917]b/2014).

A opção por “autoestima” também traz alguns problemas. Em português, “estima” tem uma conotação de um sentimento favorável, dotado de valor ou carinhoso, diferente do *Gefühl* alemão, que não carrega nenhum matiz afetivo. Isso nos parece de especial importância, já que temos como objetivo estudar justamente os casos em que o matiz afetivo ligado ao Eu é negativo. Por um lado, poderíamos pensar que ter um *Selbstgefühl* elevado seria ter o Eu investido de libido, de amor, ou de *estima*. Por outro lado, quando pensamos em termos de um “sentimento de inferioridade”, temos um matiz específico que não se enquadra diretamente no espectro que vai de “com amor” a “sem amor”. Nada nos impede de supor que outros afetos completamente distintos estejam ligados ao Eu. Outro ponto relevante na argumentação contra a tradução por “autoestima” reside no fato de que seria importante resguardar a dimensão libidinal e afetiva de *Selbstgefühl*: afinal, ele é um *sentimento*, como *Schuldgefühl* (sentimento de culpa) e *Minderwertigkeitsgefühl* (sentimento de inferioridade).

Ainda assim, o termo “autoestima” é a tradução usual que os leitores de Freud estão acostumados a encontrar. Ela também é uma expressão de uso comum na língua portuguesa, o que pode ser uma faca de dois gumes. Por um lado, é evocativo do campo semântico com o qual estamos trabalhando, o que pode facilitar

o entendimento e o diálogo com áreas afins; mas, por outro lado, remete a conceitos e práticas de livros de autoajuda e de certas abordagens da psicologia que tendem a um entendimento da autoestima num sentido reflexivo e comportamental, implicado na relação introspectiva do eu consigo mesmo, em que se supõe que a pessoa deve realizar um esforço consciente para se amar e se aceitar, mesmo com todos os seus defeitos. Essa concepção passa longe de uma dimensão conceitual e metapsicológica, em termos do conflito do Eu com o seu ideal.

Consideramos que a opção por “autoconceito” sofre de alguns problemas similares à opção por “autoestima”, apesar de ter a vantagem de não carregar um matiz afetivo, já que “conceito” exclui o aspecto afetivo, remetendo muito mais a uma dimensão intelectual ou racional, em termos de uma representação mental do valor que o Eu tem de si, mas com certa conotação desafetada. “Autoconceito” também carrega o mesmo campo semântico próprio de abordagens diversas da psicologia e do vasto campo da literatura de autoajuda.

Outra possibilidade seria a tradução literal por “sentimento de si”. Assim estaria resolvido o problema da precisão da tradução, com certo prejuízo à atenção ao recurso estilístico de Freud, que preferia adotar palavras de uso comum em seus textos. Recurso esse que permite ao leitor ter um entendimento facilitado do que o autor está expressando.

Uma formação de compromisso possível seria a tradução pouco usual de *Selbstgefühl* por “autossentimento”¹². Essa escolha permite manter-se fiel ao sentido original da palavra, sendo praticamente uma tradução literal. Por meio do prefixo “auto” permanece o sentido de retorno à própria pessoa de *selbst* e que acompanha os outros termos que o contém, como *Selbstbestrafung* (autopunição), *Selbsteinschätzung* (autoavaliação) e *Selbstkritik* (autocrítica), para citar alguns exemplos (Carone, 2011). Além disso, também se mantém uma proximidade com o mais familiar “autoestima”, o que pode ajudar o leitor a entender mais facilmente a que a palavra se refere.

“Autossentimento” também nos ajuda a encampar as noções de “autoestima”, “amor-próprio” e “sentimento de inferioridade”, desde que eles podem ser vistos como matizes específicos do autossentimento. A expressão “diminuição da

¹² Essa escolha de tradução está presente em “Crítica da filosofia do direito de Hegel” (Marx, 1843/2010, p.155), publicado pela editora Boitempo e traduzido por Rubens Enderle e Leonardo de Deus.

autoestima” ainda é pertinente, pois ela se refere à diminuição da estima do Eu por si mesmo, a um sentimento específico do Eu, sem eclipsar conceitualmente a miríade de outras tonalidades afetivas passíveis de estarem ligadas ao Eu. *A palavra “autossentimento” remeteria a todo o conjunto de sentimentos do Eu em relação a si próprio.* Dessa forma, a escolha por “autossentimento” nos permite maior flexibilidade ao tratar do tema, já que podemos continuar usando as expressões mais despretensiosas ou situacionais, inclusive como um recurso metonímico, e, ainda, uma opção mais formal e precisa para ser articulada à rede conceitual da metapsicologia freudiana.

2 DIFICULDADES NA DIMENSÃO AFETIVA DA METAPSICOLOGIA

O conceito de afeto (*Affekt*) frequentemente aparece nos textos freudianos ao lado da expressão sentimento (*Gefühl*), por vezes como sendo sinônimos. De acordo com Barros (1975, 1999), a palavra afeto é “um dos termos mais confusos do vocabulário psicanalítico” (p. 58) já que:

Além de entrar na composição de vários construtos psicanalíticos (*Affektgrösse*, *Affektbetrag*, *Affektbildung*, etc.) a palavra *Affekt* é usada como sinônimo, ora de um, ora de outro, desses construtos, o que geralmente ocorre despercebido do próprio Freud. Qual a diferença, afinal, entre um *afeto* que pode ficar estrangulado, e um *afeto* que pode ser percebido como penoso? Ou entre o *afeto* que pode ser reprimido (e “retornar”, como afeto obsessivo) e o *afeto* que foi separado de uma ideia incompatível e, subsequentemente, convertido (ou deslocado, ou transformado em angústia)? Qual a diferença entre a *cota de afeto* e a *quantidade de afeto*? Ou entre *descarga visceral* (que constitui um *afeto*) e o *resíduo da experiência de dor* (que também é chamado de *afeto*)? (pp.59-60)

Na 25ª das “Conferências introdutórias à psicanálise: a angústia” (Freud, 1917c/2014), encontra-se a seguinte descrição de afeto:

Mas o que é um afeto, no sentido dinâmico do termo? De todo modo, é algo composto. Um afeto compreende, em primeiro lugar, determinadas inervações motoras ou descargas; em segundo, certas sensações de dois tipos distintos: as percepções das ações motoras ocorridas e as sensações diretas de prazer e desprazer que dão o tom, como se diz, ao afeto. Não acredito, porém, que com essa enumeração cheguemos à essência do afeto. Em alguns afetos, acreditamos enxergar mais fundo e reconhecer que o núcleo que sustenta o conjunto é a repetição de determinada vivência cheia de significado. Ela poderia ser apenas alguma impressão bastante precoce e de natureza muito geral, que deve ser situada não na pré-história do indivíduo, mas na da espécie. Para dizê-lo de forma mais compreensível: o estado afetivo seria construído como um ataque histérico, seria, como esse, o precipitado de uma reminiscência. O ataque histérico é comparável, portanto, a um afeto individual recém-formado, e o afeto normal, à expressão de uma histeria geral que se tornou herança. (pp 523-524)

Ainda assim, não há uma definição metapsicológica pormenorizada da noção de afeto em seus múltiplos sentidos, de forma que se torna imperativo que procuremos clarificar as diferenças entre essas concepções antes de começarmos nossa investigação sobre os sentimentos de insegurança, de inferioridade e o autossentimento.

Dessa forma, antes de dirigirmos nossa atenção ao conceito de afeto propriamente dito, será preciso fazer um breve preâmbulo em torno do conceito de representação (*Vorstellung*¹³), já que eles estão intimamente relacionados, por serem os dois representantes (*Repräsentanz*¹⁴) da pulsão. Depois, vamos nos voltar à questão da polissemia do termo afeto na obra de Freud e das diversas palavras compostas por este termo, articulando-o com o conceito de libido e a dimensão *quantitativa* dos afetos. Por fim, trataremos da dimensão *qualitativa* dos afetos, levantando alguns dos afetos e sentimentos mais discutidos por Freud, lançando uma luz sobre suas propriedades e mecanismos, de forma a tentar organizá-los em categorias que possam nos ser úteis para, posteriormente, discutir o autossentimento e o sentimento de insegurança.

2.1 Algumas questões preliminares acerca do conceito de representação na obra freudiana

O conceito de representação aparece inicialmente no texto “Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico” (Freud, 1891/2014), na composição dos termos representação-palavra (*Wortvorstellung*) e representação-objeto (*Objektvorstellung*). Sua articulação foi ilustrada por Freud por meio do seguinte esquema, acompanhado de sua legenda:

Figura 1 – Esquema psicológico da representação-palavra

Fonte: Freud (1891/2014, p. 95)

¹³ Esclarecemos que utilizaremos o termo “representação” para traduzir *Vorstellung*, ao invés de “ideia”, conforme a edição das “Obras Completas” editadas pela Companhia das Letras, que utilizamos preferencialmente neste trabalho; por essa razão o termo “ideia” deve aparecer nos títulos das obras e em citações. Como não é nosso objetivo tematizar essa tradução, remetemos o leitor para os trabalhos de Hanns (1996) e Souza (2010).

¹⁴ Não pretendemos tematizar a questão da problemática da tradução de *Vorstellung* e de *Repräsentanz*. Neste trabalho, “representação” sempre será equivalente a *Vorstellung* e “representante” a *Repräsentanz*. Para mais detalhes, remetemos o leitor para os trabalhos de Hanns (1996) e Souza (2010).

A representação-palavra aparece como um complexo representativo fechado; a representação objeto, por sua vez, como um aberto. A representação-palavra não está ligada à representação-objeto a partir de todos os seus componentes, mas apenas a partir da imagem acústica. Entre as associações de objeto, são as visuais que representam o objeto de forma semelhante à forma como a imagem acústica da palavra com outras associações. As ligações da imagem acústica da palavra com outras associações de objetos não estão aqui indicadas. (p. 95)

A representação-palavra se refere a um conjunto de exatamente quatro componentes, formando um complexo fechado, ou seja, não são admitidos novos elementos no complexo.

A representação-objeto, por outro lado, forma um complexo aberto composto de impressões e associações atinentes ao objeto (visuais, táteis, acústicas, bem como suas associações com outros objetos), podendo receber, continuamente, novos elementos. Cada elemento desse complexo teria origem no investimento de uma marca deixada no aparelho de memória por uma percepção, registrada como um traço mnêmico (*Erinnerungsspur*). Deve-se acrescentar ainda que “O termo representação de objeto não se refere à coisa ou ao referente, mas sim, na sua relação com a representação da palavra, designa o significado” (Loffredo, 1999, p. 173). No texto sobre as “Afasias” estão em jogo, sobretudo, as relações linguísticas entre representação-objeto e representação-palavra.

Da íntima associação dos elementos da representação-objeto e da ligação deles à representação-palavra se formaria uma representação discreta, como se a representação-palavra, por meio de sua imagem acústica, “amarrasse” esses traços, formando esse conjunto, uma representação do objeto. Na sequência do texto sobre as “Afasias”, Freud (1891/2014) nomeia como “simbólica” a relação entre a representação-palavra e a representação-objeto. Essa concepção, desenvolvida em 1891, vai permear toda a obra de Freud e será o princípio fundamental da psicoterapia da histeria, tendo em vista que é pelo processo de simbolização que uma representação inconsciente pode vir à consciência.

Em “Projeto para uma psicologia científica”, Freud (1895c/2003) apresenta um terceiro tipo de representação, a representação-coisa (*Dingvorstellung*). Conforme aponta Loffredo (1999, 2017), a representação-coisa está articulada à “possibilidade permanente de sensação” presente no associacionismo nominalista de John Stuart

Mill, filósofo que teve uma importante influência no pensamento de Freud, já que se reporta a ele em “Afasias”, justamente no “Esquema psicológico da representação-palavra”. A “possibilidade permanente de sensação” seria uma característica da matéria, já que a coisa, enquanto existe, tem o potencial de oferecer ao sujeito sensações perceptuais constantemente, mesmo que ele não esteja lá para percebê-la. Da perspectiva do sujeito, haveria “confiança” na existência da coisa: “A confiança da humanidade na existência real de objetos visíveis e tangíveis significa a confiança na realidade e permanência de possibilidades de sensações visuais e tácteis, quando nenhuma dessas sensações é realmente experienciada” (Mill, 1974b, p. 267).

A representação-coisa seria, então, a expressão da crença na possibilidade permanente de sensação. Para Loffredo (1999), “A pulsão é uma representação de coisa, na medida em que oferece a possibilidade permanente de sensação, que a ela se associa, como um invariante (a pulsão é uma força *constante*)” (p. 174), na medida em que, na forma de um de seus atributos – a fonte –, ela se vincula à excitação somática advinda do corpo. Assim, na perspectiva do “Projeto”:

Na vivência de satisfação, por exemplo, temos quatro representações: a de coisa, representante da pulsão; a de objeto, representa o objeto desejado; a de palavra, representa a palavra ouvida; e a quarta, que indica que parou o processo de somação no aparelho psíquico. Como estão em relação de contigüidade (Mill, 1974a, p.258), ao serem evocadas, terão ocupação simultânea e é para esta ocupação simultânea que Freud usa o termo desejo. (Loffredo, 1999, pp. 174-175)

Ainda de acordo com essa autora, a representação-coisa possui três propriedades: ela “representa uma possibilidade geral de sensação, portanto não pode apresentar nenhuma propriedade qualitativa, sensorial” (p.180), ou seja, ela seria um nome não-conotativo¹⁵ capaz de predicar, mas que não pode ser predicado; desempenha um papel causal, “Isto é, a causa da presença da

¹⁵ A expressão “nome não-conotativo” também remete à filosofia de John Stuart Mill. De maneira resumida: “Termo não-conotativo é aquele que denota um sujeito somente, ou um atributo apenas. Conotativo é o termo que denota um sujeito e implica um atributo. Por sujeito é preciso entender qualquer coisa que possua atributos. Assim, João, Londres ou Inglaterra são nomes que denotam um sujeito apenas. Brancura, comprimento, virtude, denotam um atributo apenas. Nenhum desses nomes, portanto, é conotativo. Mas branco, comprido, *virtuoso*, são conotativos” (Mill, 1974a, p. 98).

representação de objeto no manto é a ocupação em ψ nuclear” (p. 180); e se remete a um objeto externo¹⁶.

É apenas no ensaio sobre “O inconsciente” que Freud (1915c/2015) apresenta uma síntese sobre os três tipos de representação:

Agora o que poderíamos chamar de representação consciente do objeto se decompõe para nós em *representação da palavra* e em *representação da coisa*, que consiste no investimento, se não das imagens mnemônicas diretas das coisas, ao menos de traços mnemônicos mais distantes e delas derivados. (p. 146)

Dessa forma, a representação-objeto de “Afásias” passa a ser a representação-coisa, enquanto representação-objeto passa a designar o conjunto formado pela representação-coisa associado à representação-palavra. A representação-palavra seria típica do sistema *Pcs/Cs* e apenas a representação-coisa poderia ser *Ics*, conforme explicita o autor:

a representação consciente abrange a representação da coisa mais a da palavra correspondente, e a inconsciente é apenas a representação da coisa. O sistema *Ics* contém os investimentos de coisas dos objetos, os primeiros investimentos objetais propriamente ditos; o sistema *Pcs* surge quando essa representação da coisa é sobreinvestida mediante a ligação com as representações verbais que lhe correspondem. São esses sobreinvestimentos, conjecturamos, que levam a uma mais alta organização psíquica e tornam possível a substituição do processo primário pelo processo secundário dominante no *Pcs*. (pp. 146-147)

Adiante, Freud considera que essa ligação entre representação-palavra e representação-coisa “não coincide com tornar-se consciente, e apenas fornece a possibilidade para isso, ou seja, que não caracteriza nenhum outro sistema se não o *Pcs*” (p. 148). Para que a representação-objeto situada no sistema *Pcs/Cs* possa vir à consciência seria necessário ainda seu investimento, ou ativação, por uma quantidade de libido, seu aspecto econômico.

Assim, na tentativa de explicação da transposição de uma representação do sistema *Ics* para o *Pcs/Cs*, Freud abandona tanto sua hipótese tópica como a hipótese funcional:

Na hipótese tópica, haveria duas transcrições do mesmo conteúdo em lugares diferentes, uma no *Icc*, outra no *Cc* (*Prcc*); na hipótese funcional, haveria uma

¹⁶ Não é nosso objetivo efetuar uma apresentação dos sistemas neurônicos desenvolvidos por Freud (1895c/2003) no “Projeto”, de forma que remetemos o leitor para a parte I desse trabalho, onde o autor apresenta as características dos sistemas ϕ , ψ (do núcleo e do manto), e ω .

mudança de estado, através das magnitudes em jogo, que ocorreria sobre o mesmo material e na mesma localidade. (Loffredo, 1999, p. 181)

Em seu lugar, adota a posição de que a transposição entre o sistema *Ics* e *Pcs/Cs* corresponderia à ligação da representação-coisa à representação-palavra correspondente, formando a representação-objeto.

Diferentes representações formariam cadeias associativas que seriam ligadas em uma linha, como se fossem os elos de uma corrente. Esses elos poderiam ser percorridos pela energia do aparelho psíquico que circularia livremente, caso não fosse impedida por algum processo. Assim, essa energia poderia se deslocar associativamente e ser descarregada em outro ponto da cadeia que fosse mais favorável. Essas cadeias associativas formariam conjuntos em forma de redes, como escreve Freud em “A interpretação dos sonhos” (1900/1976):

A conexão lógica corresponde não apenas a uma linha dobrada em ziguezague, mas antes a uma linha ramificada e, muito particularmente, a um sistema de linhas convergentes. Ela apresenta pontos nodais, nos quais dois ou mais fios se encontram para, a partir dali, prosseguirem unidos; e no núcleo desembocam, em regra, vários fios seguindo independentes uns dos outros ou ligados aqui e ali por caminhos laterais. (pp. 406-407)

Quanto mais elementos uma representação estiver associada, maior será sua importância na rede: “encontramos representações que, como pontos nodais ou resultados finais de cadeias inteiras de pensamento, possuem um alto grau de significação psíquica” (Freud, 1900/1976, p. 540).

Reunindo essas considerações com aquelas que sintetizam os conceitos de representação, presentes no ensaio sobre “O inconsciente”, parece que há dois níveis de complexos formados por representações. No nível inferior, os elementos da representação-coisa se associam entre si e à representação-palavra, formando uma unidade, a representação-objeto. No nível superior, as representações-objeto se ligam formando cadeias ou redes associativas. Podemos pensar ainda que as associações poderiam ocorrer de várias formas: determinada representação-objeto se associaria com outra por um vínculo global (da unidade da representação); ou por meio de um de seus elementos, de traços e características que um objeto compartilha com outro; ou por sua representação-palavra.

Com o desenvolvimento do conceito de pulsão em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905/2016), a representação (*Vorstellung*) passará a

ocupar um novo papel de destaque na teoria psicanalítica. A primeira definição de pulsão apresentada nos “Três ensaios” é a seguinte:

Por "instinto" [*Trieb*] não podemos entender, primeiramente, outra coisa senão o representante psíquico de uma fonte endossomática de estímulos que não para de fluir ... Assim, "instinto" é um dos conceitos na demarcação entre o psíquico e o físico. (Freud, 1905/2016, pp. 66-67)

Já nos “Ensaio de metapsicologia” de 1915 encontram-se duas definições para o conceito de pulsão. A primeira, presente em “Instintos e seus destinos” (Freud, 1915a/2015), é equivalente àquela presente em “Três ensaios”:

“instinto” nos aparece como um conceito-limite entre o somático e o psíquico, como o representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida do trabalho imposto à psique por sua ligação com o corpo. (p. 57)

Já na segunda definição, que aparece em “O inconsciente” (Freud, 1915c/2015), se refere aos dois representantes (*Repräsentanz*) da pulsão, o representante-representação (*Vorstellungrepräsentanz*) e ao representante-afetivo (*Affektepräsentanz*¹⁷):

Um instinto não pode jamais se tornar objeto da consciência, apenas a ideia que o representa. Mas também no inconsciente ele não pode ser representado senão pela ideia. Se o instinto não se prendesse a uma ideia ou não aparecesse como um estado afetivo, nada poderíamos saber sobre ele. (pp. 114-115)

De acordo com Loffredo (2014): “há uma clara justaposição entre pulsão e representante psíquico na primeira definição e uma clara distinção entre ambos na segunda” (p. 25). Ainda assim, as duas definições não são excludentes, já que, pela primeira definição, temos que a pulsão é o representante da excitação somática no *aparelho psíquico*; enquanto que, pela segunda, afeto e representação seriam os representantes da pulsão para a *consciência*. Dessa forma, haveriam dois registros de representatividade em jogo nas duas definições de pulsão, já que a noção de *Repräsentanz* “significa uma espécie de delegação no psiquismo de uma excitação somática. Essa delegação pode se dar na forma de afeto – o que constitui um representante afetivo – ou de representação – o que constitui o representante ideativo” (Campos, 2011, p. 855). Ou seja, a excitação somática é representada no

¹⁷ Conforme apontam Laplanche e Pontalis (2001), esse termo não é empregado por Freud, mas pode ser formado por simetria ao *Vorstellungrepräsentanz*.

aparelho psíquico por meio da pulsão que, por sua vez, só pode ser compreendida pela consciência por meio de seus dois representantes, ou delegados: afeto e representação.

Em “Instintos e seus destinos” (Freud, 1915a/2015) são apresentados os *atributos* da pulsão. Ela tem origem no interior do organismo, “num processo somático num órgão ou parte do corpo” (p. 59) que é sua *fonte*. Dela, flui a excitação que “não atua jamais como uma *força momentânea de impacto*, mas sempre como uma força *constante*” (p. 54). Essa força, ou *impulso*, vai se acumulando até um momento em que é percebida pelo aparelho psíquico que se encarregará de descarregá-la, reduzindo-a ao menor nível possível. A descarga, ou satisfação, é a *meta* da pulsão, que pode ser atingida por diversos caminhos ou “metas intermediárias” (p. 58). A pulsão pode atingir sua meta por meio de um *objeto*, que:

É o que mais varia no instinto, não estando originalmente ligado a ele, mas lhe sendo subordinado apenas devido à sua propriedade de tornar possível a satisfação. Não é necessariamente um objeto estranho, mas uma parte do próprio corpo. Pode ser mudado frequentemente, no decorrer das vicissitudes que o instinto sofre ao longo da vida; esse deslocamento do instinto desempenha papéis dos mais importantes. Pode ocorrer, que o mesmo objeto se preste simultaneamente à satisfação de vários instintos, o caso do “entrelaçamento instintual”, segundo Alfred Adler. (pp. 58-59)

O conceito de “objeto”, enquanto *atributo* da pulsão, não corresponde ao de “representação”, seu *componente* ou *representante*. Por objeto, entende-se, num primeiro momento, uma entidade concreta que pode ser *percebida* e com a qual pode ocorrer a satisfação do impulso, podendo ser uma parte do próprio corpo, uma pessoa ou qualquer outra coisa, *incluindo uma representação*:

A formulação sobre o vínculo entre percepção e objeto, presente sobretudo nos textos iniciais de Freud, apresenta o objeto como sendo por um lado um objeto externo e real, oferecendo ao sujeito — ou à consciência — o critério de realidade, e de outro lado como sendo um objeto psíquico e então trata-se fundamentalmente de representações (*Vorstellungen*). Nesse plano, Freud não se distingue de boa parte da tradição psicológica, em que objeto é objeto empírico e a representação seria uma representação do objeto real externo. ... Mas Freud (1915/1972 e 1923/1972) introduz uma novidade, em termos de teorias clássicas da percepção, ao deixar aberta a possibilidade de percepções inconscientes. E nesta medida permite que se postule o reconhecimento de que nenhuma percepção garante um acesso objetivo à realidade, não cabendo, assim, reconhecimentos definitivos sobre a objetividade das percepções. (Coelho Jr., 2001, pp. 45-46)

A experiência de satisfação com determinado objeto deixará um traço mnêmico, cuja ativação por um investimento evocará a representação. Ou seja, uma experiência de satisfação com determinado objeto produz uma *memória* dele, de forma que, quando surgir um novo acúmulo de excitação, esse traço mnêmico será ativado, levando o sujeito a buscar o objeto a que ele se refere. Sobre esse processo, Freud (1900/1976) escreve em “A interpretação dos sonhos” que

Uma moção dessa espécie é o que chamamos de desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo e o caminho mais curto para essa realização é a via que conduz diretamente da excitação produzida pelo desejo para uma completa catexia da percepção. Nada nos impede de presumir que tenha havido um estado primitivo do aparelho psíquico em que esse caminho era realmente percorrido, isto é, em que o desejo terminava em alucinação. Logo, o objetivo dessa primeira atividade psíquica era produzir uma “identidade perceptiva” – uma repetição da percepção vinculada à satisfação da necessidade. (p. 516)

Mas repetição da percepção não necessariamente põe fim ao acúmulo de excitação, de forma que pode ser preciso um objeto concreto para que seja realizada a descarga, como no caso da necessidade de alimentação, por exemplo. O importante é que ele seja capaz de satisfazer a pulsão, independentemente de ser aquele à que a representação se referia originalmente. Em outras palavras,

O objeto é variável e indeterminado, mas *é o que permite satisfação às pulsões*. Os objetos pulsionais tendem a ser objetos parciais, como por exemplo partes do corpo. Não precisam ser objetos reais presentes, podem ser objetos fantasiados, o importante é que sejam objetos que garantam a satisfação. (Coelho Jr., 2001, p. 44)

Na operação do recalque, os dois representantes da pulsão são separados, de forma que o representante-representação é mantido inconsciente, enquanto o afeto, por outro lado, terá um destino que deve ser acompanhado separadamente, de acordo com Freud (1915b/2015) no ensaio sobre “A repressão”:

Para designar esse outro elemento da representante psíquica já se encontra estabelecido o termo de montante afetivo; ele corresponde ao instinto, na medida em que este se desligou da ideia e acha expressão, proporcional à sua quantidade, em processos que são percebidos como afetos. De agora em diante, ao descrever um caso de repressão, teremos de acompanhar separadamente aquilo em que resultou a ideia, devido à repressão, e o que veio a ser da energia instintual que a ela se ligava. (pp. 91-92)

Assim, continuaremos nossa investigação seguindo o caminho do afeto, no sentido desta “energia instintual”, após se separar da representação.

2.2 Sentimento, afeto e libido

No capítulo III do ensaio sobre “O inconsciente”, Freud (1915c/2015) levanta a questão da existência ou não de afetos inconscientes em função da expressão comum entre os psicanalistas em referência a um “sentimento de culpa inconsciente”. Queremos destacar que o nome do capítulo é justamente “Sentimentos inconscientes” (*Unbewußte Gefühle*), o que já indica certa imprecisão na delimitação dos dois termos. Sendo o afeto (mais especificamente o *Affektgrösse*, quantidade de afeto) um dos representantes da pulsão, ao lado do representante-representação (*Vorstellungrepräsentanz*), Freud se indaga sobre o destino da quantidade de afeto quando a representação se torna inconsciente pela operação do recalque. Ele deixa claro que “Um instinto não pode jamais se tornar objeto da consciência, apenas a ideia que o representa” (p. 114), como já apresentamos anteriormente. O mesmo vale para o afeto, já que “é da natureza de um sentimento que ele seja sentido, isto é, que se torne conhecido da consciência” (p. 115). Essa quantidade de afeto, como o nome sugere, é o fator quantitativo da pulsão, cujo destino Freud (1915b/2015) indica no ensaio sobre “A repressão”:

O destino do fator *quantitativo* da representante instintual pode ser triplo, como nos ensina um rápido exame das experiências reunidas na psicanálise. O instinto é inteiramente suprimido, de modo que dele nada se encontra, ou aparece como um afeto, qualitativamente nuançado de alguma forma, ou é transformado em angústia. (p. 92)

Fica claro por essa passagem que o fator quantitativo difere do fator qualitativo, de maneira que parece que esse “afeto qualitativamente nuançado” deve ser investido pelo fator quantitativo. Voltemos ao ensaio sobre “O inconsciente”, no qual Freud (1915c/2015) apresenta a seguinte conclusão sobre a expressão de “afetos inconscientes”:

A rigor, e embora esse modo de falar continue sendo irrepreensível, não existem afetos inconscientes. Mas bem pode haver, no sistema *Ics*, *formações afetivas* que, como outras, tornam-se conscientes. Toda a diferença vem de que ideias são investimentos – de traços mnemônicos, no fundo –, enquanto os afetos e sentimentos correspondem a processos de descarga, cujas expressões finais são percebidas como sensações. (p. 116-117, grifos nossos)

Aqui aparece a noção de formação afetiva ou estrutura afetiva (*Affektbildung*), que pode ser entendido como uma estrutura que dá o aspecto qualitativo da descarga do afeto, descrito por Freud (1926/2016) em “Inibição, sintoma e angústia” como “reproduções de experiências antigas, de importância vital, eventualmente pré-individuais, ... como ataques histéricos universais, típicos, inatos” (p. 73).

Segundo Barros (1975, 1998), a estrutura afetiva se forma e opera como engrama inconsciente fixo que, quando energizado, se apresenta como um estado afetivo, da mesma forma que o traço mnêmico energizado se apresenta como representação. Nas palavras do autor:

Assim como a *percepção* dos objetos do *mundo exterior* (*Wahrnehmung*) deixa um resíduo mnêmico (*Erinnerungsspur*), também a *percepção* das oscilações tensionais e das descargas viscerais, do *mundo endógeno* (*Empfindung*), é acompanhada de um outro tipo de resíduo mnêmico, a *estrutura afetiva* (*Affektbildung*). ...

Em outras palavras, uma *memória cognitiva* (*Erinnerungsspur*) é uma estrutura neural que, energizada por um *afeto* (*Affektgrösse*), durante os processos de evocação ou (re)percepção, adquire uma certa intensidade psíquica (*Affektbetrag*) – apresentando-se então, como uma experiência psíquica, *ideacional* (*Vorstellung*), ou *perceptual* (*Wahrnehmung*).

Do mesmo modo, uma *estrutura afetiva* (*Affektbildung*) é uma estrutura neural que, energizada por um *afeto* (*Affektgrösse*), durante os processos de evocação ou (re)percepção, adquire uma certa intensidade psíquica (*Affektbetrag*) – apresentando-se então, como uma experiência psíquica, *emocional* (*Affektzustand*) ou *endo-perceptual* (*Empfindung*). (Barros, 1975, pp. 60-61)

São essas estruturas afetivas que dão o caráter qualitativo de determinado afeto, enquanto a quantidade de afeto (*Affektgrösse*), como o próprio nome já diz, se refere ao caráter quantitativo: a intensidade (*Affektbetrag*) do estado afetivo (*Affektzustand*). Nesse sentido, o estado afetivo é um processo consciente, enquanto a estrutura afetiva pode ser inconsciente quando não está energizada por uma quantidade de afeto, como quando está recalcada, por exemplo.

Dessa forma, será possível traçarmos uma diferenciação entre *afeto* e *sentimento* (*Gefühl*); sentimento seria equivalente a estado afetivo, já que este só existe enquanto experiência psíquica oriunda do investimento de uma estrutura afetiva específica por uma quantidade de afeto. Parece-nos que é através deste prisma que devemos olhar para o autossentimento, incluindo os sentimentos de inferioridade e de insegurança, além do sentimento de culpa. Ou seja, segundo essa

perspectiva teórica, *trata-se de investigar que elementos constituem as estruturas afetivas que, quando ativadas, produzem esses sentimentos.*

Assim, podemos entender o que Freud quer dizer quando afirma que, a rigor, não há sentimento de culpa inconsciente. O que poderia existir é uma estrutura afetiva associada a uma memória que fora recalçada, de forma que reinvestir essa memória traria à tona o sentimento associado a ele. O dito “sentimento inconsciente” não passaria de um *sentimento potencial*, já que “a supressão do desenvolvimento do afeto é o verdadeiro objetivo da repressão” (Freud, 1915b/2015, p. 116). A operação do recalque, tendo em vista a conceituação de estruturas afetivas, é mais bem detalhada por Loffredo (1975):

Podemos supor que há no sistema lcs., representando a pulsão, duas estruturas (engramas), uma ideacional e outra afetiva, que denominamos respectivamente, memória e estrutura afetiva. Esses engramas, quando ativados, isto é, catexizados, correspondem a uma idéia e a um estado afetivo, que são os componentes do impulso instintivo. O processo de repressão consistiria na separação dessas estruturas de suas respectivas catexes. A energia assim liberada se deslocaria para outras estruturas ideacionais e afetivas, estando nesse deslocamento a explicação da formação das idéias substitutivas nas neuroses e as vicissitudes possíveis para o componente afetivo do impulso. O termo reprimido aplica-se, portanto, tanto à estrutura ideativa como à estrutura afetiva, que permanecem decatexizadas. (p.22)

Uma vez recalçadas, as estruturas representacionais e afetivas permanecem no sistema lcs, de forma que fica impossibilitado seu investimento e, portanto, sua manifestação como um “sentimento” ou um “estado afetivo”, graças aos contrainvestimentos lançados pelo Eu. Parece-nos que a estrutura afetiva seria uma espécie de representação-coisa, no sentido de que ela também representa uma possibilidade permanente de sensação e é um nome não-conotativo que denota um atributo específico da representação. Lembremo-nos que: “Termo não-conotativo é aquele que denota um sujeito somente, ou um atributo apenas. ... Brancura, comprimento, virtude, denotam um atributo apenas. Nenhum desses nomes, portanto, é conotativo. Mas *branco, comprido, virtuoso*, são conotativos” (Mill, 1974a, p. 98). Uma estrutura afetiva de “angústia”, por exemplo, denota tão somente que sua representação associada possui o atributo de produzir angústia, que é *angustiante*. Acerca da relação entre sensações e atributos, Mill (1974a) afirma que:

Pois se nós não conhecemos nem podemos conhecer nada dos corpos além das sensações que eles excitam em nós ou em outros, essas sensações

devem ser o que podemos, na realidade, significar pelos seus atributos; e a distinção que fazemos verbalmente entre as propriedades das coisas e as sensações que recebemos delas deve ter origem mais na comodidade do discurso do que na natureza do que é significado pelos termos. (p. 116)

Dessa forma, a estrutura afetiva enquanto produzida por uma sensação do mundo endógeno (*Empifindung*) significaria um atributo de um objeto percebido no mundo exterior (*Wahmehmung*) – o atributo de provocar um determinado estado afetivo.

Temos então dois tipos de *resíduos mnêmicos*: o traço mnêmico (*Erinnerungsspur*), que, quando energizado por uma quantidade de afeto, produz uma representação; e a estrutura afetiva (*Affektbildung*), que, quando energizada por uma quantidade de afeto, produz um estado afetivo.

Ainda assim, esses dois tipos de resíduos não operam da mesma forma. Diferente do que ocorre com a representação-coisa, a associação da estrutura afetiva com uma representação-palavra não parece ser a condição necessária para que o estado afetivo possa se desenvolver e ser percebido pela consciência. Podemos pensar num exemplo ilustrativo, como o de um adolescente que tem fortes reações emocionais à presença de uma colega, mas que ainda não consegue dizer que está apaixonado por ela. Neste caso, o adolescente claramente *sente algo*, ou seja, o estado afetivo fora evocado, mas ele não consegue *dizer* o que sente, não pode *nomear* o estado afetivo que o acomete quando ele está perto de sua colega. Apesar disso, ele poderia reconhecer as características desse estado afetivo – enrubescimento, aumento da frequência cardíaca, por exemplo – e, mesmo assim, não associar todos esses elementos e dizer “estou apaixonado por ela”.

Devemos esclarecer, entretanto, que ainda que “dar nome” a um sentimento pareça ter uma função importante no sentido de permitir a descarga dessa quantidade de afeto, não está no escopo deste trabalho investigar os mecanismos da nomeação dos afetos. Apenas a título de exemplo, podemos supor que, se um terceiro disser ao nosso adolescente apaixonado do que se trata seu estranho estado emocional, ele poderá, se tudo correr bem, tentar dar algum encaminhamento a esses sentimentos.

O vínculo com uma representação-objeto também não precisa estar presente, como vemos no caso de um mal-estar indistinto que acomete o sujeito sem que ele saiba por que ou de onde vem sua aflição. A noção de uma angústia flutuante, de

um mal-estar indistinto e sem objeto, está presente em diversos momentos da obra freudiana, como veremos adiante. Por ora, basta considerarmos que, quando o recalque incide sobre uma pulsão, seu representante-representação ficará inconsciente, mas a quantidade de afeto liberada poderá emergir na consciência por meio de estruturas afetivas de angústia independentemente da ligação com uma representação-objeto.

Tendo clareado a distinção entre os termos compostos derivados de afeto, queremos esclarecer que, quando usarmos a palavra *afeto* sem especificação, estaremos nos referindo tanto a *estrutura afetiva* como ao seu *estado afetivo* correspondente de maneira *indistinta*. Esse uso se justifica pelo fato de que, eventualmente, pode não ser possível nem relevante precisar se determinado afeto está ativado ou não, já que a ênfase recairá em sua vinculação com uma representação.

As estruturas afetivas que não foram recalçadas estariam no sistema *Pcs/Cs*, junto de suas representações associadas, aguardando serem investidas. Desse modo, quando ocorre o investimento de uma estrutura afetiva, ela pode vir à consciência como um estado afetivo, já que o seu desenvolvimento não apresenta perigo. O perigo seria a associação da representação com um afeto classificado como penoso:

uma memória é *traumática* porque está associada a uma *Affektbildung*, qualitativamente penosa: – evocando-se a *idéia* que corresponde a essa memória, evoca-se, também (associativamente), o *estado afetivo*, percebido pelo “ego”, como penoso (*senal de angústia*, nas formulações posteriores). É claro que essa evocação, da *idéia* e do *estado afetivo*, se realiza mediante a adição do *Affektgrösse* às estruturas mnêmicas *associadas entre si* (*memória e estrutura afetiva*). (Barros, 1975, p. 62)

A representação, portanto, deve ser recalçada por seu vínculo associativo com o afeto penoso, já que evocar a representação é evocar também o afeto. Nas palavras de Freud (1885/2016), em “Estudos sobre a histeria”: “O motivo da própria repressão só podia ser uma sensação de desprazer, a incompatibilidade da ideia a ser reprimida com a massa de ideias dominante no Eu” (p. 169). A pergunta que se segue é: o que confere à estrutura afetiva sua qualificação como *penosa*? Seria a sensação de desprazer evocada pela estrutura afetiva penosa a mesma sentida pelo acúmulo de tensão no aparelho psíquico?

Voltemos nossa atenção para essa tensão. A quantidade de afeto confere à estrutura afetiva uma soma de excitação ou cota de afeto (*Affektbetrag*) que, de acordo com Barros, é uma propriedade intensiva¹⁸, correspondente à relação entre a quantidade de investimentos e a capacidade de resistência do aparelho psíquico:

Cota de Afeto (*Affektbetrag*) ... vai ser claramente definida no segundo trabalho sobre a Neurose de angústia, em 1895, como um certo “fator quantitativo” correspondente à relação entre a *carga total de excitação somática sexual* e a capacidade de resistência do sistema nervoso. Ou, como dirá em seus escritos posteriores, a Soma de Excitação corresponde à *relação* entre a quantidade de catexias e a estrutura do ego; entre a Quantidade de Excitação (*Erregungsgrösse*) e a capacidade do aparelho psíquico; entre a magnitude dos “instintos” e a força do ego; etc. (Barros, 1975, p. 51, itálicos do autor e sublinhados nossos)

Não fica claro no que consistiria essa força, capacidade ou estrutura do Eu. Ela parece estar articulada ao limiar de quanta excitação pode ser suportada até que ela seja sentida como desprazerosa. A expressão “capacidade” parece remeter à quantidade de afeto que pode ser armazenada no Eu, como se diria de um reservatório de água que tem capacidade para dez litros, por exemplo. De toda forma, a cota de afeto é expressão da tensão, uma espécie de tônus, entre dois polos, um articulado ao Eu e outro à libido.

Essa tensão do aparelho psíquico deve ser abaixada quando se torna excessiva. É ao aumento dela que se refere o enunciado do Princípio do Prazer, de que o aumento da cota de afeto é sentido como desprazer e sua diminuição como prazer; em outras palavras: “(a) *des-prazer* corresponde à *tensão do desejo*, ou à *tensão da repulsa*, e (b) *prazer* corresponde à *satisfação do desejo*, e à *defesa primária*” (Barros, 1975, p. 72). O mesmo vale para o Princípio da Constância, o concomitante dependente do Princípio do Prazer. Este princípio acompanha a obra de Freud desde o início, já estando presente em “Estudos sobre a histeria” (Freud & Breuer, 1985/2016), onde aparece nos comentários teóricos de autoria de Breuer, mesmo que o remeta às ideias de Freud. O Princípio da Constância só foi enunciado explicitamente por Freud (1920/2010) em “Além do princípio do prazer”, como

¹⁸ Entende-se por propriedades intensivas: “Algumas propriedades – como temperatura, ponto de fusão e densidade – não dependem da quantidade de amostra analisada” (Brown et al., 2007, p. 8). Em oposição, as propriedades extensivas “dependem da quantidade da amostra e incluem medidas de massa e volume. Elas estão relacionadas com a quantidade de substância presente” (p. 8). Vale notar que uma propriedade intensiva pode ser dada em função de duas propriedades extensivas, como a densidade, que é igual à massa dividida pelo volume.

destacam Laplanche e Pontalis (2001). Ele postula que: o objetivo do aparelho psíquico é “conservar a quantidade de excitação nele existente o mais baixa possível ou ao menos constante” (Freud, 1920/2010, p. 164), o que implica buscar prazer e evitar o desprazer. Segundo Barros (1975):

É, portanto, um princípio que define a *estabilidade de equilíbrio* do sistema nervoso em relação às perturbações do *nível de catexias*. Qualquer elevação do nível de catexias, provocada pela entrada de quantidades de catexias, será “compensada” pela descarga (ou deslocamento) dessas quantidades, é um princípio de “moderação”, homólogo ao Princípio de Le Chatelier¹⁹. ... Concluimos, finalmente, que a tão discutida (e vilipendiada) “hipótese quantitativa” de Freud é, na realidade uma hipótese sobre *regulação da intensidade*, o que é muito diferente de *conservação de quantidade*. (p. 52)

Vale ressaltar que uma determinada quantidade de tensão maior que zero deve sempre ser mantida no aparelho psíquico para que ele possa empregar em suas diversas tarefas, ou seja, há um limiar mínimo que é necessário ser mantido. Mas há um limiar máximo do que pode ser sustentado sem que esse acúmulo seja sentido como desprazeroso. Conforme a tensão se aproxima do limiar máximo, ela deve ser descarregada a fim de evitar uma sobrecarga.

Cada indivíduo possui seu limiar máximo do que é excessivo, de acordo com suas predisposições mediante a fixação da libido, como podemos ver na equação etiológica apresentada por Freud (1917b/2014) na 23ª das “Conferências introdutórias à psicanálise: Os caminhos da formação de sintomas”. Aqui se observa a proposta de sobredeterminação na causação da neurose, em uma formulação que aprimora uma ideia já presente, muitos anos antes, no trabalho “Resposta às críticas a meu artigo sobre a neurose de angústia” (Freud, 1895b/1976). Reproduzimos abaixo a equação etiológica de 1917:

¹⁹ O princípio de Le Chatelier postula que “Todo sistema em equilíbrio experimenta, devido à variação de apenas um dos fatores do equilíbrio, uma variação em um sentido tal que, se ocorresse isoladamente, levaria a uma variação de sentido contrário ao fator considerado” (Le Chatelier, 1888 citado por Canzian e Maximiano, 2010, p. 107). Essa variação de sentido contrário tem como resultado que, em um *sistema fechado*, o equilíbrio é preservado, mantendo uma razão constante entre os seus fatores. Por exemplo, em um sistema de gases em equilíbrio têm-se os fatores pressão, temperatura e volume. Se o volume for constante e o sistema sofrer um aumento de temperatura, sua pressão vai aumentar, proporcionalmente, preservando uma razão constante entre os três fatores.

Figura 2 – Equação etiológica

Fonte: Freud (1917b/2014, p. 480)

A neurose ocorrerá se a soma dos fatores do segundo termo da equação superar o limiar de tolerância de excitação do indivíduo e a característica de “traumática” da vivência acidental só pode ser dada nesse contexto de extrapolação do limiar.

Quando a descarga da quantidade de afeto não é possível pelas vias normais, nem pela formação de uma neurose de defesa, ela pode se acumular até que haja uma sobrecarga, ou seja, a cota de afeto ultrapassa o limiar máximo do aparelho psíquico. Assim, instala-se uma situação traumática, articulada à definição de *desamparo*, de forma que a excitação é descarregada automaticamente como angústia. Essa descarga “Ocorre numa situação de *desamparo* frente a um acúmulo de excitação perante o qual o eu se acha desprovido de recursos para enfrentar” (Loffredo, 2014, p. 325). Esse desamparo vincula-se ao campo de operação da angústia, conforme Freud (1895a/1976) já havia escrito no início de seu percurso, em seu artigo “Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada ‘neurose de angústia’”:

A psique é invadida pelo afeto de angústia quando se sente incapaz de lidar, por meio de uma reação apropriada, com uma tarefa (um perigo) *vinda de fora*; e fica presa de uma *neurose* de angústia quando se percebe incapaz de equilibrar a excitação (sexual) *vinda de dentro* – em outras palavras, *ela se comporta como se estivesse projetando tal excitação para fora*. (p. 109)

O desamparo pode ocorrer oriundo de um acúmulo de excitação de fonte exógena (estímulo) ou endógena (pulsão), conforme afirma Freud no mesmo artigo. A diferença fundamental entre neurose de angústia e neurastenia se refere justamente à relação com esse limiar. Na neurastenia, o limiar máximo encontra-se muito baixo, próximo do mínimo, de forma que não é possível acumular excitação para empregar em qualquer atividade; já na neurose de angústia, as vias de descarga estão impedidas, fazendo com que a excitação se acumule até um ponto

em que é obrigada a extravasar segundo o modo de manifestação pertinente a esse quadro.

A pergunta que se segue é: por que a descarga é feita através da estrutura afetiva da angústia? Em se tratando de uma descarga puramente econômica por que esta é a forma escolhida? Essas questões nos remetem à problemática da *origem* das estruturas afetivas.

2.3 Problemáticas qualitativas no ponto de vista econômico da metapsicologia freudiana

Para seguir o caminho da origem e da função das estruturas afetivas, vamos primeiro nos ater à *angústia*, que teria como origem, de uma perspectiva ontogenética, o trauma do nascimento e que, posteriormente, passaria a ter uma função defensiva de evitar uma nova situação de *desamparo*. Depois, seguiremos para o *amor* e a sua articulação com a tendência da libido a se *fixar* em determinados objetos que lhe satisfizeram. Chegando, por fim, a duas propostas de inovações conceituais: o *complexo afetivo*, que seria uma rede de estruturas afetivas organizadas por uma representação-palavra; e a ideia de haveriam quatro estruturas afetivas de *valências positivas ou negativas* oriundas de tensões de desejo ou de ameaça. Essas propostas nos serão instrumentais para tratar da articulação entre autossentimento e narcisismo, bem como na conceituação do sentimento de insegurança.

2.3.1 Angústia e desamparo

De acordo com Loffredo (1975, 2012, 2014) são compreendidas duas abordagens da angústia na obra freudiana, em geral justapostas, no âmbito de sua relação temporal com o mecanismo do recalque e, ainda, em termos de ser o produto da transformação da libido. Na primeira, presente no relato clínico do “pequeno Hans” (Freud, 1909/2015), a produção da angústia seria um dos possíveis encaminhamentos da libido após o recalque de uma moção pulsional, ou seja, a produção da angústia seria posterior ao recalque e teria como origem uma transformação da libido. Na segunda, expressa em “Inibição, sintoma e angústia” (Freud, 1926/2016), Freud considera que a angústia seria liberada pelo Eu para dar

início ao processo defensivo, frente a uma situação de perigo, ou seja, sua produção seria anterior ao recalque e ela não se originaria de uma transformação da libido. A autora propõe considerar a presença de três teorias nesse percurso, que “poderiam ser consideradas, em seu conjunto, uma proposta teórica única que englobaria as várias etapas do processo de produção da angústia” (p. 333). Assim, se constitui a proposta da produção da angústia em três tempos.

Um *primeiro tempo*, em função da primeira experiência de angústia, por ocasião do nascimento, que se reportaria ao que Freud define como angústia automática, excesso de excitação que ultrapassa um limiar, não passível de ser controlado, articulado à definição de desamparo. Essas questões nos remetem à problemática da origem das estruturas afetivas e ao Princípio do Prazer. Em “Inibição, sintoma e angústia”, Freud (1926/2016) identifica a origem da angústia, do ponto vista da ontogênese, com o trauma do nascimento. Nas palavras do autor:

o estado de angústia é a reprodução de uma vivência que encerrava as condições para tal aumento da excitação e para a descarga em trilhas específicas, e que é desse modo que o desprazer da angústia adquire seu caráter próprio. No ser humano, tal vivência prototípica é o nascimento, e por isso nos inclinamos a ver no estado de angústia uma reprodução do trauma do nascimento. (p. 73)

Também é fundamental notar que, para Freud, há um patrimônio filogenético que dá a forma da descarga de angústia, desde que “existem tanto imagens mnêmicas de eventos traumáticos experienciados pelo sujeito como traços mnêmicos de ocorrências traumáticas que se transmitem como uma herança filogenética” (Loffredo, 2014, p. 333). Essa herança filogenética daria a identidade das manifestações da angústia, bem como de outras manifestações afetivas, como, por exemplo, o sorriso, tão típico da manifestação da alegria.

Assim, a estrutura afetiva da angústia é constituída, ontogeneticamente, por meio do resíduo mnêmico dessa primeira experiência, identificada com o nascimento. A angústia estaria, então, associada a toda experiência de tensão excessiva. O caráter de desprazer do estado afetivo angustiado estaria articulado à sua origem como experiência de acúmulo excessivo e seria uma revivescência do estado de desamparo. O afeto é penoso, pois se origina da memória de uma situação de desprazer.

Queremos sublinhar que “A conceituação de desamparo articula-se à definição de situação traumática e deve ser destacado que o termo angústia

automática refere-se ao conjunto todo, da situação traumática que a produz à descarga específica que a acompanha” (Loffredo, 2014, pp. 325-326). Nesse sentido, para evitar que ocorram situações traumáticas, o Eu deve lançar mão do sinal de angústia, identificado pela autora como o *segundo tempo* da produção da angústia, desde que se remete, necessariamente, à ativação de um sinal presente no registro mnêmico do sujeito que: “faz parte do patrimônio filogenético e corresponderia à estrutura afetiva da angústia de castração que, quando reativada, constitui o motor dos processos defensivos que conduzem às neuroses de defesa (p. 334)”. Uma pequena dose de angústia é liberada intencionalmente pelo Eu para dar início ao processo defensivo. Freud (1926/2016), em “Inibição, sintoma e angústia”, explica em mais detalhes:

Quando o indivíduo se acha numa nova situação de perigo, pode ser despropositado responder com o estado de angústia, com a reação a um perigo anterior, em vez de optar pela reação agora adequada. No entanto, a adequação ao fim pode novamente se evidenciar quando a situação de perigo é reconhecida como iminente e sinalizada pela irrupção da angústia. Então a angústia pode ser imediatamente substituída por medidas mais apropriadas. Portanto, de imediato se distinguem duas possibilidades para o surgimento da angústia: uma *inapropriada*, quando há uma nova situação de perigo; outra *apropriada*, para sinalizar e evitar essa situação. (p. 75, grifos nossos)

A referida possibilidade inadequada é a descarga automática da angústia e a adequada é a emissão do sinal de angústia. Dado o sinal de angústia, o Eu inicia o processo defensivo, podendo ser o recalque o mecanismo de defesa escolhido. Além disso, a angústia pode surgir após o recalque caso a energia liberada se desloque para a estrutura afetiva de angústia, como acontece na histeria de angústia, por exemplo. Esta angústia consiste no *terceiro tempo* da produção da angústia. Essas considerações nos serão particularmente úteis posteriormente, no Capítulo 4, quando formos abordar o sentimento de insegurança como sendo uma resposta a uma situação de perigo, de forma que traçaremos uma analogia dela com a angústia. Neste momento, trata-se de levantar os elementos que constituem a estrutura afetiva da angústia, um dos afetos mais amplamente tematizados por Freud, de forma que possamos angariar subsídios para descrever outros tipos de estruturas afetivas.

2.3.2 Amo-te e não largo

Outro afeto de importância significativa na obra freudiana é o *amor*, que parece se articular à “experiência de satisfação”, conforme desenvolvido por Freud (1895c/2003) em “Projeto de uma psicologia científica”, quando se refere à gênese das pulsões sexuais sob o apoio da satisfação das pulsões de auto conservação do lactante. Nesse caso, seria o prazer da primeira “experiência de satisfação” que daria o protótipo para uma estrutura afetiva que poderia compor o amplo espectro da experiência do amor, além de que também podemos supor que haja um patrimônio filogenético dando o formato dessa estrutura afetiva. Sobre essa gênese, Freud (1900/1976) faz a seguinte consideração em “A interpretação dos sonhos”:

Um componente essencial dessa vivência de satisfação é uma percepção específica (a da nutrição, em nosso exemplo) cuja imagem mnêmica fica associada, daí por diante, ao traço mnêmico da excitação produzida pela necessidade. Em decorrência do vínculo assim estabelecido, na próxima vez em que essa necessidade for despertada, surgirá de imediato uma moção psíquica que procurará recatexizar a imagem mnêmica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação da satisfação original. (p. 516)

A articulação que estamos fazendo entre libido e quantidade de afeto que investe o amor se sustenta nos frequentes comentários que Freud faz de que a libido é a “energia do amor”. Essa energia teria como fonte a sexualidade, em oposição à energia psíquica não especificada como propunha Jung (Laplanche e Pontalis, 2001, p. 266). Tanto seu caráter afetivo quanto quantitativo é expresso, por Freud (1921/2014), em “Psicologia das massas e análise do Eu”:

“Libido” é uma expressão proveniente da teoria da afetividade. Assim denominamos a energia, tomada como grandeza quantitativa – embora atualmente não mensurável –, desses instintos relacionados com tudo aquilo que pode ser abrangido pela palavra “amor”. O que constitui o âmago do que chamamos amor é, naturalmente, o que em geral se designa como amor e é cantado pelos poetas, o amor entre os sexos para fins de união sexual. ... Na psicanálise esses instintos amorosos são chamados, *a potiori* [de preferência] e devido à sua origem, de instintos sexuais. (pp. 43-44)

Outro traço fundamental da libido é sua tendência a se fixar em determinadas formas de satisfação, sejam elas fases do desenvolvimento ou objetos. Em “Instintos e seus destinos”, Freud (1915a/2015) define fixação como sendo:

Uma ligação particularmente estreita do instinto ao objeto é qualificada de “fixação” do mesmo. Ela se efetua com frequência nos períodos iniciais do desenvolvimento instintual e põe termo à mobilidade do instinto, ao se opor firmemente à dissolução do laço. (p. 59)

O amor objetal parece estar intimamente ligado à fixação em um objeto, como se a libido produzisse linhas de força por onde pode ocorrer sua descarga, como se parte dela fosse empregada para criar uma via de acesso para ser trafegada pela moção pulsional. De acordo com Barros (1975), essas linhas de força correspondem ao enfoque dinâmico da metapsicologia: “o enfoque *dinâmico* corresponde ao estudo das *direções de forças*, enquanto que o enfoque *econômico* corresponderia ao estudo das distribuições das frações de libido (*energia*), ao longo das linhas de força, determinando suas respectivas *magnitudes*” (p. 73).

Na 26ª das “Conferências introdutórias à psicanálise: teoria da libido e narcisismo”, Freud (1917d/2014) considera que a libido fixada é a “que encontramos apegada aos objetos e que é expressão do anseio de neles conquistar satisfação”, mas que “pode também deixá-los, substituindo-os pelo próprio Eu” (p. 549). A noção de fixação da libido seria, então, a medida da intensidade pela qual a libido está apegada a seus objetos. A partir dessa concepção, podemos levantar a hipótese de que um dos elementos que determina a *intensidade de uma fixação* seria a *quantidade de resíduos mnêmicos de satisfação com aquele objeto*.

Mas em que consiste essa fixação da libido? De acordo com Laplanche e Pontalis (2001), “o conceito de fixação não contém em si mesmo um princípio de explicação” (p. 190). Ela é descrita por Freud (1940[1938]/2018) como uma tendência da libido:

Uma circunstância importante da vida é a *mobilidade* da libido, a facilidade com que ela passa de um objeto para outro. Contrastando com isso há a *fixação* da libido em certos objetos, que muitas vezes persiste por toda a vida. (p. 198)

2.3.3 A proposta de complexos afetivos

Por meio da proposta de Barros (1975, 1998) de que o resíduo mnêmico deixado por uma experiência de descarga afetiva seria a estrutura afetiva, poderíamos considerar que a *estrutura afetiva seria um elemento que compõe a*

*tendência à fixação em determinado objeto*²⁰. A intensidade da fixação, ou seja, a força com a qual a representação do objeto atrai investimentos, seria dada pela somatória dos resíduos mnêmicos de satisfação associados a ela. Quanto mais memórias de satisfação mais forte será a fixação, de forma que se formaria uma rede ou campo de estruturas afetivas associadas àquele objeto, como um ponto nodal de associações de representações. Os elementos dessa rede estariam estreitamente conectados entre si, de forma que esse conjunto de estruturas afetivas associadas a uma mesma representação formaria outro tipo de unidade, análoga à representação-objeto. Esta unidade poderia ser simbolizada pela associação com uma representação-palavra que descreva o estado afetivo produzido por sua ativação conjunta. Para essa unidade propomos o nome de *complexo afetivo*.

Dessa forma, teríamos dois tipos de formações ou resíduos mnêmicos: *estrutura afetiva* e *traço mnêmico* que, quando ativados por uma quantidade de afeto, evocariam um *estado afetivo* e uma *representação-coisa*²¹. Eles se agrupariam associativamente por meio de uma *representação-palavra* formando dois conjuntos: *complexo afetivo* e *representação-objeto*. Esses conjuntos seriam os elementos discretos do aparelho psíquico, enquanto a quantidade de afeto seria o elemento contínuo. *As conexões entre complexos afetivos e representações-objeto formariam uma grande rede associativa pelas quais a energia do aparelho psíquico circularia*. Cada estrutura afetiva poderia estar ligada ao conjunto da representação-objeto e/ou a um ou mais dos elementos que o compõe. É fundamental ressaltar que um traço mnêmico e estrutura afetiva são sempre formados conjuntamente, portanto, nunca pode haver uma representação que não esteja associada a um afeto e vice-versa.

A importância psíquica de qualquer elemento da rede seria dada pela quantidade de vínculos associativos que esse elemento faz, bem como pela intensidade das experiências afetivas registradas. Para uma representação, a importância pode ser dupla: uma de caráter afetivo, da quantidade e intensidade das

²⁰ Ainda não temos subsídios para avaliar se essas considerações poderiam também ser estendidas à fixação em fases do desenvolvimento; voltaremos a esse tema mais à frente.

²¹ Como vimos anteriormente, o estado afetivo já pode se tornar consciente independente de sua ligação com uma representação-palavra ou de objeto, enquanto a representação-coisa pertence, necessariamente, ao sistema *Ics*, só podendo vir a consciência mediante sua associação com uma representação-palavra.

estruturas afetivas ligadas a ela; outra de caráter cognitivo, da associação com outras representações.

A partir da conceituação de *complexo afetivo* como uma *rede de estruturas afetivas agrupadas por uma representação-palavra*, ele teria um fator quantitativo: um somatório das intensidades de suas estruturas afetivas que determinaria o tamanho e importância da rede e, portanto, a significação psíquica afetiva de sua representação associada. Essa somatória poderia ser entendida segundo o conceito de “série complementar” (Freud, 1917b/2014), de forma que a intensidade de um sentimento em relação a um objeto poderia ser dado pelo registro de uma série de experiências, ou seja, diversas estruturas afetivas de baixa magnitude ou, no limite, de apenas uma experiência de magnitude especialmente elevada.

O investimento (*Besetzung*, que também admite a tradução por ocupação²²) seria o fluxo de uma quantidade de afeto que energizaria o complexo afetivo levando ao desenvolvimento da pulsão em direção à descarga. O investimento e sua consequente descarga levariam à formação de um novo resíduo mnêmico afetivo, aumentando a sua relevância psíquica relativa àquela rede.

Se forem os complexos afetivos que puxam a libido para a representação, quanto mais resíduos mnêmicos compuserem um determinado complexo, mais intensamente a libido será atraída para a representação associada a ele, ou seja, mais forte será a fixação no objeto. Temos aqui um interessante ponto de articulação entre o ponto de vista *econômico* e o *dinâmico*, já que a descarga (fenômeno econômico) teria como consequência a formação de uma fixação, que geraria uma linha de força (fenômeno dinâmico) para a qual a libido se encaminharia.

A libido busca descarga e a fixação em um objeto atrairia o investimento para ele em um esquema de “puxa-empurra”, como na comparação apresentada por Freud (1905/2016) em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” entre a atração do material infantil recalcado sob o conteúdo que está sendo empurrado para o inconsciente pelo mecanismo do recalque e “a forma como um turista é levado ao cume da grande pirâmide de Gizé: ele é empurrado de um lado e puxado de outro” (p. 77). Quanto mais forte a fixação, ou seja, quanto mais memórias de satisfação

²² De acordo com Hanns (1996) “o verbo *besetzen* evoca a imagem de um espalhamento que preenche, ocupa e bloqueia os espaços” (p. 89). Com a tradução por “investir”, perde-se o sentido de preenchimento, de um fluxo de energia que se apodera das estruturas afetivas e representacionais com o intuito de ser descarregado.

associadas àquele objeto, mais intensa será a força que puxa a libido para este objeto. Paralelamente, quanto maior for a quantidade de afeto a ser descarregada, mais intensamente ela se empurrará em direção ao objeto que pode satisfazê-la. Essas considerações serão particularmente importantes quando formos analisar a questão do trabalho de luto, que teria por objetivo reverter a fixação no objeto perdido.

2.3.4 Quatro estruturas afetivas e o Princípio do Prazer

Façamos agora algumas considerações de caráter qualitativo. Vimos que, pelo registro de uma experiência de satisfação da libido, forma-se uma estrutura afetiva que, em um primeiro momento, denominamos “*amor*”, mas que poderíamos chamar simplesmente de “*satisfação*” – o amor parece ser um sentimento mais complexo e nuançado. Como essa estrutura está associada ao *prazer*, poderíamos considerar que ela tem uma *valência positiva* – seu objeto será estimado pelo Eu. A angústia, por outro lado, remete à experiência de sobrecarga do aparelho psíquico, é um afeto de *desprazer*, ao qual poderíamos atribuir uma *valência negativa* – seu objeto será detestado pelo Eu.

Retomando a citação de Barros (1975): “(a) *des-prazer* corresponde à *tensão do desejo*, ou à *tensão da repulsa*, e (b) *prazer* corresponde à *satisfação do desejo*, e à *defesa primária*” (p. 72), seria possível conceber, na perspectiva do Princípio do Prazer, mais dois tipos de estruturas afetivas: a de desprazer associada à tensão do desejo e a de prazer oriundo da defesa perante uma ameaça.

O desprazer de uma tensão de desejo que não pode ser descarregada remete ao conceito freudiano de *Versagung*, que costuma ser traduzido como “frustração”. De acordo com Hanns (1996): “o verbo *versagen* tem três vertentes de sentido: 1) ... ‘falhar’, ‘ratear’, ‘fracassar’; 2) ... ‘privar-se’, ‘abdicar de’, ‘renunciar a’; e 3) ... ‘vedar o acesso ao objetivo’, ‘impedir’, ‘proibir’” (p. 252). Este é um conceito econômico que diz respeito à interdição da satisfação, seu impedimento ou bloqueio, não sendo contido no termo o sentido de “sentimento de frustração” que é evocado pela palavra “frustração”. Além disso, “*Versagung* não designa de modo nenhum *quem* recusa. Em certos casos o sentido reflexo *recusar-se a* (sair do jogo) parece ser o que predomina” (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 204). Como vemos, “frustração” remete a um sentido mais passivo, de uma ação que foi frustrada por

algo ou alguém externo. Dessa forma, no âmbito deste texto e considerando a que se remete, usualmente, em português, preferimos “impedimento” para verter *Versagung* e reservaremos “frustração” exclusivamente para o *estado afetivo* derivado da experiência de impedimento da descarga da libido e sua consequente *estrutura afetiva*.

O conceito de *impedimento* tem um papel metapsicológico fundamental no adoecimento neurótico. Na 22ª das “Conferências introdutórias à psicanálise: Considerações sobre desenvolvimento e regressão. Etiologia”, Freud (1917a/2014) expressa a ideia de que:

as pessoas se tornam neuróticas quando privadas da possibilidade de satisfazer sua libido – adoecem, pois, em virtude da “frustração”, como me exprimi – e que seus sintomas são os substitutos da satisfação frustrada. É claro que isso não significa que toda frustração da satisfação da libido torna neurótico aquele que a sofre, mas apenas que, em todos os casos de neurose examinados, o fator da frustração era demonstrável. (p. 458)

Dada a plasticidade da libido, em certos casos, ela poderá encontrar outros objetos para se satisfazer, já que as moções pulsionais “se relacionam entre si como uma rede de canais intercomunicantes cheios de líquido, e isso a despeito de sua submissão ao primado dos genitais” (p. 459). É essa plasticidade, particularmente na forma da sublimação, que pode contrariar o efeito patogênico do impedimento, dando um novo caminho para a descarga da libido. Porém, essa plasticidade é limitada pelas fixações da libido que a atraem incessantemente para seus objetos. Da oposição entre fixação e impedimento da libido surge o *conflito psíquico*, para o qual a formação de sintomas é uma formação de compromisso possível. O impedimento pode ter uma causa exterior ou interior: pode haver uma impossibilidade de satisfação que remeta à inacessibilidade do objeto ou de uma oposição entre tendências pulsionais opostas. Freud (1917a/2014) atribui o efeito patogênico à combinação dos dois tipos de impedimento:

O conflito é provocado pela frustração, pois a libido, privada de satisfação, é levada a buscar outros objetos e caminhos. Ele tem por condição o fato de esses caminhos e objetos suscitarem desgosto em uma parte da personalidade, o que resulta em um veto que primeiramente impossibilita o novo modo de satisfação. ...

Pode-se também expressar adequadamente o significado do conflito psíquico dizendo que à frustração *exterior* deve-se somar, para que tenha efeito patogênico, a frustração *interior*. Frustrações exterior e interior referem-se, naturalmente, a diversos caminhos e objetos. A frustração exterior retira uma

possibilidade de satisfação; a interior deseja excluir outra possibilidade, e em torno desta irrompe, então, o conflito. (pp. 464-465)

Podemos supor que, independente da fonte do impedimento e do destino da libido insatisfeita, esta experiência de impedimento da satisfação com determinado objeto deve deixar uma marca sob a forma de uma estrutura afetiva associada àquele objeto. A essa estrutura afetiva (e ao estado afetivo produzido por sua ativação) propomos dar o nome de “frustração”²³ e atribuiremos a ela uma *valência negativa*. Supomos ainda que o desprazer provocado pelo investimento desta estrutura será um dos elementos que poderá levar a um conflito com a libido atraída para seu objeto associado, resultando em uma *ambivalência* frente ao objeto.

Por fim, temos o prazer correspondente à defesa primária. Quando o acúmulo de tensão, de fonte endógena ou exógena, se torna excessivo e passa a produzir desprazer uma ação defensiva será necessária para dar fim a essa tensão. Como vimos, o Eu terá a função de acionar o sinal de angústia e dar início ao processo defensivo que poderá, por exemplo, recalcar uma moção pulsional hostil. Mas se tratando de um perigo externo ou de uma excitação interna que demanda ação no mundo externo como a fome, por exemplo, a ativação do sinal de angústia não será suficiente. Podemos supor que, no início da vida do bebê, essa ação será realizada por um adulto cuidador que, como um Eu auxiliar, ajuda o sujeito na condução da excitação.

No “Projeto de uma psicologia científica”, Freud (1895c/2003) considera que: “O aparecimento de um outro objeto no lugar do objeto hostil foi o sinal de que a vivência dolorosa terminara, e o sistema ψ procura, instruído *biologicamente*, reproduzir em ψ o estado que assinalou a cessação de dor” (p. 199), implicando a procura do objeto que fizera a dor cessar. Ao traço mnêmico desse objeto ficaria ligada uma estrutura afetiva que o caracterizaria como protetor, levando o Eu a buscar uma identidade perceptiva com ele quando uma nova situação de perigo se apresentar. Para essa estrutura afetiva propomos o nome de “segurança” e articulamos a um estado afetivo de *valência positiva*, que seria um concomitante-dependente da angústia – angústia perante o objeto hostil e um estado afetivo de

²³ Em alemão há a palavra *Frustration* que denota especificamente o sentimento de frustração, de forma que os conceitos de nosso enunciado em alemão ficariam algo como: “Uma experiência de *Versangung* levaria a formação de uma *Affektbildung* de *Frustration*”.

estar seguro perante seu objeto protetor – e teria sua origem nas experiências de defesa nas quais o desamparo fora evitado com sucesso.

Nesse ponto, as ideias de Winnicott (1952/2000) nos serão úteis para pensar o “sentimento de segurança” como uma estrutura afetiva, já que ele pode ser articulado às técnicas de cuidado com o bebê, da importância do *holding* (segurar), que são situadas por esse autor em um período anterior às relações objetais e à experiência pulsional. Nas palavras do autor:

Note-se que existe, aqui, um relacionamento vitalmente importante entre o bebê e sua mãe, que no entanto não deriva da experiência instintiva nem da relação objetal surgida a partir da experiência instintiva. Esse relacionamento é anterior à experiência instintiva, paralelo a ela e entremeado a ela. Estamos nos aproximando da tão conhecida observação de que a ansiedade mais antiga é aquela relativa a sentir-se segurado [*held*] de modo inseguro [*insecure*]. (p. 164)

Dessa forma, é necessário que um cuidador (frequentemente a mãe), possa fornecer sustentação ao bebê e que, com o desenvolvimento, a função de sustentação passará a ser realizada pelo solo. Assim, o cuidado suficientemente bom protegeria o bebê da invasão pela angústia, resultando em uma experiência de prazer quando inibe e descarrega seu desenvolvimento. Com o início das relações objetais, essas experiências de prazer em ser segurado se integrariam à representação da mãe e as conquistas do bebê no sentido de sua independência e autossustentação se integraria à representação de seu Eu em formação.

Freud não dá atenção especial ao sentimento de segurança, desde que, quando este aparece em sua obra, é de maneira secundária em relação à satisfação da libido, como vemos na seguinte passagem de “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905/2016):

Nisso, a criança se comporta como o adulto, que transforma sua libido em angústia quando não pode satisfazê-la; e o adulto, quando fica neurótico por causa da libido insatisfeita, comporta-se como uma criança em sua ansiedade, começa a temer quando fica só, isto é, sem uma pessoa de cujo amor acredita estar *seguro*, e a querer atenuar essa angústia com as medidas mais pueris. (p. 146, grifos nossos)

Ao final dessa passagem, Freud adiciona uma nota de rodapé em que narra a seguinte cena que ele escutou entre um menino de três anos e sua tia em um cômodo escuro:

“Tia, fale comigo; tenho medo, porque está muito escuro”. A tia exclamou: “De que adianta? Você não está me vendo”. Ao que o menino respondeu: “Não importa, quando alguém fala, fica claro”. – Ou seja, ele não tinha medo por causa da escuridão, mas porque sentia falta da pessoa amada, e podia afirmar que se tranquilizaria tão logo obtivesse uma prova da presença dela. (p. 146)

O nosso entendimento é de que a presença da pessoa amada não traria apenas a satisfação no plano da pulsão sexual, mas também a satisfação da necessidade de proteção. Para a criança do relato de Freud, bastou ter a segurança que a tia estava com ela que tudo se iluminou – a escuridão assustadora foi vencida. Podemos entender que o *holding* foi feito através da palavra, que a tia pôde propiciar ao menino um sentimento de segurança.

Com isso, concluímos nossa proposta de *quatro estruturas afetivas concebidas na perspectiva do Princípio do Prazer*. Podemos organiza-las esquematicamente no seguinte quadro:

Tabela 1 – Estruturas afetivas

	Desejo	Perigo
Prazer	Satisfação	Segurança
Desprazer	Frustração	Angústia

De maneira alguma pretendemos com isso esgotar o *hall* de estruturas afetivas possíveis: queremos apenas levantar uma primeira proposta de categorias que possam ser úteis para começar a descrever a experiência afetiva a partir de uma perspectiva metapsicológica. Muitas outras considerações ainda seriam necessárias para aprofundar essa proposta, particularmente no que diz respeito às diferentes fontes corporais da libido, da descarga por metas intermediárias ou sublimadas e do uso de objetos fantasísticos, para citar alguns exemplos.

Além disso, nossas considerações estão levando em conta apenas as experiências afetivas na perspectiva do Princípio do Prazer – das pulsões sexuais e de auto conservação –, seria necessário ir *além* e investigar os efeitos da pulsão de morte na formação de estruturas afetivas, o que implicaria uma abertura para a dimensão do irrepresentável, do duplo limite da teoria da representação: “(1) o *além* da representação, ou seja, os limites da teoria representacional frente ao conceito de identificação; (2) o *aquém* da representação, ou seja, o irrepresentável em jogo na

pulsão de morte e nas diversas modalidades de angústia” (Campos, 2011). Tendo estes limites como horizonte, seguiremos nossa investigação no campo da teoria representacional com o intuito de que possamos delimitar com mais precisão suas fronteiras.

A possibilidade de uma ambivalência perante o objeto complica a questão, pois aquele que é fonte de prazer também pode gerar desprazer. Nesse sentido, podemos fazer uma breve referência ao par amor e ódio, conforme apresentado por Freud (1915a/2015) em “Os instintos e seus destinos”, onde são descritos quatro destinos possíveis para uma pulsão que não pôde ser satisfeita: a conversão em seu contrário, o voltar-se contra a própria pessoa, o recalque e a sublimação. A conversão em seu contrário “se divide em dois processos distintos, a *conversão da atividade em passividade* e a *inversão de conteúdo*” (p. 64), sendo a inversão de conteúdo apenas do tipo amor em ódio. Nessa obra, Freud situa o ódio como uma resposta aos objetos do mundo externo que causam desprazer, de forma que “Enquanto relação com o objeto, o ódio é mais antigo que o amor” (p.79), já que no período inicial da vida do bebê todo o amor seria voltado ao Eu. Freud deixa claro que as sensações de desprazer contra as quais o ódio se volta podem tanto ser relativas à frustração da satisfação libidinal quanto à satisfação da necessidade de conservação:

O Eu odeia, abomina, persegue com propósitos destrutivos todos os objetos que se lhe tornam fonte de sensações desprazerosas, *não importando se para ele significam uma frustração da satisfação sexual ou da satisfação de necessidades de conservação*. Pode-se mesmo afirmar que os autênticos modelos da relação de ódio não provêm da vida sexual, mas da luta do Eu por sua conservação e afirmação. (p. 78, grifos nossos)

O estado afetivo do *ódio* surgiria como um produto das *estruturas afetivas de valência negativa*, o Eu odeia os objetos que lhe foram fonte de desprazer. Em particular, parece-nos que há uma importante relação com uma expectativa que não fora atendida, seja no campo da satisfação sexual ou da conservação. O Eu não odiaria apenas o objeto que lhe causou o desprazer, mas também poderia odiar aquele que ele esperava que o protegesse e não o fez – o ressentimento se transformaria em ódio, como se aquele que não o protegeu fosse igualmente responsável pelo seu sofrimento.

Ao longo do tempo, diversas estruturas afetivas de valências diferentes podem ir se acumulando em relação ao mesmo objeto. Além disso, pode ocorrer

que, sob o primado da genitalidade, uma moção de diversas pulsões parciais em confluência dirigidas ao mesmo objeto encontre satisfação de apenas uma parte delas. Assim, o destino do investimento de cada um desses componentes parciais – satisfação ou frustração – formaria um conjunto intrincado de estruturas afetivas que daria a complexidade do buquê sentimental presente nas relações humanas. Buquê este que se complexificará ainda mais através das associações de seus representantes com outras representações e afetos.

O acúmulo de novas estruturas afetivas com o mesmo objeto, e em um mesmo matiz afetivo, teria como efeito aumentar o complexo afetivo correspondente associado, intensificando a fixação ou a repulsão ao objeto. Para que possa haver a diminuição dessas intensidades deve ser realizado um trabalho de desinvestimento das estruturas afetivas e traços mnêmicos, como Freud (1900/1976) desenvolve em “A interpretação dos sonhos”:

É que o esmaecimento das lembranças e o debilitamento afetivo de impressões que já não são recentes, que nos inclinamos a encarar como óbvios e a explicar como um efeito primário do tempo sobre os traços mnêmicos da psique, são na realidade modificações secundárias, promovidas somente através de um trabalho árduo. É o pré-consciente que realiza esse trabalho, e *a psicoterapia não pode seguir outro caminho senão o de colocar o lcs. sob o domínio do Pcs.*

Há, portanto, dois resultados possíveis para cada processo excitatório inconsciente. Ou bem ele fica por sua própria conta, caso em que acaba irrompendo em algum ponto e, nessa ocasião isolada, encontra descarga para sua excitação na motilidade, ou cai sob a influência do pré-consciente e sua excitação, em vez de ser *descarregada*, fica *ligada* pelo pré-consciente. (p. 526)

Esse trabalho do pré-consciente parece ser uma forma mitigada e contínua do trabalho de luto. Não nos parece estranha a imagem de uma paixão, ou mesmo uma amizade, que outrora fora intensa vá arrefecendo até que reste apenas uma lembrança. Tampouco é estranho o amor morno que de repente volta a esquentar. Nas palavras de Guimarães Rosa (2001) em “Grande sertão: veredas”: “O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem” (p. 334). Essa seria uma tentativa de explicar em termos metapsicológicos algo que é tão trivial para o senso comum: se bem cultivado, o amor cresce com o tempo.

As considerações que estamos propondo até agora gravitam mais em torno das relações objetais, mas será que elas podem ser estendidas ao Eu, que é tido

como objeto de amor pelo Id, no campo do narcisismo? Isso nos leva à questão do autossentimento. Para prosseguirmos nossa investigação, devemos voltar nossa atenção à conceituação de Eu e ao narcisismo.

3 O EU QUE SENTE A SI MESMO

A concepção de sentimento implica um sujeito que sente e um objeto em relação ao qual este sentimento se refere, de forma que nada impede que objeto e sujeito coincidam – que o sujeito sinta algo sobre si mesmo. Em psicanálise, o sujeito que sente é o Eu, uma instância psíquica cuja conceituação é tão complexa quanto central na metapsicologia, particularmente a partir da publicação de “O Eu e o Id” (Freud, 1923b/2013). Para o conjunto dos sentimentos do Eu em relação a si mesmo, propusemos o termo “autossentimento”, de forma que seja possível reunir sob ele as mais variadas expressões afetivas da vida humana, não só a “autoestima” ou o “amor próprio”, como ficaria denotado pelas traduções brasileiras das obras de Freud. Dessa forma, podemos recortar o “sentimento de insegurança”, objeto de nossa pesquisa, como um matiz do autossentimento, um tipo específico de afeto ligado ao Eu. Outros matizes do autossentimento importantes em nosso percurso são o sentimento de inferioridade e o amor próprio.

Antes de chegar a suas formas específicas, porém, abordaremos a noção de autossentimento como um todo, por meio de duas vertentes que sua definição impõe: a de sua natureza como um *sentimento*, ou um *afeto*, como vimos no Capítulo anterior; e a sua articulação com o *Eu*, que também pode ser entendido como uma *representação* de si mesmo.

Apesar de aparecer pouco na obra freudiana, a noção de autossentimento tem um papel de destaque no texto “Luto e melancolia”, no qual Freud (1917[1915]c/2015), desenvolve a ideia de que a única diferença entre luto e melancolia é que, na melancolia, há uma diminuição do autossentimento. De acordo com o autor:

A melancolia se caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição. Esse quadro se torna mais compreensível para nós se considerarmos que o luto exhibe os mesmos traços, com exceção de um: nele a autoestima não é afetada. De resto é o mesmo quadro. (pp. 172-173)

Ele descreve o rebaixamento do autossentimento como um empobrecimento do Eu, pois o melancólico é alguém que recrimina e insulta a si mesmo, que tem um

delírio de pequenez. Além dessa descrição, Freud não fornece uma abordagem metapsicológica sobre o que seria o autossentimento, não faz discriminação entre o seu rebaixamento e o empobrecimento do Eu, tampouco explicita sua relação com as recriminações feitas ao Eu.

É em “Introdução ao narcisismo” (Freud, 1914c/2015) que é mais bem elaborado o entendimento do autossentimento, que seria “a expressão da grandeza do Eu ... Tudo o que se tem ou que se alcançou, todo resíduo do primitivo sentimento de onipotência que a experiência confirmou” (p. 45). Ele seria passível de aumento e diminuição, mas, nesse trabalho, também não há uma definição metapsicológica do autossentimento. Freud o articula ao acúmulo de libido narcísica no Eu e associa sua diminuição à transformação da libido narcísica em objeto que ocorre no enamoramento:

temos de reconhecer para o amor-próprio uma dependência bem íntima da libido narcísica. Nisso nos apoiamos em dois fatos fundamentais: o de que nas parafrenias o amor-próprio é aumentado, nas neuroses de transferência é diminuído; e de que na vida amorosa não ser amado rebaixa o amor-próprio, enquanto ser amado o eleva. (p. 45)

Para o autor, o ato de amar, em si, tem um efeito de rebaixar o autossentimento e a restituição da libido narcísica, com o consequente aumento do autossentimento, viria de “ser amado, achar amor em troca, possuir o objeto amado” (p. 47). Freud não esclarece os mecanismos dessa troca libidinal entre os amantes, apenas escreve que “O enamoramento consiste num transbordar da libido do Eu para o objeto” (p. 49). Não fica claro se esse transbordar se dá num sentido literal, da libido se dirigir de uma pessoa para a outra ou se a libido passa do Eu para a representação do objeto amado.

A libido narcísica tem uma importante relação com o ideal do Eu²⁴, já que o ideal é formado pelo deslocamento dela, “o amor a si mesmo [*Selbstliebe*] que o Eu real desfrutou na infância” (p. 40), de forma que o Eu precisa abrir mão de parte do seu narcisismo no processo de formação do ideal. Assim, o Eu se empobrece,

²⁴ Freud não diferencia conceitualmente os termos “ideal do Eu” e “Eu ideal”. De acordo com Laplanche e Pontalis (2001), outros autores realizam essa distinção, sendo o Eu ideal uma: “Formação intrapsíquica que certos autores, diferenciando-a do ideal do ego, definem como um ideal narcísico de onipotência forjado a partir do modelo do narcisismo infantil” (p. 139), enquanto o ideal de Eu é definido como: “Instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os ideais coletivos. Enquanto instância diferenciada, o ideal do ego constitui um modelo a que o sujeito procura conformar-se” (p. 222).

abandona a perfeição narcísica de que desfrutava na infância, podendo readquirir parte de sua libido, na medida em que cumpre seu ideal.

Assim, chegamos a essa importante formulação de Freud, segundo a qual “Uma parte do amor próprio é primária, resto do narcisismo infantil; outra parte se origina na onipotência confirmada pela experiência (do cumprimento do ideal do Eu); uma terceira, da satisfação da libido objetal.” (p.48). Ou seja, a quantidade de libido disponível ao Eu tem como base a quantidade que sobra da libido que foi deslocada para o ideal do Eu e da que foi investida nos objetos. Parte dela se restitui pela quantidade que retorna ao Eu no cumprimento do ideal e pelo que se recebe da satisfação da libido objetal. Voltaremos a essa citação posteriormente; por ora, nosso interesse é levantar esses elementos e chamar a atenção para a dificuldade em diferenciar narcisismo de autossentimento.

A hipótese que pretendemos desenvolver aqui é de que *haveria diferenças conceituais entre narcisismo e autossentimento e que a libido narcísica não corresponde à experiência afetiva do autossentimento, a despeito de possuírem uma importante relação*. Apesar de Freud apontar essa diferença, ela não é desenvolvida em sua obra, sobrepondo os dois termos em diversos momentos.

3.1 As vicissitudes do Eu enquanto representação e sua articulação com o narcisismo

3.1.1 *Eu faço e Eu sou*

Assim como a expressão “afeto”, a noção de “Eu” também apresenta uma série de dificuldades conceituais. Alguns autores, como Halperin (1989), por exemplo, propõem uma separação do Eu em duas categorias: uma associada a suas funções como *instância* e outra, relacionada a uma *representação de si mesmo*. De acordo com essa autora:

1. *Eu função*: seria aquela subestrutura do aparelho psíquico que se desenvolveu a partir do *isso*, através do sistema percepção-consciência. Suas funções privilegiadas seriam: percepção, consciência, acesso à motricidade, mecanismos de defesa.
2. *Eu representação*: seria a imagem, o conjunto de representações que o sujeito tem de si mesmo. Trata-se de uma categoria cognitivo-afetiva; inclui representações e afetos. É o eu a que o narcisismo se refere. (p. 162)

O Eu representação seria também uma das funções, uma subestrutura, do Eu função. O Eu erige uma imagem especular de si mesmo para que possa ser investida como objeto pelo Id, sendo essa imagem especular a representação da unidade corporal, “a projeção de uma superfície”, como define Freud (1923b/2013, p. 32), em “O Eu e o Id”, de forma que, a partir da delimitação da superfície, é possível distinguir um “dentro” e um “fora”.

Essa distinção nos é útil para pensarmos a diferença entre a quantidade de libido narcísica disponível para o Eu função investir e seu autossentimento, ou seja, os matizes das estruturas afetivas ligadas ao Eu representação. Haveria diferença entre a quantidade de afeto que investe o autossentimento e a libido narcísica utilizada pelo Eu função para realizar suas tarefas?

O narcisismo é desde o início e por toda obra de Freud equivalente ao “amor próprio” (*Selbstliebe* ou *Eigenliebe*), como explicitamos no Capítulo 1. Ter libido narcísica ligada ao Eu é sinônimo de amar-se, corresponde a um sentimento dotado de um matiz específico, já que “Quando, no seio da teoria psicanalítica, fala-se de ‘catexização libidinal’, está se aludindo a uma maneira de conceitualizar, em uma perspectiva metapsicológica, aquilo que descritivamente seria ‘amor a’” (Halperin, 1989, p. 162).

Para que o fluxo libidinal se direcione ao Eu, seriam necessárias estruturas afetivas de *satisfação* que atraíssem a libido, de forma que a intensidade dessa atração seria dada pelo tamanho da *rede* formada pelo *complexo afetivo* ligado ao Eu, propostas conceituais que desenvolvemos no Capítulo anterior.

Mas o Eu não está formado desde o início da vida, como Freud (1914c/2015) afirma em “Introdução ao narcisismo”:

uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma *nova ação psíquica*, para que se forme o narcisismo. (pp. 18-19, grifos nossos)

Das experiências de satisfação autoeróticas do bebê, tenderiam a se formar estruturas afetivas que se ligariam a traços mnêmicos oriundos das percepções relativas a essa experiência, com destaque para as partes de seu corpo onde ocorreu a descarga do afeto. O protótipo da satisfação autoerótica é o ato de chupar o dedo do bebê, descrito por Freud (1905/2016), em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, da seguinte maneira:

Destaquemos, como característica mais evidente dessa atividade sexual, que o instinto não está dirigido para outras pessoas; ele se satisfaz no próprio corpo, é autoerótico ...

É claro, além disso, que o ato da criança que chupa é determinado pela busca de um prazer – já vivido e agora lembrado. Ele acha então satisfação, no caso mais simples, sugando ritmicamente numa parte da pele ou da mucosa. Também é fácil imaginar em que ocasiões a criança teve as primeiras experiências desse prazer que agora se empenha em renovar. A primeira e mais vital atividade da criança, mamar no peito da mãe (ou de seus substitutos), já deve tê-la familiarizado com esse prazer. Diríamos que os lábios da criança se comportaram como uma zona erógena, e o estímulo gerado pelo afluxo de leite quente foi provavelmente a causa da sensação de prazer. (pp. 84-85)

A memória da satisfação de mamar fica ligada aos lábios, o que leva o bebê a reestimar essa zona em busca de um novo prazer. Algo análogo se segue nas demais zonas erógenas: a libidinização de partes do corpo com apoio na autoconservação, seja por suas funções corporais ou pela estimulação de sua mãe e outros cuidadores. O corpo todo tem potencial para se tornar uma zona erógena:

Qualquer outra parte da pele ou das mucosas pode servir de zona erógena, ou seja, deve possuir alguma aptidão para isso. Assim, a produção da sensação de prazer depende mais da qualidade do estímulo que da natureza da parte do corpo. (Freud, 1905/2016, p. 88)

Assim, as zonas erógenas vão se formando como fixações da libido que, posteriormente, darão origem às fixações nas fases e modos de funcionar associados a essas zonas. Em um primeiro momento, a representação do Eu ainda não fora estritamente unificada e as representações parciais de seu corpo, bem como suas respectivas pulsões, tem o domínio da vida psíquica do bebê. A reunião dessas parcelas como uma unidade corporal dá origem à representação do Eu, já que: “O Eu é sobretudo corporal, não é apenas uma entidade superficial, mas ele mesmo a projeção de uma superfície” (p. 32), conforme Freud (1923b/2013) desenvolve em “O Eu e o Id”. A essa passagem, Freud adiciona a seguinte nota de rodapé:

Ou seja, o Eu deriva, em última instância, das sensações corporais, principalmente daquelas oriundas da superfície do corpo. Pode ser visto, assim, como uma projeção mental da superfície do corpo, além de representar, como vimos acima, as superfícies do aparelho psíquico. (p. 32)

As estruturas afetivas ligadas às diversas partes do corpo também se unificariam na representação total do Eu, já que elas são a memória dessas

sensações corporais das quais o Eu deriva. Esta unificação seria a “nova ação psíquica” (Freud, 1914c/2015, p. 19) que forma o narcisismo. Assim, o Eu se diferenciou do Id, constituiu-se como uma instância independente. A representação total do Eu reúne em si todas as estruturas afetivas de *satisfação* derivadas do período autoerótico, de forma que elas passam a atrair todos os investimentos do Id, estando instaurado o período do *narcisismo primário* ou *absoluto*.

Essa ação é necessária para que se possa delimitar a superfície que distingue um dentro e um fora, sendo indicada a relação do bebê com o mundo externo, em “Os instintos e seus destinos” (Freud, 1915a/2015), da seguinte forma:

Na medida em que é autoerótico, o Eu não precisa do mundo exterior, mas recebe dele objetos, devido às experiências dos instintos de conservação do Eu, e portanto não pode deixar de sentir estímulos instintuais internos como desprazerosos por algum tempo. Sob o domínio do princípio do prazer se efetua nele mais uma evolução. Ele acolhe em seu Eu os objetos oferecidos, na medida em que são fontes de prazer, introjeta-os (conforme a expressão de Ferenczi) e por outro lado expelle de si o que se torna, em seu próprio interior, motivo de desprazer. (pp. 74-75)

O modo de funcionamento oral é o que impera nesse período: o que é bom será engolido e o que é ruim cuspidor. As metas e objetos da pulsão sexual e de autoconservação são os mesmos, conforme Freud (1905/2015) descreve em “Três ensaios”, numa seção acrescentada em 1915:

A primeira de tais organizações pré-genitais é a *oral* ou, se assim preferirmos, *canibal*. Nela a atividade sexual ainda não se encontra separada da ingestão de alimentos, correntes opostas ainda não estão diferenciadas em seu interior. O objeto de suas atividades é o mesmo, a meta sexual consiste na *incorporação* do objeto, no modelo daquilo que depois terá, como *identificação*, um papel psíquico relevante. Um resíduo dessa fase de organização que a patologia nos leva a supor pode ser o ato de chupar o dedo, no qual a atividade sexual, desprendida da atividade de alimentação, trocou o objeto externo por um do próprio corpo. (p. 108)

A introjeção seria o correlato psíquico da incorporação: “O termo ‘introjeção’ é mais amplo: já não é apenas o interior do corpo que está em questão, mas o interior do aparelho psíquico”. (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 249). Sua definição é dada por Ferenczi (1912/2011) no artigo “O conceito de introjeção”:

Eu descrevi a introjeção como a extensão ao mundo externo do interesse, autoerótico na origem, pela introdução dos objetos exteriores na esfera do ego. Insisti nessa “introdução”, para sublinhar que considero *todo amor objetual* (ou *toda transferência*) como uma extensão do ego ou *introjeção*, tanto no

indivíduo normal quanto no neurótico (e no paranoico também, naturalmente, na medida em que ele conservou essa faculdade). (p. 209)

De acordo com essa conceituação, a introjeção precederia a relação de objeto, ou seja, “não há dúvidas que esta começa já no momento imediatamente posterior ao nascimento” (Abraham & Torok, 1995, p. 245). Ela será o protótipo para a identificação primária, na qual o sujeito se constitui segundo o modelo de seus pais, introjetando-os em seu Eu. Sobre o processo da identificação primária, Freud (1923b/2013) escreve em “O Eu e o Id” que:

Esta não parece ser, à primeira vista, resultado ou consequência de um investimento objetal; é uma identificação direta, imediata, mais antiga do que qualquer investimento objetal. Mas as escolhas de objeto pertencentes ao primeiro período sexual e relativas a pai e mãe parecem resultar normalmente em tal identificação, e assim reforçar a identificação primária. (p. 39)

Em “Psicologia das massas e análise do Eu”, Freud (1921/2014) afirma que, entre *identificação* e *escolha de objeto*, é difícil “fazer uma apresentação metapsicológica nítida. ... Percebe-se apenas que a identificação se empenha em configurar o próprio Eu à semelhança daquele tomado por ‘modelo’” (p. 62).

A expressão “identificação” tem um duplo sentido: de reconhecimento de um objeto como parte de uma categoria e do ato pelo qual um indivíduo se torna idêntico ao outro, sendo que os dois sentidos estão presentes no conceito freudiano (Laplanche & Pontalis, 2001). Por meio da relação de alteridade, o bebê se perceberia como parte do grupo humano, como um indivíduo dotado de um limite corporal, assim como sua mãe; e também se constituiria psiquicamente como ela, integrando-a em seu aparelho psíquico, desenvolvendo-se a partir de seu modelo.

O conceito de identificação primária promove tensão na teoria da representação, já que ele trata da constituição do aparelho psíquico, da própria estrutura de lentes pela qual é possível armazenar e reevocar os traços mnêmicos:

Com o progressivo desenvolvimento da metapsicologia, o esquema freudiano irá se desdobrar para dar conta da gênese e desenvolvimento do aparelho psíquico até que, com a emergência do conceito de identificação, a problemática vem a transcender a própria concepção de representação. Portanto, a partir da teoria das identificações, abre-se espaço para um processo no qual um objeto do mundo exterior não é apenas representado na forma de imagem, mas, também, passa a organizar o próprio espaço mental, como suporte para a gênese de uma instância psíquica.

Assim, a identificação não é mera imagem ou conteúdo, mas também um continente. (Campos, 2011, p. 863)

A identificação remete à formação do Eu função, para além do Eu representação, o que implica em uma dimensão do irrepresentável na formação do aparelho psíquico. Parece-nos que ela funda o próprio espaço onde os traços mnêmicos serão armazenados, fazendo parte do processo de delimitação da superfície do Eu, para dentro do qual o objeto será introjetado. Nossa leitura é de que esse primeiro objeto introjetado se tornaria o polo ao redor do qual se formaria o Eu representação, para o qual seriam atraídos os traços mnêmicos das experiências de satisfação autoeróticas, de forma que ele seria uma espécie de “núcleo da personalidade”.

Em outras palavras, haveria uma identificação no sentido do reconhecimento de uma unidade corporal análoga à do outro, da separação entre sujeito e ambiente, formando uma superfície que delimita um dentro e um fora. Paralelamente a isso, haveria a introjeção do outro neste espaço em formação, formando a base do caráter do Eu.

É difícil dizer se a identificação primária é apenas um processo, se são dois processos que ocorrem simultaneamente ou se ela se realiza em duas etapas, já que “A questão se torna particularmente difícil de manobrar nesses momentos mais originários por conta que a identificação não cria aí meros referenciais simbólicos ou conteúdos psíquicos, mas o próprio continente que engendra esses processos” (Campos, 2011, p. 865).

A identificação primária abre espaço para identificações posteriores, secundárias, nas quais o Eu acolhe em si traços de um objeto amoroso abandonado, aparentemente em uma tentativa de facilitar o deslocamento da libido fixada nele. O Eu se modifica, introjetando essas características, ligando a si representações parciais do objeto perdido. Para o autor, esse processo ocorre durante toda a vida, como afirma em “O Eu e o Id” (Freud, 1923b/2013):

Talvez, com essa introjeção que é uma espécie de regressão ao mecanismo da fase oral, o Eu facilite ou permita o abandono do objeto. Talvez essa identificação seja absolutamente a condição sob a qual o Eu abandona seus objetos. De todo modo, o processo é muito frequente, sobretudo nas primeiras fases do desenvolvimento, e pode possibilitar a concepção de que *o caráter do Eu é um precipitado dos investimentos objetivos abandonados*, de que contém a história dessas escolhas de objeto. (p. 36, grifos nossos)

Sendo a mãe o primeiro objeto de amor, ela será também o mais importante, que dará o suporte afetivo para as relações futuras. Mas a identificação não ocorre apenas com os objetos abandonados, “Também devemos considerar o investimento objetal e a identificação simultâneos, ou seja, uma alteração do caráter anterior ao abandono do objeto” (p. 37). Essa concepção está de acordo com a concepção de Ferenczi (1912/2011) de que o objeto deve estar introjetado no Eu para que possa ser investido: “Em última análise, o homem só pode amar-se a si mesmo e a mais ninguém; amar a outrem equivale a integrar esse outrem no seu próprio ego” (p. 209).

3.1.2 Um precipitado de amores abandonados

O “caráter” que é alterado pela identificação com o objeto é uma noção que foi pouco desenvolvida por Freud. Ela está presente na obra do autor desde os primeiros textos, originalmente empregada em seu sentido corriqueiro, referindo-se a um conjunto de características do indivíduo. É em “A interpretação dos sonhos” que Freud (1900/1976) apresenta, pela primeira vez, uma sucinta definição metapsicológica do que entende por caráter:

O que descrevemos como nosso “caráter” baseia-se nos traços mnêmicos de nossas impressões; e além disso, as impressões que maior efeito causaram em nós – as de nossa primeira infância – são precisamente as que quase nunca se tornam conscientes. (p. 494)

Esses traços mnêmicos de caráter podem se formar de diversas formas, como é desenvolvido em “Caráter e erotismo anal” (Freud, 1908b/2015): “os traços de caráter que permanecem são continuções inalteradas dos instintos originais, sublimações deles ou formações reativas a eles” (p.358); ou seja, eles estariam vinculados às memórias das experiências afetivas, negativas ou positivas, sendo que os traços de caráter das experiências afetivas negativas se constituiriam por meio de uma formação reativa, opondo-se à moção pulsional que produziu o desprazer. Por ora, deixaremos a questão da sublimação de lado, por conta de sua relação com o ideal do Eu.

Muitos anos depois, em “Inibição, sintoma e angústia”, Freud (1926/2016) nos fornece uma indicação do que seriam os traços de caráter:

Mas é preciso enfatizar que à diferença do que ocorre na neurose obsessiva, tais formações reativas [presentes na histeria] não têm a natureza geral de traços de caráter, limitando-se a relações muito específicas. ... Na histeria, a formação reativa se atém firmemente a determinado objeto, não se arvorando em *predisposição geral do Eu*. [grifos nossos] (pp. 104-105)

Como podemos extrair desse trecho, o *traço de caráter* é uma predisposição geral do Eu, sua tendência a buscar satisfação com determinado objeto ou a evitar outro. Da forma como compreendemos, um “traço de caráter” seria uma disposição pulsional do Eu, enquanto o “caráter” seria o *conjunto* desses traços organizados em estruturas e mecanismos com o intuito de guiar a moção pulsional em direção a determinados objetos ou metas. Ele teria um sentido de “identidade” do Eu, como no dito popular de que “Eu sou o reflexo das minhas atitudes”.

Aqueles traços que se originam de uma formação reativa passam a ter características opostas às da pulsão que foi reprimida, de modo que o traço faria frente à pulsão, realizando um contrainvestimento, como Freud (1930/2011) aponta em “O mal-estar na civilização”:

Alguns desses instintos são absorvidos de maneira tal, que em seu lugar aparece o que no indivíduo descrevemos como traço de caráter. O mais notável exemplo desse fato achamos no erotismo anal da criança. Seu interesse original na função excretora, nos órgãos e produtos dela, transforma-se, durante o crescimento, no grupo de características que conhecemos como parcimônia, sentido da ordem e limpeza, que, valiosas e bem-vindas em si, podem exacerbar-se até adquirir um marcante predomínio, e resultar no que chamamos caráter anal. Como isto sucede não sabemos, mas não há dúvidas quanto à justeza dessa compreensão. (p. 59)

Na 32ª das “Novas conferências introdutórias à psicanálise: Angústia e instintos”, acerca da formação de traços de caráter a partir de um ataque de angústia, Freud (1933b/2010) escreve que:

Ou o ataque de angústia se desenvolve inteiramente e o Eu se retira por completo da excitação inconveniente; ou opõe a esta, em vez do investimento experimental, um contrainvestimento, e este se combina à energia do impulso reprimido para formar o sintoma ou é acolhido no Eu como formação reativa, como fortalecimento de determinadas predisposições, como alteração permanente. (pp. 235-236)

Essa alteração permanente é o “traço de caráter”, conforme continua o autor:

Vocês já imaginam, sem dúvida, que essa coisa de difícil definição a que chamamos “caráter” deve ser atribuída ao Eu. Algo do que compõe esse caráter já apreendemos. Sobretudo a incorporação, como Super-eu, da inicial

instância parental, talvez a parte mais decisiva e importante, depois as identificações com os dois genitores da época posterior e com outras influentes pessoas, e as mesmas identificações como precipitados de relações objetais abandonadas. E acrescentemos, como contribuições nunca ausentes na formação do caráter, as formações reativas, que o Eu adquire primeiramente em suas repressões e, depois, nas rejeições de impulsos instintuais indesejados, por meios mais normais. (p.236)

Fenichel, citado por Laplanche e Pontalis (2001), descreve melhor esse processo:

O sujeito que elaborou formações reativas não desenvolve certos mecanismos de defesa para empregar diante da ameaça de um perigo pulsional; mudou a estrutura de sua personalidade como se esse perigo estivesse sempre presente, para estar pronto em qualquer momento em que surgir. (pp. 200-201)

Se o caráter se baseia em traços mnêmicos que se formam por experiências de descarga pulsional, podemos supor que ele seria da ordem da representação – ele também é uma característica do Eu. Em nossa concepção, o Eu representação a que se refere Halperin (1989) *seria o caráter*, a subestrutura auto reflexiva do Eu, para a qual os investimentos do Id se direcionariam. Os *traços de caráter* ligados a estruturas afetivas de valência positiva atrairiam a libido do Id, operariam como uma fixação. Por outro lado, os traços de caráter de valência negativa atrairiam a libido mediante a associação com um afeto penoso no sentido de evitá-lo, em analogia com o que ocorre com o objeto fóbico: “verifica-se que certos objetos de grande valor para o sujeito recebem não uma carga positiva mas uma carga negativa: assim, o objeto fóbico não é desinvestido, mas fortemente ‘investido’ como tendo-de-ser-evitado” (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 257). Para o traço de caráter, a manifestação do contrainvestimento não é a evitação do objeto, mas uma tendência à atitude contrária, uma inversão da meta, como uma mania de limpeza instaurada por uma formação reativa ao erotismo anal, por exemplo.

Partindo da definição de introjeção segundo Ferenczi, expandida por Freud (1915a/2014) sobretudo em “Os instintos e seus destinos” – em que se considera que, na fase do narcisismo primário, tudo aquilo que é da ordem do prazer é introjetado no Eu e tudo aquilo que é da ordem do desprazer é projetado para fora –, podemos levantar a hipótese de que, *nesse período, o autossentimento corresponderia, no limite, ao narcisismo*. O sentimento de onipotência da criança seria a expressão de um narcisismo livre de feridas, mas que passará a ser

constantemente abalado durante seu desenvolvimento, culminando no deslocamento do narcisismo primário para o ideal do Eu no processo de formação do Super-eu na saída do complexo de Édipo. Já em “Introdução ao narcisismo”, Freud (1914c/2014) supõe a existência de uma instância que possa observar e medir o Eu:

Não seria de admirar se encontrássemos uma instância psíquica especial, que cumprisse a tarefa de assegurar a satisfação narcísica a partir do ideal do Eu e que, com esse propósito, observasse continuamente o Eu atual, medindo-o pelo ideal. Havendo uma tal instância, será impossível para nós descobri-la; poderemos apenas identificá-la e constatar que o que chamamos de nossa consciência moral tem essas características. (pp. 41-42)

Assim, a *consciência moral*, que mais tarde viria a ser identificada como uma das funções do Super-eu, tem como objetivo guiar o Eu para a satisfação, obedecendo ao Princípio da Realidade. Isso implica em censurar certas moções pulsionais e punir o Eu com sentimentos de inferioridade e culpa, de forma que o Eu perceba seus limites e sua responsabilidade em seus dissabores. Sobre sua origem, Freud (1923b/2013) esclarece em “O Eu e o Id”:

Como os pais, em especial o pai, foram percebidos como obstáculo à realização dos desejos edípicos, o Eu infantil fortificou-se para essa obra de repressão, estabelecendo o mesmo obstáculo dentro de si. Em certa medida tomou emprestada ao pai a força para isso, e esse empréstimo é um ato pleno de consequências. O Super-eu conservará o caráter do pai, e quanto mais forte foi o complexo de Édipo tanto mais rapidamente (sob influência de autoridade, ensino religioso, escola, leituras) ocorreu sua repressão, tanto mais severamente o Super-eu terá domínio sobre o Eu como consciência moral, talvez como inconsciente sentimento de culpa. (p. 43)

Seria pela mediação do Super-eu que estruturas afetivas de valência negativa passariam a se ligar ao Eu, resultando em experiências de autossentimento desprazerosas, como punição por seus desejos edípicos.

A libido narcísica seria, então, aquela que é atraída para o Eu pelas estruturas afetivas positivas ligadas a ele. A experiência do autossentimento, enquanto estado afetivo de valência positiva, viria de uma descarga dessa libido como pulsão narcísica. O autossentimento também englobaria os estados afetivos provenientes da ativação de um afeto penoso, como nas punições oriundas do Super-eu. A partir dessas concepções, nosso próximo passo seria investigar as relações do Eu com o Super-eu, mas, antes, será preciso nos determos em uma função que diz respeito ao acúmulo de libido.

3.2 O grande reservatório de libido

Gostaríamos de chamar atenção para uma das funções do Eu: a de um grande reservatório de libido²⁵. Ela começa a ser desenvolvida em “Introdução ao narcisismo” (Freud, 1914c/2015), mas é mais bem explicitada em “Compêndio de psicanálise”, onde Freud (1940[1938]/2018) escreve que:

É difícil afirmar algo do comportamento da libido no Id e no Super-eu. Tudo o que sabemos sobre isso diz respeito ao Eu, no qual inicialmente se acha armazenado todo o montante disponível de libido. A esse estado chamamos *narcisismo* absoluto, primário. Ele dura até que o Eu começa a investir de libido as ideias de objetos, a transformar libido narcísica em *libido objetal*. Por toda a vida o Eu continua a ser o grande reservatório do qual os investimentos libidinais são enviados para objetos e ao qual são novamente recolhidos, tal como um ser protoplasmático faz com os seus pseudópodes. (p. 198)

Sobre os investimentos da libido do Eu para os objetos, em “‘Psicanálise’ e ‘Teoria da libido’” Freud (1923a/2014) explicita que “O próprio Eu veio a ser considerado um reservatório de libido — denominada “narcísica” —, desde o qual fluem os investimentos libidinais dos objetos e para o qual podem novamente ser recolhidos” (p. 294).

O fluxo de investimentos do Eu para os objetos é, conforme apresentado em “Introdução ao narcisismo” (Freud, 1914c/2015), “como o corpo de uma ameba aos pseudópodes que dele avançam” (p. 17), ou seja, o investimento parte do Eu para o objeto, mas não rompe o retículo protoplasmático. Isso implica que a libido está dentro do aparelho psíquico, mesmo quando ela está investida no objeto.

²⁵ Em um apêndice a “O ego e o id”, intitulado “O grande reservatório de libido”, Strachey (1976) nota que há duas posições aparentemente conflitantes sobre qual instância seria o grande reservatório de libido. Nesse texto, Freud aponta que o Id seria o reservatório, mas em todos os outros textos, tanto anteriores quanto posteriores, é o Eu que assume essa função. Dois pontos de conciliação são levantados por Strachey: o primeiro remete à ambiguidade da analogia, já que um reservatório tanto armazena como é fonte de água, o que pode ser aplicado tanto ao Eu como ao Id. O segundo aponta para um momento do desenvolvimento em que Eu e Id ainda não eram diferenciados: “Após a diferenciação ter ocorrido, o id continuaria como tanque de armazenamento, mas, quando começou a enviar catexias (quer para objetos quer para o ego agora diferenciado), ele seria, além disso, uma fonte de suprimento. Mas o mesmo também seria verdadeiro quanto ao ego, pois este seria um tanque de armazenamento da libido narcísica bem como, segundo um dos pontos de vista, uma fonte de suprimento para as catexias objetais” (Strachey, 1976, p. 83). Tanto o Eu como o Id poderiam ser tanto fonte como reservatório da libido, mas no Id ela estaria em sua forma original, enquanto que no Eu estaria sob a forma de libido narcísica.

Por um lado, pode parecer óbvio que a libido, “expressão dinâmica” (Freud, 1923a/2014, p. 288) da pulsão sexual na vida psíquica, permaneça na mente, mas, por outro lado, Freud dá a impressão de se referir em termos de um investimento do objeto real, externo ao aparelho psíquico num sentido literal e em oposição ao investimento da representação desse objeto, como na seguinte passagem de “O inconsciente” (Freud, 1915c/2015):

Sabíamos, é verdade, que a frustração relativa ao objeto traz a irrupção da neurose, e que a neurose implica a renúncia ao *objeto real*, e também que a libido subtraída ao objeto real retrocede a um objeto fantasiado e dele a um reprimido (introversão). (p. 139, grifos nossos)

Assim, “perde-se o suporte da noção de um aparelho psíquico como sistema fechado análogo ao sistema nervoso” (Laplanche e Pontalis, 2001, p. 256), o que deixa dúvidas sobre como esse mecanismo funciona, particularmente do ponto de vista topológico. A libido que é investida no objeto real vai para onde, exatamente? Ela de fato transborda o aparelho psíquico e se dirige para a outra pessoa? A relação amorosa consiste em uma troca literal de libido entre os amantes, como Freud (1914c/2015) faz parecer em “Introdução ao narcisismo”? Se for esse o caso, como em alguns momentos parece ser o que Freud quer dizer, surge uma questão fundamental: como a libido viaja de uma pessoa para outra?

A hipótese do aparelho psíquico como um sistema aberto para receber libido de fora contradiz a definição freudiana de que o corpo é a fonte exclusiva da pulsão, conforme desenvolvido em “Os instintos e seus destinos” (Freud, 1915a/2015):

Por fonte do instinto se compreende o processo somático num órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na psique pelo instinto. Não se sabe se tal processo é normalmente de natureza química ou se pode corresponder também à liberação de outras forças, mecânicas, por exemplo. (p. 59)

Além disso, o conceito de libido remete necessariamente à excitação somática, já que “Na medida em que a pulsão sexual se situa no limite psicossomático, a libido designa o seu aspecto psíquico” (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 266). Ela seria como que um sucedâneo no aparelho psíquico da tensão em um órgão, o aspecto somático da pulsão sexual. No “Compêndio de psicanálise”, Freud (1940[1938]/2018) trata o assunto da seguinte forma:

É inegável que a libido tem fontes somáticas, que aflui para o Eu a partir de diferentes órgãos e locais do corpo. Vemos isso muito nitidamente naquela

porção da libido que é denominada excitação sexual, com base em sua meta instintual. (pp. 198-199)

Dessa forma, não parece fazer sentido pensar na relação objetal como uma nova fonte “primária” da libido. Ela poderia apenas ser fonte no sentido de que de lá é retirada uma quantidade de afeto para ser investida em outro lugar. A relação com o outro poderia produzir tensão no aparelho psíquico por via exógena, apenas na medida em que estimula o corpo por meio dos órgãos sensoriais, de forma que essa estimulação é representada no aparelho psíquico como pulsão.

Poderíamos entender que a subtração da libido do dito “objeto real” seria uma renúncia da possibilidade em conquistar satisfação com ele no mundo externo. A libido subtraída seria deslocada para um objeto fantasiado, com uma consequente mudança na meta da pulsão. De acordo com Freud (1912/2015), em “Tipos de adoecimento neurótico”, a libido introvertida

se afasta da realidade, que perdeu seu valor para indivíduo pela renitente frustração, e volta-se para a vida da fantasia, na qual cria novas formações de desejo e reanima traços de formações anteriores, esquecidas. Em consequência da íntima relação entre atividade da fantasia e o material infantil, reprimido e tornado inconsciente, presente em cada indivíduo, e graças à isenção da prova da realidade que desfruta a vida da fantasia, a libido pode retroceder mais, e pela via da *regressão* achar trilhas infantis e aspirar a metas que lhe correspondam. (pp. 231-232)

A noção de um “objeto real” parece remeter mais à meta de satisfação com esse objeto no mundo externo do que à posição topológica que ele ocupa. Essa satisfação se daria por meio de uma ação específica que diga respeito a relação com esse objeto, como o ato sexual, por exemplo. Em oposição, o “objeto fantasiado” parece dizer respeito a uma meta própria, que seria o próprio fantasiar. Um mesmo objeto poderia ora ocupar a posição de objeto real ora de fantasiado, a depender de sua presença no mundo concreto e da intenção do sujeito em encontrá-lo. O elemento central da meta de satisfação pulsional com um “objeto real” parece ser a cessação da excitação em sua fonte corporal mediante o uso de um objeto concreto no mundo externo. Já a meta de satisfação pulsional com um “objeto fantasiado” poderia prescindir do objeto. Ainda assim, a relação com o “objeto real” também será atravessada pela fantasia do sujeito, suas projeções e idealizações, de forma que essa distinção é, de certa forma, forçada. É difícil conceber casos puros e isolados de ambos os tipos de satisfação: as fantasias e expectativas deverão

mediar a relação com os objetos externos e a pura fantasia não parece totalmente satisfatória sem um apoio em uma ação concreta, como no caso da masturbação. Uma proposta interessante de diferenciação entre fantasia e realidade é dada por Abraham e Torok (1995):

Com efeito, se convencionarmos chamar “realidade” (no sentido metapsicológico do termo) tudo o que age no psiquismo de maneira a lhe impor uma modificação tópica – quer se trate de uma restrição “endógena” ou “exógena” –, poder-se-á reservar o nome de “fantasia” a toda representação, toda crença, todo estado do corpo que tende ao efeito oposto, isto é, à manutenção do *status quo* tópico. Uma definição como essa não diz respeito nem aos conteúdos, nem aos caracteres formais, mas exclusivamente à *função da fantasia*, função preservadora, conservadora. (p. 241, grifos nossos)

Tanto o objeto “real” como o fantasiado estariam introjetados no aparelho psíquico, mas o fantasiado estaria mais próximo do material inconsciente e, portanto, do funcionamento primário, enquanto o objeto “real” estaria no campo do funcionamento secundário, do Princípio de Realidade. Este princípio implica no adiamento da satisfação, na necessidade de suportar o acúmulo da libido até que o objeto seja encontrado na realidade externa – que haja identidade perceptual com a representação do objeto evocada mentalmente. “Isso requereria uma conversão dos investimentos livremente deslocáveis em investimentos fixos” (Freud, 1911/2015, p. 114), conforme desenvolvido em “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico”. Dada a intensidade da fixação,

Com a introdução do princípio da realidade, dissociou-se um tipo de atividade de pensamento que permaneceu livre do teste da realidade e submetida somente ao princípio do prazer. É a atividade da *fantasia*, que tem início já na brincadeira das crianças e que depois, prosseguindo como *devaneio*, deixa de lado a sustentação em objetos reais. (pp. 114-115)

A noção de um investimento realizado concretamente em um objeto externo não aparenta ser o que Freud pretende, já que o autor deixa claro que a única fonte da pulsão é o corpo. Como tentativa de avançar essa discussão, propomos a leitura de que o dito investimento em um “objeto real” diz respeito a um tipo específico de investimento da representação em que há um movimento de procura por ele no mundo real, desde que a meta da pulsão seria a descarga da libido mediante a relação com o objeto. Já no investimento em um “objeto fantasiado”, a meta de

descarga no objeto externo estaria inibida, o próprio devanear sobre o objeto fantasiado seria a meta.

Se o Princípio da Realidade pressupõe um acúmulo, uma poupança de libido, por que ele não é sentido como desprazeroso? Freud (1914c/2015) se faz a mesma pergunta, em “Introdução ao narcisismo”:

Naturalmente a nossa curiosidade perguntará aqui por que um tal represamento da libido no Eu tem de ser sentido como desprazeroso. Quero me contentar com a resposta de que o desprazer em geral é expressão de uma tensão mais elevada, de que portanto é uma quantidade do suceder material que aqui, como em outros lugares, se transforma na qualidade psíquica do desprazer; para o desenvolvimento do desprazer pode não ser então decisiva a grandeza absoluta do evento material, mas uma determinada função dessa grandeza absoluta. A partir disso ousaremos abordar esta outra questão: de onde vem mesmo a necessidade que tem a psique de ultrapassar as fronteiras do narcisismo e pôr a libido em objetos? A resposta derivada de nosso curso de pensamento seria, mais uma vez, que *tal necessidade surge quando o investimento do Eu com libido superou uma determinada medida*. Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar. (p. 29, grifos nossos)

Fica claro por essa passagem que há um limiar máximo do que Eu pode suportar, de forma que, antes atingir o limiar, o Eu investe seus objetos de amor, distribui a libido como pode entre suas atividades, *“espalha suas emoções por todo tipo de objetos que pouco lhe interessam, para deixar no inconsciente suas emoções vinculadas a certos objetos que lhe interessam demais”* (Ferenczi, 1909/2011, p. 97).

Mas em que consiste esse limiar? Sabemos que ele é diferente para cada pessoa, que uma excitação que é excessiva para um não é para o outro. Podemos comparar a questão do limiar à *capacidade do reservatório*, a quantidade de libido que o Eu pode armazenar.

No Capítulo anterior, vimos que a medida de amor a um objeto estaria articulada a quantidade de estruturas afetivas de satisfação ligadas a ele, ao “tamanho” do complexo afetivo formado por essas estruturas e ligado à representação daquele objeto. Assim, poderíamos supor que esse tamanho corresponderia à capacidade do reservatório, de forma que o *grande reservatório* não seria propriamente o Eu representação, mas seu complexo afetivo associado – o narcisismo. Na prática, essa distinção faz pouca diferença, já que o complexo afetivo também faz parte do Eu, o que pressupõe uma unidade do Eu bem estabelecida. O que importa destacar nessa linha de raciocínio é que quanto maior

for esse complexo afetivo, mais libido poderia ser armazenada, sem que o seu acúmulo seja sentido como desprazeroso.

O autossentimento estaria diretamente articulado ao narcisismo, sendo ambos equivalentes em sua origem, já que na fase do narcisismo primário as experiências afetivas de valência negativa são sempre projetadas para o objeto externo. É só posteriormente que outras estruturas afetivas secundárias passariam a se formar em torno das representações parciais e globais do Eu. Conforme o Eu vai se desenvolvendo, vão se ligando a ele representações e afetos dos mais variados, de forma que elas “convertem-se em imagens identificatórias que regem ou determinam o comportamento, fato que tem muita importância no campo da psicopatologia” (Halperin, 1989, p. 165), ou seja, seus traços de caráter.

Dito de outra forma, o narcisismo compreenderia, do ponto de vista *qualitativo*, as estruturas afetivas de satisfação ligadas ao Eu, enquanto o autossentimento abarcaria a totalidade de suas estruturas afetivas. Do ponto de vista *quantitativo*, o narcisismo seria equivalente à capacidade máxima de libido que pode ser armazenada no Eu, enquanto o autossentimento seria a expressão da quantidade de libido narcísica disponível no reservatório, resultado da subtração do total da libido atraída pelas estruturas afetivas de valência positiva menos os contrainvestimentos retirados para inibir o desenvolvimento dos afetos de valência negativa.

Lembremos dos três componentes do autossentimento apresentados em “Introdução ao narcisismo” (Freud, 1914c/2015): “Uma parte do amor próprio é primária, resto do narcisismo infantil; outra parte se origina na onipotência confirmada pela experiência (do cumprimento do ideal do Eu); uma terceira, da satisfação da libido objetal” (p.48). Num primeiro momento, no qual o Eu real é igual ao ideal, o autossentimento também seria igual ao narcisismo, mas logo ele será perturbado pela crise edípica. Assim, uma parte de seu narcisismo será deslocado para a formação do ideal do Eu, de forma que a expressão do caráter quantitativo do autossentimento tem como base o que restou do amor do Eu por si mesmo, após parte dele ter sido deslocado para a formação do ideal. A isso se acrescenta a libido que retorna ao Eu pelo cumprimento do ideal, bem como aquela da satisfação objetal.

Podemos considerar ainda que o autossentimento será rebaixado pelos contrainvestimentos dele retirados, seja para se opor a uma moção de desejo

proibida, seja para inibir o desenvolvimento de um afeto penoso. Nesse segundo caso, propomos incluir os sentimentos de inferioridade e culpa, em função do comentário de Freud (1914c/2015) em “Introdução ao narcisismo” acerca da fonte do sentimento de inferioridade: “Mas a fonte principal desse sentimento [de inferioridade] é o empobrecimento do Eu que resulta dos enormes investimentos libidinais dele retirados, ou seja, o dano trazido ao Eu por tendências sexuais não mais sujeitas a controle” (p. 46). Assim, nosso próximo passo será dirigir nossa atenção para a formação do ideal do Eu e do Super-eu, bem como os sentimentos de inferioridade e culpa, produzidos pela tensão dessas instâncias com o Eu.

3.3 Ideal do Eu e consciência moral: inferioridade e culpa

Em “Introdução ao narcisismo”, Freud (1914c/2015) se indaga sobre as perturbações que o narcisismo primário pode sofrer, ou seja, sobre o que teria acontecido para que o adulto abandonasse a megalomania da primeira infância. O adulto tem um conjunto de ideais morais e culturais por meio dos quais pauta suas ações, de forma que moções de desejo que contrariem esses ideais devem ser recalçadas. Eles não são necessariamente conscientes e a operação do recalque certamente não o é. Assim, Freud entende que o sujeito “erigiu um *ideal* dentro de si, pelo qual mede seu Eu atual ... Para o Eu, a formação do ideal seria a condição para a repressão” (p. 40). O ideal do Eu funcionaria como uma cartilha de regras que o Eu deve cumprir para obter satisfação, determinando quais desejos são aceitáveis e quais não:

Pois a incitação a formar o ideal do Eu, cuja tutela foi confiada à consciência moral, partiu da influência crítica dos pais intermediada pela voz, aos quais se juntaram no curso do tempo os educadores, instrutores e, como uma hoste inumerável e indefinível, todas as demais pessoas do meio (o próximo, a opinião pública). (p. 42)

Dessa maneira, em função das críticas dos pais, a perfeição narcísica da infância teve de ser abandonada: não é possível satisfazer-se com tudo, há regras que devem ser obedecidas. Ao ideal do Eu “dirige-se então o amor a si mesmo [*Selbstliebe*], que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição” (p. 40). Ele é fruto de uma recusa a renunciar à satisfação narcísica e

permanece como uma tentativa do Eu de readquiri-la, um deslocamento de sua fixação. Como escreve o autor:

Ele não quer se privar da satisfação narcísica da infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. *O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância*, na qual ele era seu próprio ideal. (p.40, grifos nossos)

Na sequência do texto, aparece outra instância psíquica especial que teria como função “a tarefa de assegurar a satisfação narcísica a partir do ideal do Eu” (p.41), ou seja, ser uma via pela qual ele possa cumprir seu ideal. Mais tarde, em “O Eu e o Id” (Freud, 1923b/2015), no contexto da segunda topologia do aparelho psíquico, essa instância psíquica especial se tornaria o Super-eu, herdeiro do complexo de Édipo. O Super-eu passa a agregar a função de ideal do Eu e também essa função observadora e julgadora, a consciência moral, oriunda da introjeção das críticas dos pais. Na “31ª Conferência”, Freud (1933a/2011) destaca as três funções do Super-eu: “a auto-observação, a consciência moral e a função de ideal” (p. 205).

A partir desse ponto, o desejo da criança passa a ser reencontrar o estado do narcisismo primário, no qual ela era seu próprio ideal, é a “nostalgia do paraíso perdido” (p. 31), de acordo com Chasseguet-Smirgel (1992), voltar ao momento mítico onde não havia frustração nem angústia. Retornar a esse estado seria buscar novamente a fusão primitiva com a mãe, de forma que “A fixação incestuosa, a viscosidade da libido do menino que não pode renunciar à posse de sua própria mãe é implicitamente ligada pelo próprio Freud ao estado intrauterino e à dificuldade em abandoná-lo” (p. 30). É a fixação no estado intrauterino que sustenta a concepção de trauma do nascimento, já que o nascimento encerra abruptamente o estado de plena satisfação e expõe o bebê recém-nascido a excitações sensoriais excessivas, provenientes do mundo externo.

O desejo incestuoso surge como uma forma de readquirir a satisfação narcísica vivida no útero e, posteriormente, no estágio pré-edípico, já que “o unir-se sexualmente a própria mãe constitui a possibilidade de reencontrar o estado narcísico primário” (Chasseguet-Smirgel, 1992, p. 30). Essa primeira relação é perturbada pela aparição de um terceiro, frequentemente o pai, que também é alvo do desejo da mãe, excluindo a criança da relação. Segue-se que a criança,

Então, começa a descobrir que ela não contém todo o valorizado. Primeiro, relação dual com a mãe, identifica-se com todo o idealizado; vem um intruso

que abre um campo do qual a criança sente-se excluída e, para conseguir recompor-se narcisicamente, tem que identificar-se com o idealizado, que não é igual ao eu; tem que encontrar, nesse campo aberto, aquilo que marca o que ela não tem, mas que precisa chegar a ter. (Hornstein, 1989, p. 175)

Para fins de simplificação, em “O Eu e o Id”, Freud (1923b/2013) costuma se referir ao complexo de Édipo simples no menino, ou seja, ambivalência com o pai e desejo pela mãe; mas, devido à bissexualidade constitutiva do ser humano, nota que “Uma investigação mais penetrante mostra, em geral, o complexo de Édipo *mais completo*, que é duplo” (p. 41). Assim, a criança tem uma dupla relação de identificação e investimento objetal com ambos os pais, mas a satisfação de seus desejos incestuosos lhe é vedada. Mesmo considerando o complexo de Édipo completo, a primeira e mais fundamental identificação é com a mãe, aquela que precede a relação objetal, fundando-a.

Dado que o desejo incestuoso tem como meta o reestabelecimento da fusão com a mãe, surge a questão de como esse desejo opera na menina, ou seja, por que ela não desenvolve uma escolha de objeto homossexual, como aponta a reflexão de Chasseguet-Smirgel (1992):

Se o incesto, no sentido etimológico do termo, é somente o incesto com a mãe, a filha deveria conhecer uma insaciável homossexualidade ... Entretanto, a diferença de sexos leva a filha em direção ao pai, e se, sempre na perspectiva que adotamos, seu erotismo vai ao encontro de seu desejo de abolir a distância entre Ideal do Ego, na fusão narcísica primária – não resta senão que a filha tenha uma saída que lhe permita, de uma certa maneira, conciliar seu desejo erótico, que vai em direção ao pai, e seu desejo de reencontrar a fusão primitiva com a mãe: é a maternidade. A mãe pode reviver com o filho, de um modo muito mais evoluído, certamente, a fusão que na infância ela viveu com sua própria mãe. Vê-se que, por razões óbvias, a filha é levada a projetar seu desejo no porvir. E, pois, a constituir para si um Ideal do Ego que conterà o projeto de tornar-se a mãe como mãe e como mulher do pai, tendo recebido dele uma criança. (p. 35)

Vemos que o ideal do Eu se constitui como um projeto, o que implica no adiamento da satisfação, ou seja, na instauração do Princípio da Realidade. Sua dimensão como projeto contempla um sentido de evolução, de uma inscrição temporal onde pode haver a conquista gradual de diversas etapas que levem em direção à satisfação desejada:

Cada etapa de seu desenvolvimento deve-lhe fornecer suficientes gratificações para que ele não tenha necessidade de voltar atrás, e suficientes frustrações para que ele não tenha necessidade de se deter (fixar). Em suma,

para conservar a *esperança*, que permitirá a criança continuar subindo os degraus de sua evolução. (p. 32)

A manutenção desse delicado equilíbrio é função de seus pais e cuidadores, particularmente da mãe, que é o alvo dos investimentos mais intensos da criança. À manutenção desse equilíbrio podemos articular o “cuidado suficientemente bom”, presente na concepção de Winnicott (1952/2000), que abordaremos no próximo capítulo.

Em função do impedimento de suas moções pulsionais incestuosas, a criança terá que se opor ao desenvolvimento desse desejo, que agora está associado ao afeto penoso da frustração, de forma que, conforme apresentado em “o Eu e o Id” (Freud, 1923b/2013): “o Super-eu não é simplesmente um resíduo das primeiras escolhas objetais do Id; possui igualmente o sentido de uma enérgica formação reativa a este” (p.42), de forma que “quanto mais forte foi o complexo de Édipo ... tanto mais severamente o Super-eu terá domínio sobre o Eu como consciência moral” (p. 43). A partir desses trechos, é possível propor a leitura de que o domínio do Super-eu sobre o Eu seria proporcional a intensidade dos contrainvestimentos retirados do Eu para fazer frente ao desejo incestuoso do Id. Essa seria a porção de libido narcísica retirada do Eu para a formação do ideal, que seria um traço de caráter – estando, portanto, no campo da representação – originado da formação reativa ao desejo incestuoso. O ideal conteria tudo aquilo que é valorizado, em oposição ao desejo proibido, mas

Sua relação [do Super-eu] com o Eu não se esgota na advertência: “Assim (como o pai) você *deve* ser”; ela compreende também a proibição: “Assim (como o pai) você *não pode* ser, isto é, não pode fazer tudo o que ele faz; há coisas que continuam reservadas a ele”. (Freud, 1923b/2013, pp. 42-43)

As duas advertências do Super-eu remetem ao ideal do Eu e à consciência moral, de forma que a diferença entre essas duas funções está no tipo de regra que cada uma impõe: uma de caráter propositivo, daquilo que o Eu deve ser ou fazer; e outra de caráter proibitivo, daquilo que o Eu não deve ser ou fazer. Para que essas normas sejam cumpridas,

O instrumento da autoridade é a afirmação ou a negação do amor, e, sobre o fundo da impotência infantil, ergue-se a onipotência parental. É assim que as aspirações sobre o que se deve ser e ter (ideal do eu) e as determinações sobre o que não se deve fazer (supereu) estarão delimitadas pelas aspirações parentais. (Hornstein, 1989, p. 208)

Devido ao desamparo constitutivo do ser humano, a criança depende de seus pais, de forma que, para sobreviver, tanto psíquica como fisicamente, deve conquistar seu amor.

Em “O mal-estar na civilização”, ao tratar da dependência da criança do amor dos pais, Freud (1930/2011) nota que: “Se perde o amor do outro, do qual é dependente, deixa também de ser protegido contra perigos diversos, sobretudo expõe-se ao perigo de que esse alguém tão poderoso lhe demonstre a superioridade em forma de castigo” (p. 94). Perder o amor dos pais não é apenas perder a possibilidade de satisfação, mas é, também, perder sua proteção e a possibilidade de estar seguro, o que, para o bebê, significa a morte. Ou seja, ser amado e desejado por seus pais é a condição para a sobrevivência.

O ideal do Eu contém representações de características ligadas a estruturas afetivas de valência positiva, de forma que, se o Eu passar a tê-las, receberá também um ganho libidinal, que significa um aumento em seu autossentimento. Da mesma maneira, a consciência moral contém representações de características ligadas a estruturas afetivas de valência negativa, de forma que as possuir implica em uma ferida narcísica, já que deverão ser retirados contrainvestimentos do Eu para fazer oposição ao seu desenvolvimento, o que levaria a uma diminuição do seu autossentimento.

Após a internalização das instâncias parentais sob a forma do Super-eu, as repreensões que outrora foram dispensadas pelos pais dão fundamento para os sentimentos de inferioridade e culpa. Do ponto de vista econômico, o Super-eu teria como função incentivar o Eu a fazer valer o Princípio da Realidade, garantir que o Eu se dirija à satisfação de suas pulsões com a devida contenção, direcionando-as para objetos e metas adequados, na linha do que Freud (1914c/2015) desenvolve em “Introdução ao narcisismo”:

Haver trocado seu narcisismo pela veneração de um elevado ideal do Eu não implica ter alcançado a sublimação de seus instintos libidinais. É certo que o ideal do Eu requer tal sublimação, mas não pode forçá-la; a sublimação continua sendo um processo particular, cuja iniciação pode ser instigada pelo ideal, mas cuja execução permanece independente da instigação. (p. 41)

As proibições não viriam de regras arbitrárias, mas sim das experiências de impedimento da satisfação vividas ao longo do desenvolvimento da criança. As

moções de desejo incestuoso da criança serão bloqueadas por seus pais que, por meio da palavra, negarão a satisfação à criança. Com isso, ela será forçada a abandonar esses desejos, saindo da fase do complexo de Édipo, de forma que o precipitado desses desejos formaria o primeiro núcleo do Super-eu. Em seu sentido *qualitativo*, as normas arbitrárias, por vezes absurdas, que o Super-eu impõe ao Eu seriam fruto da internalizações dessas proibições de seus pais, às quais se somarão, posteriormente, aquelas aprendidas na educação, também conforme mediação da palavra ouvida; enquanto seu caráter *quantitativo*, sua intensidade, teria origem na intensidade da formação reativa aos desejos recalçados.

Em pequenas quantidades, o sentimento de inferioridade teria o objetivo de propeler o Eu à ação, levando-o a buscar a realização das metas de seu ideal no mundo externo – algo análogo à compensação de Adler –, porém, “O Eu reage com sentimentos de angústia (angústia de consciência) à percepção de que não ficou à altura das exigências colocadas por seu ideal”, como aponta Freud (1924b/2013, p. 196), em “O Problema econômico do masoquismo”. Esses castigos, sob a forma dos sentimentos de culpa e inferioridade, seriam advertências do Super-eu que, poderíamos supor, seriam análogos ao sinal de angústia, por conta de seu papel defensivo. O sentimento de culpa, também em pequenas doses, teria como função impedir o Eu de buscar a realização de um desejo cuja satisfação seria, de alguma forma, perigosa. Em ambos os casos, propomos uma analogia com o papel defensivo da angústia, que liberada intencionalmente e em pequena quantidade pelo Eu teria como função dar início ao processo defensivo. Essa analogia será melhor desenvolvida no próximo Capítulo, por ora queremos apenas chamar atenção para a possibilidade de os sentimentos de inferioridade e culpa também possuírem um papel defensivo.

A severidade do Super-eu seria proporcional a força da formação reativa que o originou, acrescido das exigências dos pais que foram introjetadas durante a educação, de forma que o uso da afirmação ou negação do amor pelos pais tem um impacto significativo no autossentimento da criança, como escreve Freud (1933a/2011), na 31ª das “Novas conferências introdutórias à psicanálise: a dissecação da personalidade psíquica”: “A criança sente-se inferior ao notar que não é amada, e assim também o adulto” (p. 203).

Nessa mesma direção, em “Além do princípio do prazer”, ao discorrer sobre a desilusão amorosa e o fracasso da pesquisa sexual da criança, Freud (1920/2010),

nos indica que “A perda do amor e o fracasso deixam atrás de si um dano permanente na autoestima, em forma de ferida narcísica, que é ... a mais forte contribuição ao ‘*sentimento de inferioridade*’, frequente nos neuróticos” (p. 180, grifos nossos). Ou seja, essa ferida narcísica, oriunda da decepção em relação ao laço amoroso, está articulada com o fracasso em conquistar seu objeto de amor, “daí o lamento posterior: ‘Não consigo realizar nada, nada dá certo pra mim’” (p.180), que é tão familiar na clínica daqueles que sofrem com sentimentos de inferioridade.

Um aspecto importante das consequências do manejo das gratificações e frustração dispensadas pelos pais à criança se relaciona, intimamente, com um sentimento mais geral de ser amada ou não, independente das eventuais infrações das normas parentais que a criança possa ter cometido em seu desenvolvimento. Sentir-se amada, independentemente de suas atitudes, parece ser o fundamento de uma representação de si positiva. De acordo com Chasseguet-Smirgel (1992),

Se a criança sente que é amada por sua mãe (mas não seduzida por ela) simplesmente *porque ela existe*, ela poderá interiorizar, em certa medida, uma faculdade de auto-avaliação que a tornará menos tributária dos circunstanciais, na regulação de sua self-esteem.

De uma maneira mais ampla, a realização de identificações com objetos suportes do Ideal do Ego lhe permitirá adquirir uma boa auto-estima: seu Ego se identificará com os objetos idealizados, aproximando-se assim de seu Ideal e podendo, ao mesmo tempo, oferecer-se ao amor do Id. Sua auto-estima se achará aumentada e a tornará (a criança) mais autônoma em relação à opinião. (p. 129)

O sentir-se amado e ter uma relação de proximidade íntima com o objeto de seu amor, parece estar associado com a realização de identificações simultâneas ao investimento objetal, promovendo uma alteração do seu caráter no decorrer da relação, na linha da conceituação de Freud (1923b/2013) acerca da formação do caráter, apresentada em “O Eu e o Id”, que reproduzimos novamente: “Também devemos considerar o investimento objetal e a identificação simultâneos, ou seja, uma alteração do caráter anterior ao abandono do objeto” (p. 37). Essa abertura para o outro se assemelha a um fusionamento momentâneo que, como um orgasmo, pode permitir experimentar brevemente um fragmento da experiência do Eu ideal, da satisfação edípica tão almejada. Isso seria independente do tipo de escolha de objeto, já que,

Se o unir-se sexualmente a própria mãe constitui a possibilidade de reencontrar o estado narcísico primário, a diferença estabelecida por Freud, no texto de 1914, entre escolha do objeto narcísico e a escolha de objeto anaclítico (ou “por apoio”) tende a se atenuar pois que, de saída, um como outro visam reencontrar a completude narcísica anterior à defusão com o objeto primário. (Chasseguet-Smirgel, 1992, p. 30)

Parece-nos ser nesse sentido que, conforme a indicação de Freud (1914c/2015), em “Introdução ao narcisismo”, se sustenta a afirmação de que “ser amado, achar amor em troca, possuir o objeto amado” (p. 47) eleva o autossentimento, sendo válido tanto para a criança como para o adulto. No caso da criança, ser amado pelos pais apenas por existir teria uma contribuição decisiva na formação de um Super-eu mais brando, que permita que a criança possa usufruir de satisfações narcísicas e ter mais mobilidade em seus investimentos libidinais.

Por outro lado, um amor que seja apenas condicionado aos atos, excluindo-se a dimensão do amor ontológico, implica em uma construção subjetiva que tenderá a ficar sempre à mercê da opinião alheia em uma constante necessidade de provar o seu valor, já que “a atitude da mãe viciou o aspecto ‘objetivo’ do ato que não será mais utilizado como uma prova *em si* das capacidades do Ego, mas como um meio de se fazer confirmar (aprovar) pelos outros, como outrora pela mãe” (Chasseguet-Smirgel, 1992, p. 129).

Além da relação com os pais, “progressivamente, o supereu-ideal do eu recebe também as influências de outras figuras significativas, tornando-se cada vez mais impessoal” (Hornstein, 1898, p. 209). Essas influências vão se acrescentando ao primeiro núcleo do Super-eu, formado pela introjeção das imagos parentais, de forma que aquilo que é valorizado socialmente também será introjetado no ideal em um processo contínuo e ininterrupto. Assim, vai se abrindo um campo que convida o outro indistinto (a sociedade, a opinião pública) para o interior do debate narcísico do sujeito, podendo chegar ao ponto de uma total dependência da opinião do outro para regulação do seu amor próprio. Dessa forma,

A originalidade do Ideal do Ego é, de fato, ser um conceito articulador entre o narcisismo absoluto e a objetividade, entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, pois que ele resulta da cisão entre o Ego e o objeto. (Chasseguet-Smirgel, 1992, p. 31)

Em outras palavras, o conceito de ideal do Eu articula a dimensão intersubjetiva com a social, já que é por meio dele que os ideais culturais se alojam

no sujeito. Essas características valorizadas socialmente, e que passaram a ser valorizadas pelo sujeito, na medida em que foram introjetadas, não necessariamente serão prazerosas, assim como os atos proibidos não necessariamente serão fonte de desprazer. Dito de outra forma:

A partir da constituição do ideal do eu, podem haver coisas prazerosas mas não valorizadas, que serão objeto de recalçamento ou condenação (consciente), assim como o ideal pode valorizar atividades que não são prazerosas. Poderíamos acrescentar que o campo sublimatório é o da realização que conjugaria o prazeroso com o valorizado. (Hornstein, 1989, p. 208)

Assim, seguiremos nossa investigação em direção ao campo sublimatório, onde se encontra a possibilidade de fazer cumprir parte do ideal do Eu e assim reestabelecer uma parcela do aspecto econômico de seu autossentimento.

3.4 Os empregos da libido narcísica: sublimação e investimento objetal

3.4.1 Reverência ao velho objeto versus a criação de algo novo

O conceito de sublimação atravessa a obra de Freud desde cedo, aparecendo oficialmente, pela primeira vez, em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905/2016), mas já estando presente no pensamento do autor nas correspondências com Fliess desde a segunda metade da década de 1890, como sublinha Loffredo (2014). Na linha de sua reflexão, originalmente a sublimação foi concebida como uma mudança na meta da pulsão e, posteriormente, como uma mudança de meta e objeto, mas, no geral, foi pouco trabalhada por Freud, sendo mais enunciada do que propriamente desenvolvida em seu trajeto. Nesta pesquisa, não pretendemos fazer uma exposição acerca das problemáticas em torno desse destino pulsional; para isso, reportamos o leitor o trabalho desta autora, que será nosso acompanhante nesse breve percurso. Nosso interesse será dirigido especialmente para sua relação com o cumprimento do ideal do Eu e o reestabelecimento do autossentimento.

Em “Introdução ao narcisismo”, Freud (1914c/2015) considera que “A sublimação é um processo atinente à libido objetal e consiste em que o instinto se lança a outra meta, distante da satisfação sexual; a ênfase recai no afastamento ante o que é sexual” (p. 40). A outra meta à qual se lança a pulsão será aquela

estabelecida pelo ideal do Eu, pela qual suas exigências possam ser cumpridas, já que “a formação do ideal aumenta as exigências do Eu e é o que mais favorece a repressão; a sublimação representa a saída para cumprir a exigência sem ocasionar a repressão” (p. 41).

Em “Instintos e seus destinos”, Freud (1915a/2015) situa a sublimação como um dos quatro destinos pulsionais possíveis, a saber: “A reversão no contrário. O voltar-se contra a própria pessoa. A repressão. A sublimação” (p. 64). Freud também considera que esses destinos podem ser apresentados como “modalidades de *defesa* contra os instintos” (p. 64). Deve-se destacar que a ordem na qual os destinos estão enumerados não é trivial, como aponta Green (2010), pois são organizados num sentido de crescente trabalho psíquico necessário para sua operação. Para Loffredo (2014), a sublimação se diferenciaria dos demais por possibilitar uma maior variedade de encaminhamentos para a moção pulsional, tendo como característica fundamental a plasticidade de objetos e metas, sendo que sua diferença com o recalque

repousa no fato de que o recalque não incide sobre a pulsão enquanto tal, mas sim, sobre seus representantes, ao passo que a sublimação se dirige diretamente à própria pulsão, desde que dois de seus atributos, objeto e meta, são transformados pela sua operação. (pp. 28-29)

Enquanto o recalque, para essa autora, impõe um impedimento ao desenvolvimento da pulsão, ao separar seus representantes, representacional e afetivo, a sublimação permite um novo encaminhamento, uma *derivação* do investimento para outro caminho, levando a possibilidades mais criativas de satisfação.

Ainda que a sublimação permita uma gama muito maior de possibilidades de encaminhamento para a pulsão, ela será parcialmente limitada pelas imposições do Super-eu referentes aos objetos e metas permitidos, de modo que um Super-eu excessivamente rígido pode dificultar severamente a operação da sublimação e, portanto, o cumprimento do ideal. O elemento central da transformação da meta na sublimação é, em “O Eu e o Id” (Freud, 1923b/2013), a *dessexualização* da pulsão:

A transformação da libido objetal em libido narcísica, que então ocorre, evidentemente acarreta um abandono das metas sexuais, uma dessexualização, ou seja, uma espécie de sublimação. E surge mesmo a questão, digna de um tratamento mais aprofundado, de que este seria talvez o caminho geral da sublimação, de que talvez a sublimação ocorra por

intermediação do Eu, que primeiro converte a libido objetal sexual em libido narcísica, para depois dar-lhe quiçá outra meta. (p. 37)

Mas deve-se notar que Freud se refere ainda a “uma espécie de sublimação” e, nesse caso, parece se reportar a duas operações distintas e ordenadas no tempo, de acordo com Mijolla-Mellor (2012), sendo a primeira a transformação da libido objetal em narcísica, no âmbito de uma “espécie de sublimação”, ligada ao investimento do Eu pelo Id, o amor que o Eu pode receber mediante a identificação com o objeto amado que fora perdido: “Se o Eu assume os traços do objeto, como que se oferece ele próprio ao Id como objeto de amor, procura compensá-lo de sua perda, dizendo: ‘Veja, você pode amar a mim também, eu sou tão semelhante ao objeto’” (p. 37). É justamente a esse investimento libidinal do Eu que reportamos o aspecto econômico do autossentimento, desde que a posse desses traços de caráter “tão semelhantes ao objeto”, que seria a condição para o reestabelecimento da libido narcísica.

O ideal do Eu conteria a memória de quais seriam esses traços e tentaria levar o Eu até eles por meio da sublimação propriamente dita, que seria a segunda operação sublimatória, na qual a libido dessexualizada se direciona para as metas e objetos valorizados pelo ideal:

Assim se demarca a *capacidade* de sublimar em função da noção de libido do eu, desde que, ao se desligar de seus investimentos objetais, vinculando-se ao eu, a libido torna-se mais disponível, condição fundamental para a operação da sublimação. Nesse contexto, o objeto se apresenta como um prolongamento do eu, daí sua característica de ser indiferente e facilmente passível de troca, justamente na contramão da fixação que se alinha na direção da idealização. (Loffredo, 2014, p. 244)

Diferente da sublimação, a idealização diz respeito a uma supervalorização do objeto, como no caso da superestimação sexual encontrada no estado de enamoramento. Ela é definida em “Introdução ao narcisismo” (Freud, 1914c/2015) como sendo “um processo envolvendo o objeto, mediante o qual este é aumentado e psiquicamente elevado sem que haja transformação de sua natureza” (p. 40), estando, portanto, no campo da problemática dos valores. O objeto idealizado contém o que é valorizado, de forma que o Eu deve possuí-lo para retomar a satisfação narcísica primitiva, ou seja, “aquilo que possui o mérito que falta ao Eu para torná-lo ideal é amado” (p. 49). Ela é fundamentalmente distinta da sublimação, “Na medida, portanto, em que a sublimação descreve algo que sucede ao instinto, e

a idealização, algo que diz respeito ao objeto, devemos separá-las conceitualmente” (p. 41).

Na medida em que o objeto idealizado contém o que é valorizado, Freud (1921/2014), em “Psicologia das massas e análise do Eu”, considera que na

“entrega” do Eu ao objeto ... deixam de operar completamente as funções conferidas ao ideal do Eu. Cala a crítica exercida por essa instância; tudo o que o objeto faz pede é justo e irrepreensível. A consciência não se aplica a nada que acontece a favor do objeto; na cegueira no amor, o indivíduo pode se tornar, sem remorsos, um criminoso. Toda a situação pode ser resumida cabalmente numa fórmula: *O objeto se colocou no lugar do ideal do Eu.* (p. 72)

A idealização coloca o Eu em uma posição de serventia ao objeto, na qual ele paga um alto preço pela possibilidade de obter alguma satisfação narcísica, ficando, portanto, a mercê do objeto. A definição de idealização pode, então, ser recortada como sendo

Uma consequência do *fracasso* da formação do supereu e do ideal de eu na saída do Édipo. Não tendo podido constituir suas instâncias ideais em um sólido processo de identificação que assegurasse que, por seu intermédio, os primeiros objetos idealizados se tornassem propriedade do eu, este último encontra-se obrigado a despojar-se de sua libido narcísica em benefício de objetos existentes na realidade e, portanto, alienantes, no sentido de uma restrição imposta ao eu de colocar para fora de si seu elemento constitutivo mais importante, o ideal do eu. (Mijolla-Mellor, 2010, p. 502, grifos nossos)

Na linha de nosso raciocínio, esse fracasso estaria associado à ausência do sentimento de ser amada pelos pais apenas por existir, em uma relação de proximidade e identificação, conforme expomos anteriormente. Nesses casos, restará como alternativa ao Eu projetar seu ideal do Eu para fora, na esperança de obter satisfação narcísica, atendendo às demandas do objeto.

Em oposição à idealização, o trabalho da sublimação permite uma “identificação à instância ideal protetora e seu superinvestimento [que] também são uma vitória contra esta mesma instância sob sua forma negativa e crítica” (p. 504). Será possível, então uma mediação satisfatória com a instância ideal protetora e amada, de forma que

o eu obriga o supereu a amá-lo, renunciando à forma criticada por este último e edificando, por seu trabalho sublimatório, *uma nova forma de eu* segundo o modelo do ideal. É neste sentido que, parece-me, pode-se compreender a sublimação como uma ereção ou um restabelecimento do eu no eu depois que este último tenha podido ou tenha arriscado ser o objeto de uma perda. A

perda primária que induzirá as primeiras escolhas sublimatórias é aquela do eu-ideal. (p. 506, grifos nossos)

Como vemos, o trabalho sublimatório origina uma *nova formatação criativa do Eu*, atendendo às demandas do ideal do Eu, mas de uma maneira mais independente do objeto. É criativa, no sentido que não é uma reprodução de características do objeto, mas algo novo, de forma que “Desse ponto de vista, a sublimação parece bem diferente do processo de identificação que erige o objeto no eu, da mesma maneira que o processo de idealização, que coloca o objeto no lugar do ideal do eu” (p. 506).

3.4.2 É amor ou é paixão?

No decorrer de “Introdução ao narcisismo”, Freud (1914c/2015) sustenta a posição de que investir libido (ou amar) tem um efeito rebaixador no autossentimento, desde que, para amar, uma parte do narcisismo deve ser deslocado para o objeto:

É fácil observar, além disso, que o investimento libidinal de objetos não aumenta o amor-próprio. A dependência do objeto amado tem efeito rebaixador; o apaixonado é humilde. Alguém que ama perdeu, por assim dizer, uma parte de seu narcisismo, e apenas sendo amado pode reavê-la. Em todos esses vínculos o amor-próprio parece guardar relação com o elemento narcísico da vida amorosa. (p. 46)

Partindo da hipótese dos dois registros de Barros (1975, 1998), de que haveriam dois tipos de registros mnêmicos, articulados às dimensões afetivas e representacionais: a estrutura afetiva e o traço mnêmico; bem como de nossa proposta de um “complexo afetivo”, que seria constituído pelo acúmulo de estruturas afetivas associadas a determinado objeto, conforme desenvolvemos no Capítulo anterior; propomos realizar uma diferenciação entre *amor* e *enamoramento* (que também poderíamos chamar de *paixão*).

Em nossa concepção, o amor seria fruto de um acúmulo de experiências prazerosas com determinado objeto, fruto de uma construção no tempo que carrega a memória dos elementos plurais que constituem uma relação, estando mais intimamente ligado com a dinâmica identificatória da relação do que com a dimensão da idealização. O enamoramento, por outro lado, teria um vínculo mais estreito com

o narcisismo e a idealização, seria a projeção de uma parte de seu narcisismo num outro, no qual o Eu reconhece algum traço que o torne um receptáculo adequado para essa projeção. É apenas a essa perspectiva da idealização no enamoramento que Freud (1914c/2015) parece se referir quando escreve que

O enamoramento consiste num transbordar da libido do Eu para o objeto. Ele tem o poder de levantar repressões e restaurar perversões. Ele eleva o objeto sexual a ideal sexual. Como, no tipo objetal ou de apoio, ele sucede com base no cumprimento de condições de amor infantis, pode-se dizer que tudo o que preencher tal condição de amor será idealizado. (p. 49)

Se, na idealização, o Eu projeta no objeto aquilo que ele precisa ter para atingir o seu ideal, então o rebaixamento do autossentimento se dá por ele se deparar com sua incompletude, por verificar o quão distante está do seu ideal, o que produz seu sentimento de inferioridade. É o investimento como *enamoramento*, como paixão, que *pode* rebaixar o autossentimento, por atacar o Eu com sentimento de inferioridade.

Esta operação nos parece diferente do investimento amoroso propriamente dito, já que sentir amor pelo outro é tê-lo como via privilegiada de satisfação de suas moções pulsionais, de forma que essa experiência de satisfação evoca a memória de todas as outras experiências de satisfação, seja com esse objeto ou não. Nesse sentido, ter um amor recíproco é ter a segurança de que há uma via disponível para a satisfação pulsional; o que é diferente de idealizar o objeto e superestimá-lo, tendo a fantasia de que ele poderá satisfazer qualquer demanda e que o possuir é o mesmo que atingir seu ideal.

Uma vertente de encaminhamento possível para a questão da relação entre paixão e amor é a de que “ser amado” passaria a constituir um atributo almejado pelo ideal do Eu. Portanto, não ser amado poderia produzir sentimento de inferioridade, seguindo os apontamentos freudianos que apresentamos anteriormente. O amor está no campo do sublime, em oposição a seu abjeto originário, a sexualidade, de forma que ele pode ser considerado uma sublimação da pulsão sexual, uma mudança de meta. Em “Psicologia das massas e análise do Eu”, Freud (1921/2014), trata da integração ou separação entre sexualidade e amor nos seguintes termos:

Em casos desfavoráveis elas permanecem separadas, como corrente sensual, das duradouras orientações “ternas” de sentimento ... Com mais frequência, no entanto, o adolescente consegue um determinado grau de

síntese entre *o amor não sensual, celestial*, e aquele sensual, terrestre, e sua relação com o objeto sexual é caracterizada pela cooperação entre instintos não inibidos e instintos inibidos em sua meta. (pp. 70-71, grifos nossos)

A *corrente terna* da vida sexual seria inibida em sua meta e teria como característica a criação de laços mais duradouros, já que não são capazes de plena satisfação:

É interessante ver que justamente os impulsos sexuais inibidos na meta conseguem criar laços tão duradouros entre as pessoas. Mas isso se entende com facilidade a partir do fato de não serem capazes de plena satisfação, enquanto os impulsos sexuais não inibidos experimentam uma extraordinária redução, mediante a descarga, toda vez que atingem sua meta. O amor sensual está fadado a se extinguir com a satisfação; para poder durar, é preciso que esteja mesclado desde o início com componentes puramente afetuosos, ou seja, inibidos em sua meta, ou que experimente tal transformação. (p. 75)

O aspecto sublimatório do amor também poderia ser estendido ao vínculo social, às amizades e a outras relações fraternas e horizontais.

No “Compêndio de psicanálise”, Freud (1940[1938]/2018) afirma que “Apenas no estado de completo enamoramento o montante principal da libido é transferido para o objeto, de certo modo *o objeto se põe no lugar do Eu*” (p. 198, grifos nossos). A partir disso, podemos supor que uma parcela do autossentimento se desloca para o objeto, de modo que a sua *projeção de amor* viria à custa de partes significativas do seu narcisismo. Parece que, em certa medida, há sempre alguma dose de idealização e de paixão no amor, como uma ilusão necessária para a manutenção do investimento, já que, em ambos os casos, aquilo que se deseja é o reencontro da satisfação experienciada na fase do narcisismo primário. Mas isso não nos impede de separar os dois processos conceitualmente.

A restituição da libido deslocada para o objeto, no caso do enamoramento, diria respeito ao seu uso para a obtenção da satisfação narcísica e estaria mais ligado a possuí-lo, na medida em que ter o objeto garantiria a proximidade do Eu com o ideal. O que é diferente de ser amado por ele, de uma relação de troca de identificações, como considera Freud (1921/2014), em “Psicologia das massas e análise do Eu”:

Agora é fácil descrever a diferença entre a identificação e o enamoramento ... No primeiro caso o Eu se enriqueceu com os atributos do objeto, “introjetou-o”, na expressão de Ferenczi; no segundo ele está empobrecido, entregou-se ao objeto, colocou-o no lugar de seu mais importante componente. (pp. 72-73)

Freud acrescenta que, no caso do enamoramento, o objeto também é introjetado, mas o é inteiro, “conservado, e como tal é sobreinvestido por parte e às custas do Eu” (p. 73), enquanto na identificação a introjeção é feita por partes, de forma a manter a unidade do Eu, apenas modificando-o.

3.5 Melancolia, a sombra e a cripta do objeto

A separação entre investimento amoroso e enamoramento é particularmente importante quando o objeto é perdido. No caso do amor, deverá ser feito o luto, que consiste no desentrelaçamento da libido fixada no objeto, de forma a trazê-la de volta para o Eu, acarretando no desinvestimento dos caminhos associativos que levavam à imagem daquele objeto ser evocada, com o surgimento de um acúmulo de excitação. Esse processo é doloroso, mas não deve trazer um dano ao autossentimento. O trabalho do luto consiste em uma “reelaboração identificatória” (Mijolla-Mellor, 2010, p. 503), ou seja, na introjeção no Eu de traços do objeto, de forma que a libido objetal passe a se dirigir ao Eu, tornando-se libido narcísica.

Em “Neurose e psicose”, Freud (1924a/2013) classifica a melancolia como uma psiconeurose narcísica, que faz parte do conjunto de três afecções relativas ao conflito do Eu com uma das instâncias, conforme a fórmula: “A neurose de transferência corresponde ao conflito entre o Eu e o Id, a neurose narcísica ao conflito entre Eu e Super-eu e a psicose àquele entre Eu e mundo exterior” (p. 181). Em função dessa conceituação, situamos a melancolia como a matriz clínica que serve de referência para as formações afetivas que estamos estudando, já que suas irrupções sintomáticas dizem respeito, sobretudo, às tensões entre o Eu e o Super-eu. Em “Luto e melancolia”, Freud (1917[1915]c/2015) define o mecanismo na melancolia da seguinte forma:

Havia uma escolha de objeto, uma ligação da libido a certa pessoa; por influência de uma *real ofensa ou decepção* vinda da pessoa amada, ocorreu um abalo nessa relação de objeto. O resultado não foi o normal — a libido ser retirada desse objeto e deslocada para um novo —, e sim outro, que parece requerer várias condições para se produzir. O investimento objetal demonstrou ser pouco resistente, foi cancelado, mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto, e sim recuada para o Eu. Mas lá ela não encontrou uma utilização qualquer: serviu para estabelecer uma *identificação* do Eu com o objeto abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu, e a partir de então este pôde ser julgado por uma instância especial como um

objeto, o objeto abandonado. Desse modo a perda do objeto se transformou numa perda do Eu, e o conflito entre o Eu e a pessoa amada, numa *cisão* entre a crítica do Eu e o Eu modificado pela identificação. (pp. 180-181)

Estará em jogo uma identificação melancólica com esse objeto perdido que:

Ao contrário da identificação histérica feita por traços, a identificação melancólica é descrita, segundo as palavras de Freud, como a sombra do objeto que caiu sobre o eu (Freud, 1917/1992). Nesse caso, portanto, é como se a identificação trouxesse o objeto *in totum*, em bloco. Na ausência da dialética identificatória feita por traços, o objeto se torna por assim dizer um possessor que ocupa o espaço egóico em um projeto mimético ou metonímico levado a extremo. Como se a identificação perdesse a própria possibilidade de se apropriar do objeto subjetivamente e só pudesse fazê-lo objetivamente. (Pinheiro, 2012, p. 33)

No processo de identificação histérica, o Eu incorpora características do objeto, ou seja, associa o Eu representação²⁶ a determinadas representações ligadas ao objeto (suas características), formando novos traços de caráter. Com quanto mais representações derivadas do objeto o Eu se ligar, tão mais parecido ele será com o objeto e mais o Id poderá amá-lo – haverá mais vias associativas pelas quais a libido do Id poderá se ligar ao Eu representação. Estando ligada à sua representação, o Eu função poderia empregar essa libido da maneira que lhe aprouver, como, por exemplo, para pôr em andamento o processo defensivo. Assim, o Eu poderia proteger sua representação de ligar-se com outras representações com as quais a associação levaria a uma censura do Super-eu, bem como para realizar o processo sublimatório em busca de atingir seu ideal.

Sob a égide da identificação melancólica, porém, a libido permanece fixada no objeto, de forma que a fissura entre o objeto e o Eu não permite que o Eu função se utilize dessa libido. O rebaixamento do autossentimento na melancolia seria fruto desse sequestro libidinal.

Tanto em “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte” (Ferenczi, 1929/2011) quanto em “Confusão de língua entre os adultos e a criança” (Ferenczi, 1933/2011), Ferenczi considera que a criança que é mal acolhida em sua família ou

²⁶ Retomando, o que foi exposto no início deste Capítulo, o Eu representação seria uma subestrutura do Eu, o conjunto das representações que o Eu tem de si mesmo investidas de libido narcísica, de acordo com Halperin (1989). Chegamos à conclusão que o Eu representação seria o mesmo que o caráter, já que este também seria da ordem da representação do Eu. Já o Eu função seria a instância propriamente dita que realiza as operações atribuídas ao Eu, que seriam a percepção, consciência, acesso à motricidade e mecanismos de defesa.

que sofreu uma violência sexual precisa, de alguma forma, sustentar sua relação com esses adultos independente de seu sofrimento, eximindo-os da culpa. Opera-se, então, conforme a conceituação do autor no texto de 1933, uma identificação com o agressor, que consiste na “introjeção do sentimento de culpa do adulto” (Ferenczi, 1933/2011, p. 117).

A “identificação com o agressor” de Ferenczi seria análoga a “identificação melancólica” de Freud, de forma que a “introjeção do sentimento de culpa do adulto” seria uma formatação possível da “sombra do objeto que recai sobre o Eu”. A culpa pela violência seria deslocada para o Eu representação, enquanto a representação do objeto ficaria isenta.

Devemos ressaltar que, na teoria do trauma de Ferenczi, a responsabilidade pelo trauma vem do descrédito dado por um adulto à experiência da criança, o que impede sua introjeção. Assim, a criança não pode elaborar psiquicamente o ocorrido, sua experiência não se inscreve no psiquismo. Em outras palavras, “O descrédito inviabiliza a inscrição psíquica de todo o evento traumático, restando somente uma lembrança sensorial marcada no corpo” (Pinheiro, 2012, p. 32). Essa noção de trauma não se limita apenas a abusos sexuais, apesar de eles serem o modelo sobre o qual Ferenczi constrói sua teoria:

Não é necessário supormos uma criança abusada sexualmente para termos acesso às dificuldades que o ambiente lhe proporcionará. Quando a onipotência introjetiva não encontra qualquer elemento no mundo que a sustenta — neste caso o reconhecimento por parte de um terceiro — ocorre um curto-circuito na construção do sentido. Quando o desmentido atinge uma área onde a afirmação de si seja prioritária, neste caso a verdade das próprias sensações, que é desmentido é o próprio sujeito. Para que o desmentido seja performativo e o trauma se efetive não é necessário que este terceiro emita sentenças específicas a respeito da criança. *Basta que não a encare como uma pessoa com necessidades próprias.* (Vertzman, 2002, p. 69, grifos nossos)

À desconsideração da criança como uma pessoa dotada de necessidades próprias, propomos articular a ausência de um amor ontológico, ou seja, aquele relativo a ser amado apenas por existir, como expusemos anteriormente. Se o amor dos pais é uma necessidade vital para o bebê, sua ausência tem o sentido de uma verdadeira violência, de forma que sua frequente retirada mediante atos desaprovados teria o sentido de um ataque ao Eu. Para preservar o objeto idealizado, o bebê deve ficar com a culpa, de forma que, sem um investimento

amoroso no *ser* da criança, não haveria possibilidade de que as censuras dos pais sejam elaboradas por meio da palavra.

Dado que a “identificação melancólica” não é, de fato, uma identificação, Abraham e Torok (1995) propõe o nome de “incorporação” para esse processo e o concebem como uma “fantasia de não introjeção” (p. 244). A fantasia, para esses autores, tem uma função conservadora, de fazer a “manutenção do *status quo* tópico” (p. 243) do psiquismo, como já apresentamos. Essa fantasia é necessária já que “*Só pode se tratar da perda súbita de um objeto narcisicamente indispensável, enquanto que essa perda é de natureza a proibir sua comunicação. Em qualquer outro caso, a incorporação não teria razão de ser*” (p. 247). Assim,

O luto indizível instala no interior do sujeito uma *sepultura secreta*. Na fuma repousa, vivo, reconstruído a partir de lembranças de palavras, de imagens e de afetos, o correlato objetual da perda, enquanto pessoa completa, com sua própria tópica, bem como os momentos traumáticos – efetivos ou supostos – que haviam tornado a introjeção impraticável. (p. 249)

Ter incorporado o objeto permite ao sujeito manter um aparente estado de coisas, como se o trauma não tivesse ocorrido. O ser sepultado vivo seria aquele idealizado, que permanece sem ser manchado pela vergonha do ato que cometeu. Em outras palavras, “Para que se edifique uma [cripta], é preciso que o segredo vergonhoso tenha sido o feito de um objeto, desempenhando o papel de *ideal do ego*. Trata-se, portanto, de guardar *seu* segredo, de cobrir *sua* vergonha” (p. 250).

A culpa, como vimos, é introjetada no Eu para eximir o objeto, que será a representação que deve ser protegida a todo custo da associação com afetos negativos. É nesse sentido que o objeto é colocado *no lugar do Eu*, e que ele não pode jamais estar ligado a traços negativos que o desvalorizariam, deve continuar contendo toda a perfeição. O ódio relativo ao objeto se volta para o Eu, que sofre com as recriminações do Super-eu como se fosse o objeto, como aponta Freud (1917[1915]c/2015) em “Luto e melancolia”:

Se o amor ao objeto – a que não se pode renunciar, quando se tem de renunciar ao objeto mesmo – refugia-se na identificação narcísica, o ódio atua em relação a esse objeto substitutivo, insultando-o, rebaixando-o, fazendo-o sofrer e obtendo uma satisfação sádica desse sofrimento. O automartírio claramente prazeroso da melancolia significa, tal como o fenômeno correspondente na neurose obsessiva, a satisfação de tendências sádicas e de ódio relativas a um objeto, que por essa via se voltaram contra a própria pessoa. (p. 184)

A leitura que fazemos deste processo é de que as representações e afetos negativos do objeto teriam se deslocado para o Eu, que além de ter uma significativa porção do seu narcisismo ligado ao objeto sepultado, ainda tem que combater o desenvolvimento desse ódio a si mesmo com os escassos recursos que lhe restaram.

4 UM PERIGO A CADA ESQUINA

Parece-nos que, agora, conseguimos reunir subsídios para finalmente poder tratar do objeto de nosso trabalho, o sentimento de insegurança. Segue um pequeno resumo do que reunimos até aqui:

No Capítulo 1 fizemos uma breve descrição do que seria o estado afetivo de insegurança e o articulamos aos sentimentos de medo e inferioridade, bem como à noção de perigo. Observamos que há dois agrupamentos semânticos em torno dos quais as definições de insegurança gravitam: o primeiro diz respeito a estar em perigo, em um ambiente ou situação que seja fonte de ameaça à integridade do sujeito; já o segundo, refere-se a um sujeito que se sente o tempo todo ameaçado e incapaz de lidar com as adversidades, que não tem confiança em si mesmo. Em ambos os casos, o sentimento de insegurança estaria ligado à dúvida sobre sua capacidade de enfrentar uma situação de perigo, mas o primeiro envolveria um medo pontual referente a ameaças específicas, enquanto o segundo remeteria a um estado constante de medo e angústia.

É nesse ponto que propusemos uma articulação do sentimento de insegurança com o sentimento de inferioridade, ao que se refere Freud, apesar de ter sido pouco desenvolvido em sua obra, como pudemos verificar. Ambos os sentimentos abarcam a dimensão da capacidade ou dos recursos do sujeito e são sentimentos que tem como objeto o próprio Eu, ou seja, estão no campo do autossentimento. Sentir-se inferior conota estar aquém das expectativas, ser incapaz de realizar algo.

Em certa medida, esses sentimentos não são apenas úteis, como são necessários para a sobrevivência, já que o sujeito deve ser capaz de medir suas forças de maneira adequada perante uma situação de perigo para poder decidir o que fazer, o que inclui a possibilidade de perceber-se mais fraco do que a ameaça e fugir. Alguém que possui um constante e abrangente sentimento de inferioridade também deverá se sentir inseguro sempre que confrontado, já que não crê ter forças para enfrentar a situação de perigo.

Antes de darmos encaminhamento a essa articulação, detivemo-nos nas dificuldades apresentadas pela problemática dos “sentimentos” na psicanálise freudiana, representada pelo conceito de “afeto”, o que resultou no Capítulo 2. Por meio da hipótese dos dois registros de Barros (1975, 1998), segundo a qual haveria

dois tipos de registros mnêmicos, o traço mnêmico e a estrutura afetiva, pudemos lançar luz sobre os diversos termos em cuja composição faz parte o termo “afeto”, obtendo definições metapsicológicas mais consistentes para cada um deles. Desdobrando essas definições, chegamos à proposta de quatro tipos de estruturas afetivas derivadas de experiências de prazer e desprazer perante as tensões de desejo e de perigo: *satisfação*, *frustração*, *segurança* e *angústia*. Naquele momento, deixamos em suspenso o desenvolvimento das relações entre as estruturas afetivas de segurança e de angústia com o sentimento de insegurança, já que era necessário fazer ainda mais uma parada em nosso percurso.

No Capítulo 3, voltamos nossa atenção para o Eu, o autossentimento e o narcisismo, em uma tentativa de traçar uma delimitação mais clara entre esses conceitos. Chegamos à conclusão de que narcisismo corresponde ao conjunto de estruturas afetivas de satisfação ligadas ao Eu e, dessa forma, à capacidade máxima de libido que pode ser armazenada no Eu. O autossentimento, por outro lado, corresponderia, do ponto de vista qualitativo, ao conjunto de todas as estruturas afetivas ligadas ao Eu, em suas mais diferentes tonalidades afetivas. Do ponto de vista quantitativo, corresponderia ao montante de libido narcísica disponível, já que parte da libido que seria atraída para o Eu pelas estruturas afetivas de *valência positiva* seria empregada como contrainvestimento para inibir o desenvolvimento dos afetos de *valência* negativa, ou seja, desprazerosos.

No início da vida do bebê, o autossentimento seria igual ao narcisismo, pois nesse período tudo de desprazeroso seria projetado para fora, mas, com o desenvolvimento, as experiências desprazerosas passam a ser integradas no Eu e, assim, na passagem da crise edípica, parte do narcisismo se desloca para formar o ideal do Eu. A partir desse ponto, o Eu passará a tentar readquirir seu narcisismo perdido, cumprindo as demandas do ideal do Eu, na esperança de retornar ao estado de plena satisfação da vida intrauterina, seu paraíso perdido.

Em seguida, estudamos as tensões do Eu com o seu ideal e os impactos desta tensão em seu autossentimento, particularmente sob o ângulo do sentimento de inferioridade, produzido pela distância entre o Eu e o ideal do Eu, fazendo referência à melancolia, uma neurose narcísica caracterizada justamente pela tensão do Eu com o Super-eu.

Munidos deste arsenal metapsicológico, começaremos a nos aproximar do sentimento de insegurança pela via do *perigo*, que nos parece ser seu elemento

central. Para tal, abordaremos as articulações do perigo com a *angústia*, enquanto uma estrutura afetiva derivada de uma experiência desprazerosa articulada à situação de *perigo*, definida como a ameaça de instauração de uma situação traumática.

4.1 Perigo à vista

Para iniciar a nossa exploração acerca da articulação entre angústia e sentimento de insegurança, partiremos da hipótese de que há uma íntima relação entre ambas, já que elas aparecem como respostas a situações de perigo. Faremos uma analogia entre insegurança e angústia, no âmbito da contraposição entre as definições de *angústia realista* e *angústia neurótica*, conforme a proposta de Freud (1917c/2014), na 25ª das “Conferências introdutórias à psicanálise: a angústia”, e que foi expandida em “Inibição, sintoma e angústia” (Freud, 1926/2016). Segundo essa analogia, desenvolveremos a ideia de que haveria uma “insegurança realista” e uma “insegurança neurótica”, na mesma linha dos agrupamentos semânticos derivados das definições da palavra “insegurança”.

Gostaríamos de indicar, ainda, um terceiro tipo insegurança, relativo ao perigo da perda da unidade do Eu – a “insegurança ontológica”, conforme a concepção de Laing (1960/1973) – e que abordaremos em articulação com a obra de Winnicott. Esta será a última parada em nosso percurso sobre o sentimento de insegurança, abrindo uma perspectiva psicopatológica que a situa num campo aquém da neurose, na linha dos casos-limite e da psicose, o que nos abre uma nova vertente para o desenvolvimento de pesquisas futuras.

Na “25ª Conferência”, Freud (1917c/2014) inicia uma discussão sobre angústia realista e angústia neurótica, sendo a primeira “racional e compreensível” (p. 521) e, a segunda, excessiva ou desmedida. Em pequena medida, a angústia tem como função alertar o Eu da situação de perigo e dar um sinal de que uma situação de desamparo pode estar se aproximando, de modo que, a partir daí:

O único comportamento adequado ante a ameaça de um perigo seria, com efeito, avaliar calmamente as próprias forças em comparação com o tamanho da ameaça e, então, decidir que alternativa oferece maior perspectiva de um bom desfecho: se a fuga, a defesa ou mesmo o ataque. (pp. 521-522)

Por outro lado, em intensidade demasiada, a angústia paralisa toda ação, até mesmo a fuga. Ou seja, frente a um perigo, a resposta mais adequada é mensurar a própria capacidade de enfrentá-lo e tomar uma decisão de acordo com suas possibilidades. Posteriormente, ao definir a situação de perigo, em “Inibição, sintoma e angústia”, Freud (1926/2016) escreve o seguinte: “Qual é o núcleo da situação de perigo? É claramente a avaliação de nossa força em comparação com sua grandeza, a admissão de nosso desamparo em relação a ela” (p. 115).

Podemos supor que um perigo aparentemente pequeno pode parecer muito grande, quando o Eu, assolado pelo sentimento de inferioridade, o compara com suas próprias forças. Em pequena medida, o sentimento de insegurança pode ser extremamente útil, já que permite que o Eu avalie suas forças de modo que, sem ele, há um grave risco de subestimar o perigo e ficar à mercê do desamparo.

Na “Conferência 25”, Freud (1917b/2014) diferencia entre angústia, temor e terror:

Angst [angústia ou medo], *Furcht* [temor] e *Schreck* [terror]. Apenas acho que “angústia” se refere ao estado, não considerando o objeto, ao passo que “temor” chama a atenção precisamente para o objeto. “Terror”, por outro lado, parece ter um sentido especial, o de realçar o efeito de um perigo que não é recebido com a prontidão da angústia. Pode-se dizer, assim, que o homem se protege do terror por meio da angústia. (p. 523)

Nesses termos, ser invadido pelo “terror” é o perigo que o Eu teme e deve se proteger por meio da angústia, de forma que ser invadido pelo “terror” está vinculado ao desamparo, conceito este que se articula, do ponto de vista econômico, à invasão da psique por uma quantidade de afeto excessiva que se converte em angústia automática, situação em que o Eu ficaria impossibilitado de gerenciá-la. Como mecanismo de defesa para impedir que isso ocorra, essa instância lança mão do sinal de angústia, a liberação intencional de uma pequena quantidade de angústia que pode colocar em andamento o processo defensivo.

É aqui que propomos uma analogia entre sentimento de insegurança e o campo da angústia. Parece-nos que o sentimento de insegurança seria produzido quando o Eu, ao medir suas forças e não se julgar capaz de enfrentar um perigo, passará a ter “temor” do objeto ou situação a que ele se remete, a se sentir ameaçado, prestes a cair vítima do desamparo. Por outro lado, no caso de o Eu se considerar capaz e realizar uma defesa bem-sucedida, um estado afetivo prazeroso

de segurança deve vir à tona e, por consequência, ficar registrado como uma estrutura afetiva de *segurança*.

O resultado desse embate também deve enlaçar o ideal do Eu, que, provavelmente, valorizará a capacidade do Eu de se defender sozinho, implicando em um adicional de ganho narcísico em caso de sucesso, ou em uma perda, em caso de falha. Dessa forma, o sentimento de insegurança seria consequência do resultado dessa “medição de forças”. Poderíamos pensar que ele estaria ligado à função de auto-observação do Super-eu, que deve medir o Eu e compará-lo com o ideal do Eu e, podemos supor também, a elementos do mundo externo que possam estar oferecendo ameaça, de forma que, a partir do resultado dessa medida, o Eu possa determinar qual o melhor curso de ação frente a essa ameaça externa.

O valor dessas considerações sobre a insegurança realista é apenas de servir como ponto de partida e contraponto à angústia neurótica, na qual se encontra nosso real interesse. O perigo que está fora pode ser muito mais facilmente eliminado ou evitado, mas o perigo interno não é tão simples assim.

4.2 Amar é muito perigoso

Acerca dos tipos de *perigos internos* que podem levar o Eu ao desamparo, em “Inibição, sintoma e angústia”, Freud (1926/2016) considera que:

O perigo do desamparo psíquico se adéqua ao período de vida em que o Eu é imaturo, assim como o perigo da perda do objeto corresponde à dependência dos primeiros anos da infância, o perigo da castração, à fase fálica, a angústia ante o Super-eu, à época de latência. Mas todas essas situações de perigo e condições para a angústia podem subsistir uma ao lado da outra e induzir o Eu à reação de angústia também em épocas posteriores àquela adequada. É possível que também haja relações estreitas entre a situação de perigo que tem efeito e a forma da neurose subsequente. (p. 85)

Todos os três perigos que Freud enumera – perda do objeto, castração e do Super-eu – aludem à dimensão da alteridade, de um medo que concerne à relação com o outro ou com sua imagem internalizada, o Super-eu. Dizem respeito, cada um à sua maneira, ao perigo apresentado pela perda do amor dos pais o que, na primeira infância, poderia representar uma ameaça concreta à vida da criança, que poderá se manter neuroticamente na vida adulta. É em relação a esses perigos que propomos a noção de uma “insegurança neurótica”, que estaria intimamente

associada às instâncias ideais e ao sentimento de inferioridade, no âmbito de um Eu que se sente constantemente ameaçado pela perda do amor dos outros e do Super-eu.

Como delimitamos no Capítulo anterior, a severidade do Super-eu em relação ao Eu, ou seja, a força com que exige o cumprimento do ideal, seria produto de uma formação reativa ao desejo incestuoso da criança e proporcional a ele em intensidade. O Eu sofrerá um dano em seu narcisismo primário, parte dele será deslocada para a formação do ideal do Eu, e, para readquiri-lo, deverá cumprir suas demandas. Do ponto de vista econômico, é esse processo que entendemos se vincular a “receber o amor do Super-eu”: a retomada de parte do narcisismo deslocado para o ideal. Por conseguinte, *o perigo da perda do amor estaria relacionado aos sentimentos de inferioridade e culpa produzidos pela incapacidade do Eu de atender às demandas do Super-eu.*

Caso se desenvolva um Eu fraco e um Super-eu cruel, com um ideal do Eu muito elevado e distante, a possibilidade de que o Eu reestabeleça a dimensão econômica de seu autossentimento – sua libido narcísica – será extremamente reduzida, já que apenas uma diminuta parte do ideal do Eu poderá ser cumprida pela experiência.

Levando em conta a descrição do “sujeito inseguro”, elaborada no Capítulo 1, como alguém hesitante e temeroso, podemos supor que o Eu se furtará à possibilidade de sucesso no cumprimento do seu ideal, já que terá medo de tentar e falhar, sofrendo com os castigos do Super-eu. Caso tente e tenha êxito, frequentemente atribuirá seus louros ao acaso, à sorte ou à ajuda externa, ao passo que é sempre responsável por seu fracasso. Mesmo que tivesse provas incontestáveis de sua responsabilidade no sucesso e que concordasse com elas, ainda assim, provavelmente, teria dúvidas quanto à próxima vez. É exasperante a força com que luta para retirar de si a responsabilidade por qualquer sucesso ou coisa boa que lhe aconteça. Ele se defende disso a todo custo, como se não pudesse se apropriar de sua experiência, lançando mão de racionalizações que podem contrariar toda a lógica, como se a possibilidade de cumprimento de seu ideal oferecesse grande ameaça.

Podemos supor que também haverá dificuldades na satisfação da libido objetual, por meio de auto sabotagem: ele não se sentirá merecedor do amor do

outro, da mesma forma que, por não cumprir seu ideal, não merece o amor do Super-eu. É como se toda a forma de satisfação narcísica fosse vedada a ele.

Assim, em analogia ao poder defensivo da angústia, que deve proteger o Eu do desamparo, a utilidade do sentimento de insegurança poderá ser deturpada pelo Super-eu, que o usará como veículo para atacar o Eu – por meio de um caminho de menor resistência, o Super-eu encontra as falhas do Eu e as escancara. Ao fazer essa aliança com a insegurança realista, aumenta sua intensidade e cria condições para torná-la sempre presente, podendo mesmo adquirir um caráter compulsivo. Confronta o Eu com suas incapacidades e faz com que ele se envergonhe de sua distância em relação ao ideal do Eu. Com isso, o Eu se sente menos capaz e sua força fica diminuída perto do peso de seu ideal – surge aí o sentimento de inferioridade que alimenta o sentimento de insegurança.

O medo de perder ainda mais o amor do Super-eu é o que paralisa o Eu e este é o perigo que se soma aos perigos externos e faz com que soe estranha a magnitude da insegurança para um observador de fora, que nada sabe dos mecanismos psíquicos que estão em operação. A constante ameaça da perda do amor do Super-eu também faz com que a insegurança esteja sempre presente.

Dessa forma, podemos entender como, no caso do sentimento de insegurança, há a projeção de seus medos para o mundo externo e como a desaprovação real ou imaginada de outras pessoas funciona para confirmar os sentimentos de inadequação do Eu. Ele age como se estivesse reagindo a um perigo externo, quando, na realidade, é o perigo interno que realmente dá as cartas, mesmo que possa estar aliado a um perigo externo real.

Para um Eu que é marcado pelo sentimento de inferioridade e que tem (ou acredita ter) poucos recursos, há uma tolerância muito menor para a excitação que ele pode aguentar, antes que ela leve a um estado de desamparo. A partir da equação etiológica apresentada no Capítulo 2, esse Eu tem muito mais predisposição para sucumbir a neuroses, já que seu potencial para traumatização é muito maior²⁷. Nesse sentido, um acúmulo de excitação, que até poderia ser considerado inócuo, passa a ser considerado pelo Eu como sinal de perigo.

²⁷ Podemos supor também que esse maior potencial para vivências traumáticas venha de predisposições oriundas de vivências infantis. Refiro-me especialmente ao processo que deu origem a esse Eu empobrecido e ao Super-eu cruel que o atormenta.

A quantidade de excitação possível de ser acumulada sem ultrapassar o limiar do aparelho psíquico é muito pequena, possivelmente por ele estar à mercê de uma sobrecarga, já que não consegue realizar a descarga de excitações pela via normal, em analogia ao que ocorre em uma neurose de angústia, estando mais vulnerável à descarga sob a forma de angústia automática.

Esse é o perigo temido pelo Eu inseguro. Assim, a insegurança parece seguir o modelo da neurose de angústia, na qual, como escreve Freud (1933b/2010) na 32ª das “Novas conferências introdutórias à psicanálise: Angústia e instintos”: “Uma excitação libidinal é despertada, mas não satisfeita, não aplicada; no lugar dessa libido desviada de sua aplicação surge então a angústia” (p. 226). Ou seja, a excitação que não puder ser dominada nem mantida em suspenso se transformará em angústia. A questão que permanece é: por que o Eu não pode dominar essa excitação e descarregar a moção pulsional?

Esse perigo sempre presente, que leva o Eu a acionar esse correlato do sinal de angústia e dar início ao processo defensivo, faz com que ele mantenha suas defesas sempre levantadas contra o objeto de sua insegurança, como se estivesse com o “sinal de angústia” “a postos”, temendo o perigo eminente. *É o Super-eu quem, via sentimento de inferioridade, não permite que o Eu abaixe a guarda e descanse*, já que, como diria o Super-eu, ele é tão frágil e incapaz de se proteger sozinho do perigo externo. Esse funcionamento pode ser remetido à “expectativa angustiada”, definida por Freud (1917c/2014) na “Conferência 25”:

um estado de angústia generalizado uma, digamos, angústia flutuante *pronta para se apegar a todo e qualquer conteúdo vagamente apropriado*, uma angústia que influencia o juízo, que seleciona expectativas, à espreita de uma oportunidade para justificar-se. ... Pessoas que sofrem desse tipo de angústia preveem sempre a concretização da possibilidade mais terrível, interpretam todo o acaso como sinal de alguma desgraça, exploram toda incerteza no pior sentido. Essa tendência a esperar desgraças é um traço de caráter de muitas pessoas que, em geral, não poderíamos caracterizar como doentes; são chamadas de muito angustiadas ou pessimistas. (p. 526, grifos nossos)

...ou *inseguros*, como poderíamos acrescentar no âmbito de nosso estudo. A insegurança, por analogia, funcionaria nos moldes da expectativa angustiada, porém, somente as desgraças provenientes das falhas do próprio Eu é que são previstas. Parece que, para que um conteúdo seja *apropriado* para a angústia flutuante, ele deve colocar o Eu em conflito com o Super-eu. É certo para essas pessoas que suas ações resultarão na pior forma de fracasso, embora não

fantasiem que desgraças aleatórias caíam sobre suas cabeças. Ficariam delimitados, então, dois mecanismos distintos: a *expectativa angustiada*, no qual alguma desgraça *vinda de fora* viria a acometer o Eu; e a *insegurança*, no qual a desgraça viria por conta de uma *incapacidade do Eu* em realizar determinada ação.

Essa especificidade da analogia da expectativa angustiada no quadro da insegurança se deveria à angústia que seria produzida pela tensão entre o Eu e o ideal de Eu, já que, de acordo com Freud (1924b/2013), “O Eu reage com sentimentos de angústia (angústia de consciência) à percepção de que não ficou à altura das exigências colocadas por seu ideal” (p. 196). Dessa forma, deparamo-nos, novamente, com o sentimento de inferioridade aparecendo na base do processo de produção da angústia.

Assim, a insegurança tem um impacto significativo nos aspectos econômicos da produção da angústia, por meio do acréscimo de um novo perigo, que é sempre presente e ao qual não se pode fugir: a perda do amor do Super-eu. O mecanismo do sinal de angústia fica descompassado e a psique fragilizada por um excesso de angústia que a domina. Qualquer situação de enfrentamento com o mundo externo, em que o Eu possa sentir que está sendo testado ou avaliado, torna-se um perigo, levando-o a acionar o correlato de um sinal de angústia.

Esse acionamento constante, que é a *insegurança neurótica*, mantém o Eu se sentindo angustiado, já que não há forma de se eliminar a ameaça de perda do amor do Super-eu. Podemos supor que a angústia liberada pelo Eu fica sem objeto específico, o que levaria a essa angústia flutuante que tem predileção por desgraças provenientes das falhas do Eu. Encontrar um objeto para ligar à angústia flutuante e, assim, descarregá-la, parece ser o melhor encaminhamento possível, já que a alternativa seria que ela se acumulasse, até ser descarregada como angústia automática²⁸.

Nesse contexto, sentir-se inseguro ocuparia um *papel defensivo* frente a essa ameaça de descarga automática e teria como função escoar a angústia flutuante, antes que ela atinja o limiar que o aparelho psíquico não poderia suportar. Mantendo essa linha de pensamento, se o sucesso em uma tarefa é atingido, a angústia permaneceria e a excitação continuaria se acumulando, portanto, seria, de fato, perigoso ser bem-sucedido.

²⁸ Parece-me que aqui temos uma possível vertente de pesquisa para pensarmos os ataques de pânico que, por vezes, acometem aqueles que sofrem com o sentimento de insegurança.

Esse quadro parece estar de acordo com as nossas observações de que pessoas que se sentem constantemente inseguras se defendem ao máximo do sucesso. Teríamos, então, a *inibição* de um conjunto de funções ligadas à obtenção de sucesso ou satisfação, segundo sua definição conforme proposta em “Inibição, sintoma e angústia” (Freud, 1926/2016): “uma *limitação funcional do Eu*” (p. 17). Nesse caso, essa inibição seria também um sintoma, já que emerge do processo defensivo contra o acúmulo de excitação no Eu.

Deixo aqui apenas como indicação uma hipótese a ser desenvolvida futuramente: o Eu perde sua capacidade de contenção da libido, já que estaria muito sobrecarregado no gerenciamento desse encaminhamento da angústia. Por conta disso, sua possibilidade de efetuar sublimações estaria comprometida, desde que, de acordo com Loffredo (2014),

o plano da continência libidinal, [seria] condição que supomos crucial para a circulação das sublimações em suas formas multifacetadas. Uma espécie de suspensão, produto da drenagem pulsional, que é necessária para o escorrimento por múltiplos canais dos frutos do trabalho sublimatório. (pp. 359-360)

Retomando o que foi exposto no Capítulo 3, de acordo com nossas hipóteses, o quadro da insegurança se remete a um Eu que está empobrecido de libido narcísica, carregado de angústia e inibido em sua busca por satisfação. Nesse sentido, o Eu fica, de fato, sem recursos para enfrentar situações de perigo. No limite, não teria libido para empregar em investimentos ou defesas, não poderia conter mais excitação e nem conseguiria realizar as ações necessárias por estar inibido. Parece que a profecia do Super-eu acaba por se concretizar e o Eu fica preso num círculo vicioso que não consegue quebrar.

4.3 Identidade em perigo

4.3.1 Tornando-me inteiro

As considerações que fizemos até agora levam em conta apenas ameaças relativas à dinâmica dos valores, em um vínculo intersubjetivo que supõe, *a priori*, uma unidade do Eu. De acordo com Laing (1960/1973):

Uma pessoa assim basicamente segura do ponto de vista *ontológico* enfrentará todos os riscos da vida – sociais, éticos, espirituais e biológicos –

com um firme senso da própria realidade e identidade, assim como a dos outros. É muitas vezes difícil para alguém com este senso da própria personalidade integral e identidade pessoal, da permanência das coisas, da confiança nos processos naturais, da substancialidade dos outros transportar-se ao mundo de um indivíduo cujas experiências podem ser totalmente carentes de qualquer certeza indiscutível e óbvia. (p. 41)

Para que o sujeito possa se preocupar com seu valor para o outro, ele deve, antes, constituir uma unidade que se possa valorar. Estamos, portanto, no campo da constituição mais primitiva do Eu, da passagem do autoerotismo para a objetividade, em termos freudianos; ou do estágio de dependência absoluta para a dependência relativa, em termos winnicottianos.

Sigamos, então, às questões relativas à formação da unidade do Eu e suas eventuais perturbações. Em “Ansiedade associada à insegurança, Winnicott (1952/2000) sustenta a posição de que: “A capacidade para o relacionamento de um corpo único vem *depois* do relacionamento de dois-corpos, através da introjeção do objeto” (p. 165). Antes, haveria apenas a “dupla amamentante”, a unidade mãe bebê:

O centro de gravidade do ser não surge do indivíduo. Ele se encontra na situação global. Através do cuidado suficientemente bom, através das técnicas, da sustentação e do manejo geral, a casca passa a ser gradualmente conquistada, e o cerne (que até então nos dava a impressão de ser um bebê humano) pode começar a tornar-se um indivíduo. (Winnicott, 1952/2000, p. 166)

É assim que Winnicott situa a passagem da dependência absoluta para a relativa que, por meio do cuidado suficientemente bom, permitiria ao bebê atingir o estado de integração, porém,

a falha no cuidado adequado leva à desintegração, em vez de a uma volta à não-integração. A desintegração é sentida como uma ameaça porque (por definição) há alguém ali capaz de sentir a ameaça. Por outro lado, ela é uma defesa. (p. 165)

Ainda assim, é fundamental notar que o cuidado suficientemente bom implica falhas que sejam *adaptativas*, ou seja, que possam permitir que o bebê perceba e *registre* essas falhas, dando os primeiros passos no sentido da independência, ou seja, que forme estruturas afetivas de *segurança* que, posteriormente, serão integradas em seu Eu. Se o ambiente nunca apresentar falhas, o bebê será eternamente um bebê e tampouco haverá possibilidade de integração e

independência. Em “Moral e educação”, Winnicott (1963/2017) expõe as condições que o bebê necessita para se desenvolver:

Essas condições começam com um alto grau de adaptação por parte da mãe às necessidades do lactante, e gradualmente se tornam uma série de falhas de adaptação; essas falhas são outra vez uma forma de adaptação, porque estão relacionadas com a crescente necessidade da criança de enfrentar a realidade e de conseguir separação e o estabelecimento de uma identidade pessoal. (p. 91)

Para que as falhas do ambiente possam ser adaptativas, elas devem ocorrer em um ritmo que respeita o desenvolvimento gradual da capacidade do bebê de lidar com elas; caso contrário, podem constituir um registro de falha na confiabilidade, o que implica numa necessidade de reação. Para Winnicott (1949/2000), em “Memórias do Nascimento, Trauma do Nascimento e Ansiedade”,

É possível dizer que o mais importante é o trauma representado pela necessidade de reagir. A reação, nesse estágio do desenvolvimento humano, significa uma perda temporária de identidade. Isto provoca um *sentimento extremo de insegurança*, e situa-se na base da expectativa de novos exemplos de perda da continuidade do ser, e mesmo de uma desesperança congênita (embora não herdada) quanto à possibilidade de alcançar uma vida pessoal. (p. 265, grifos nossos)

Para mais bem ilustrar a diferença entre uma falha ambiental adaptativa e uma traumática, Winnicott (1967/1975), no artigo “Localização da experiência cultural”, nos brinda com a seguinte formulação: o bebê é capaz de suportar a ausência da mãe por x minutos sem que isso o perturbe. Mais que isso, ele começa a ficar aflito, há uma falha do ambiente e a ameaça de uma descontinuidade. Se a mãe retorna em x y minutos, a aflição é reparada e o bebê pode se beneficiar dela. Passado esse tempo, em x y z minutos, o bebê sofre uma experiência de perda de continuidade. Instaurou-se um trauma.

Supomos, então, que será necessário que haja alguma *ameaça* que possa ser superada para que a experiência seja registrada como uma estrutura afetiva de segurança, e não como uma estrutura afetiva de angústia, resultado da experiência do trauma. Seria em função desse registro que seria possível para a criança *confiar* em seu ambiente, já que ela teria internalizado a possibilidade de superar ameaças e encontrar algum prazer nisso, podendo se sentir segura e forte.

A relação segurança-confiança (ou falta de) vai diretamente ao encontro da definição do dicionário e da noção do senso comum relativa à insegurança,

conforme apresentada no Capítulo 1. Nesse sentido, torna-se particularmente interessante a articulação com a construção etimológica de “inseguro” como “aquilo que precisa de cuidados”.

A hipótese aqui formulada é de que, no sujeito adulto ontologicamente inseguro, houve uma falha nos cuidados com ele quando ele era bebê, no sentido de uma interrupção da continuidade do *self*. Este sentimento de “desesperança quanto à possibilidade de alcançar uma vida pessoal” (Winnicott, 1949/2000, p. 265) parece muito familiar à sensação do sujeito inseguro de que tudo vai dar errado, de que ele nunca terá sucesso, ou de que ele, na verdade, é um fracasso esperando para ser exposto.

Além das funções de dar sustentação ao bebê (Winnicott, 1952/2000) e de fazer a desilusão gradual perante o mundo (Winnicott, 1971/1975), o cuidado suficientemente bom também deve apresentar um ambiente indestrutível, que sobrevive à agressividade do bebê, função tida tradicionalmente como paterna, como expõe Dethville (2014), para quem a posição do pai aparece pouco na obra de Winnicott, apesar de seu papel fundamental. De acordo com a autora:

Uma coisa que Winnicott sempre insistiu é na necessidade de um “ambiente indestrutível” – expressão em que a palavra “indestrutível” significa que sobrevive ao ódio e à agressividade do próprio bebê. O mais importante é que o ambiente não seja destruído. É a sobrevivência desse ambiente que permite à criança sentir-se segura para poder passar da relação com o objeto para o uso do mesmo. (Dethville, 2014, p. 100)

O artigo “A Criança no Grupo Familiar”, é um dos momentos em que Winnicott (1966/2005) desenvolve um pouco essa ideia e dá uma perspectiva da função paterna como duplicação da mãe e como ambiente indestrutível. O autor considera que esta primeira função interfere na segunda, de forma que ele parece indicar que essa interação vem enfraquecendo a função de ambiente indestrutível, na medida em que os pais estão se tornando cada vez mais parecidos com as mães, ou seja, são mais maternos e reais do que severos e educadores. Nas palavras do autor:

O pai entra no quadro geral de duas maneiras. Até certo ponto, ele é uma das duplicações da figura materna. Nos últimos cinquenta anos, tem havido nesse país uma mudança na orientação, de tal modo que os pais se tornaram muito mais reais para seus filhos no papel de duplicações da mãe do que eles eram, parece, décadas atrás. No entanto isso interfere com outra característica do pai, segundo a qual ele acaba entrando na vida da mãe como um aspecto da mãe que é duro, severo, implacável, intransigente, indestrutível, e que, em

circunstâncias favoráveis, vai gradualmente se tornando aquele homem, alguém que pode ser temido, odiado, amado, respeitado. (pp. 126-127)

Caso haja uma falha nessa função de ambiente indestrutível, a criança passará a ser tomada por uma culpa massacrante, não oriunda de um Super-eu formado pela identificação com as instâncias parentais, mas sim, de seu Super-eu latente, profundamente arraigado nas pulsões destrutivas do Id. A falta de confiança em si mesmo é, antes e sobretudo, falta de confiança no mundo. Num mundo que não daria conta de dar suporte (*holding*), que pode ser destruído por suas pulsões agressivas. Nesse caso, a função da apresentação do ambiente indestrutível não foi bem assentada, tornando a criança temerosa de sua própria agressividade. A agressividade necessária para buscar a satisfação do seu desejo no mundo seria inibida, restando apenas um *self* ator (falso) que se submete às expectativas do mundo externo (Winnicott, 1963/2007). Nossa hipótese é de que as fantasias persecutórias das pessoas inseguras de que seus atos e, principalmente, suas falhas terão um grande impacto negativo nos outros, tem origem nesse medo de seu próprio movimento pulsional.

Certa vez, uma paciente me contou que estava querendo mudar de emprego, sair de seu estágio atual e ir para outro, mas tinha muito medo de decepcionar seu chefe, que depositava confiança nela e demonstrava gostar do seu trabalho, mesmo que ela fosse apenas uma estagiária. Conversando informalmente com um possível empregador, este lhe disse que conhecia seu chefe e o lugar onde ela estava trabalhando, o que a deixou apavorada e tomada de fantasias persecutórias. O conteúdo dessas fantasias era de que este possível empregador mandaria um e-mail para seu chefe, contando que ela estava procurando emprego em outro lugar, o que deixaria seu chefe triste e decepcionado com ela, abalando a confiança que ele depositava nela. As fantasias tinham um teor bastante dramático de ser rejeitada, carregados de sentimento de culpa e expectativa de punição. Contou-me, também, que, depois de algum tempo, ela mesma ponderou que ela não seria “tão importante assim” para que ambos se importassem tanto com ela, além de ter considerado que não havia nada de errado em procurar outro emprego. Foi um passo significativo em seu processo de análise poder confiar que o ambiente (seu chefe) não seria destruído pelo seu desejo.

A partir do que foi exposto até aqui, podemos começar a configurar uma hipótese para a questão, que foi levantada no Capítulo 1, do que é temido pelo Eu que é dominado pelo sentimento de insegurança. Podemos resumir essa hipótese da seguinte forma: *o Eu teme sua própria agressividade por crer que ela é capaz de destruir seu ambiente; então, deve desenvolver uma defesa contra “ser capaz”, o que resulta em uma formação reativa em que o Eu se sente e se mantém sempre incapaz.*

Essa hipótese nos remete à dificuldade em fazer uma oposição entre os dois sentidos do sentimento insegurança: um relativo à “falta de confiança no ambiente” e outro, à “falta de confiança em si mesmo”, conforme apresentados no Capítulo 1. Parece que nossa exploração teórica corrobora com o caminho de nossa intuição, segundo a qual essas “duas inseguranças” não seriam tão diferentes assim.

4.3.2 O medo da desintegração

A proposta de Laing de uma “insegurança ontológica” diz respeito a uma ameaça à existência do Eu, em um sentido difuso de uma desintegração, de não estar seguro de sua própria existência e continuidade:

O indivíduo nas circunstâncias ordinárias da vida poderá sentir-se mais irreal que real; literalmente falando, mais morto do que vivo; precariamente diferenciado do restante do mundo, de modo que sua identidade e autonomia estejam sempre postas em dúvida. Talvez lhe falte a experiência de sua própria continuidade temporal. Talvez não possua um senso dominante de consistência ou coesão pessoal. Talvez se sinta mais insubstancial que substancial e incapaz de aceitar que aquilo que o constitui seja genuíno, bom, valioso. E talvez sinta seu eu parcialmente divorciado do corpo.

É inevitável, naturalmente, que um indivíduo cuja experiência de si próprio seja desta ordem não possa viver num mundo “seguro”, já que é incapaz de sentir-se seguro “em si mesmo”. (p. 44, grifos nossos)

Estaria, portanto, permanentemente ameaçado e lutando para se preservar, para manter algum senso de si em relação ao mundo. Se, como vimos, uma das funções do Eu é ser uma projeção de superfície que delimita um dentro e um fora, o sujeito ontologicamente inseguro não teria esse limite claramente determinado, de forma que qualquer acontecimento externo seria uma ameaça em potencial.

Laing (1960/1973) destaca três angústias “enfrentadas pela pessoa ontologicamente insegura: absorção, implosão, petrificação” (p. 46). A “absorção”

diria respeito ao medo de se perder no relacionamento com o outro, de ser fagocitado, dominado pelo outro, perdendo sua autonomia e identidade. É um medo, sobretudo, *ante o amor do outro*, já que não haveria a “possibilidade segura de relacionamento dialético entre duas pessoas, ambas certas do próprio terreno e por isso mesmo capazes de ‘perder-se’ uma na outra” (p. 47), de forma que, no limite, a única alternativa possível seria o completo isolamento.

A “implosão” seria “a forma extrema daquilo que Winnicott chama a *invasão da realidade*” (p. 48). Ao entrar em contato com a realidade, o indivíduo que se identifica com o vazio teme ser preenchido e, portanto, aniquilado, perdendo sua identidade enquanto vácuo. Mesmo que haja um desejo de preencher o vazio, ele “teme a possibilidade de que isso aconteça porque passou a achar que a única coisa que ele pode ser é o medonho nada desse mesmo vácuo” (pp. 48-49). Em ambos os casos, absorção e implosão, a realidade é perseguidora e ameaçadora, apesar de também conter aquilo que é desejado.

Por fim, a “petrificação” alude à ideia de se tornar um objeto, como uma estátua de pedra e, portanto, desprovida de subjetividade e autonomia. Ela estaria associada à despersonalização, “uma técnica universalmente utilizada como meio de lidar com o outro quando ele se torna demasiado cansativo ou perturbador” (p. 50). Este seria um recurso por meio do qual um indivíduo deixa de considerar, total ou parcialmente, os sentimentos e a subjetividade do outro, mantendo apenas uma relação com o papel que este representa em determinado contexto, como um androide ou uma máquina, sendo um recurso defensivo ante uma extrema empatização. Uma parte significativa das relações cotidianas se passa dessa forma, mas, para alguém que é ontologicamente inseguro, esse tratamento seria petrificante, promoveria uma sensação de ser objetificado, já que ele “Basicamente exige constante confirmação dos outros de que possui sua própria existência como pessoa” (p. 50). Mesmo no âmbito de suas relações íntimas, haveria um perigo:

O risco consiste no seguinte: se a pessoa sente a outra como um livre agente fica aberta à possibilidade de sentir a si mesma como um *objeto* de sua experiência e, portanto, de ver esvair-se a própria subjetividade. Fica-se ameaçado pela possibilidade de tornar-se não mais que uma coisa no mundo do outro, sem qualquer vida própria, sem um ser pessoal. Em termos de tal ansiedade, o próprio ato de sentir o outro como pessoa é considerado virtualmente suicida. (p. 50)

Assim, em sua forma mais extrema e absoluta, as manifestações psicopatológicas referentes à falta de unidade do Eu estariam no campo da experiência da psicose. Birman (2008) se refere às ideias de Laing da seguinte forma:

Ronald Laing, discípulo de Winnicott, mostrou, no início dos anos 1960, como haveria, na experiência da psicose, algo da ordem de uma insegurança ontológica do sujeito, em decorrência de falhas existentes nessa experiência primordial. Em sua concepção, o sujeito que desenvolve uma psicose teria uma marca negativa na sensação de ser e de existir, sendo, por isso mesmo, marcado pela divisão e pela fragmentação em seu psiquismo. Ocorreria o mesmo processo na experiência do sujeito borderline, mas de forma mitigada, uma vez que tal insegurança ontológica se delinaria de maneira relativa, e não mais absoluta, como na psicose esquizofrênica. (pp. 15-16)

Para Birman, esses quadros seriam evitados por meio de um cuidado suficientemente bom, ou seja, sua gênese está situada em um momento muito primitivo do desenvolvimento do bebê e ligados à formação de seu Eu, no registro de uma problemática em torno de suas identificações primárias. Roussillon (2012) propõe chamar essas manifestações de “narcísico-identitárias”:

Gosto muito do conceito proposto por D. W. Winnicott de “exploração psicanalítica” para definir o estatuto do tratamento de alguns analisandos que apresentam questões narcísico-identitárias e que não entram no registro padrão da prática psicanalítica à medida que *a questão da identidade do sujeito é central e a da diferenciação eu/não-eu essencial*. Esse registro, portanto, diz respeito tanto aos analisandos considerados “casos-limite”, “borderline”, “narcisistas” como a um desfile de modos de funcionamento psíquico que tendem a produzir, quando em análise, as formas de transferência marcadas pelo paradoxo, a paixão, a negatividade, o limite, a confusão... e não pelo conflito, o afeto-sinal, a ambivalência, a castração, a ilusão... (p. 8, grifos nossos)

Assim, nos aproximamos da ideia de várias modalidades de sentimento de insegurança, que, em casos extremos, podem se remeter a manifestações psicopatológicas de maior comprometimento psíquico, já que elas envolvem feridas nas fases mais arcaicas da formação do Eu. Dessa forma, apontamos, como uma possível vertente de pesquisa futura, articular os desenvolvimentos metapsicológicos presentes neste trabalho à clínica contemporânea, tendo em vista que o horizonte da pesquisa metapsicológica é justamente poder iluminar o trabalho clínico.

4.4 Um campo da insegurança

Em função de tudo o que foi exposto, é possível construir de um *campo* referente ao sentimento de insegurança, organizado em torno de três eixos: a *insegurança realista*, vinculada a ameaças vindas do mundo externo; a *insegurança neurótica*, produzida pela ameaça de perda do amor do Super-eu; e a *insegurança ontológica*, relativa à ameaça de perda da unidade do Eu. A delimitação deste campo diz respeito a manifestações afetivas de um mesmo matiz, mas que podem variar significativamente no que se refere a suas intensidades e aos mecanismos que as produzem, em função dos tipos de perigo com os quais o sujeito pode se deparar.

Cada tipo de perigo levará a um mecanismo defensivo distinto e relativo a ele, de forma que o sentimento de insegurança seria a manifestação afetiva que permitiria ao sujeito ter consciência de estar sob ameaça, bem como de que ele deve, caso seja necessário e possível, tomar uma atitude para evitar esse perigo. Em muitos casos, pode não haver nada que ele possa fazer – seja por não encontrar meios de apaziguar seu Super-eu seja por não ter como reparar sua fragilidade existencial –, de forma que o desenvolvimento do sentimento de insegurança pode mesmo chegar a tomar proporções catastróficas, a ponto de se tornar uma situação traumática.

CORAGEM!

A partir da nossa proposta de *complexo afetivo*, demos um novo alcance e abrangência para o *Selbstgefühl* freudiano, que procuramos consolidar com a sua tradução para “autossentimento”, de forma que obtivemos um recurso interessante para operar uma diferenciação conceitual entre autossentimento, narcisismo e libido narcísica, no âmbito de sua relação com a formação do Super-eu. Tendo tecido uma rede conceitual para servir de suporte na investigação do sentimento de insegurança, pudemos nos dirigir a ele com segurança, sendo capazes de adentrar seu perigoso território corajosamente.

Concluimos que se sentir inseguro é, ao mesmo tempo, uma defesa e uma ameaça. Como, então, seria possível lidar com o perigo de sua própria insegurança? Como recuperar a autoestima e o amor próprio quando se teme sentir-se fraco e incapaz? Estas parecem ser algumas das perguntas que nossos pacientes nos fazem quando chegam em nossos consultórios, queixando-se de serem muito inseguros. Parece que todo seu tempo e energia estão sendo consumidos por uma dupla batalha: aquela contra o que temem, seja lá o que for, e outra contra o próprio medo. O medo, como sempre, é de viver uma situação traumática, então qualquer acúmulo de tensão um pouco maior pode ser o prenúncio de que um estado de desamparo está próximo, de forma que o sujeito inseguro poderia ficar imobilizado, evitando se arriscar para não correr o risco de se traumatizar mais ainda.

Vimos, também, que o *ambiente* tem um papel fundamental no mecanismo do sentimento de insegurança, pois não se trata apenas de uma problemática intrapsíquica. Considerando a nossa sensação de que tem crescido o número de casos de pacientes, nos quais o sentimento de insegurança tem um papel significativo em seu sofrimento, permanece a questão das possíveis influências da sociedade contemporânea na produção do sentimento de insegurança, de modo que ela deverá ficar para uma pesquisa futura.

De toda forma, o *setting* analítico teria a possibilidade de fornecer um ambiente seguro no qual o sujeito possa exercitar sua confiança, bem como ter a possibilidade de elaborar e ter validadas suas experiências de sofrimento. Muitas vezes, esses pacientes que sofrem com um forte sentimento de inferioridade, com uma identificação com o vazio, com o lixo ou com o inadequado; chegam em um ponto de suas análises em que genuinamente conseguem vislumbrar uma

possibilidade de melhora. Nesse momento, é frequente que expressem uma sensação de que não saberiam o que fazer, caso se livrassem de seu sofrimento, dizendo que tem que descobrir quem são e do que gostam antes que isso aconteça, já que, sem o sintoma, não sobraria nada. Entretanto, não parece que se trata de uma *descoberta*, mas sim, de uma *construção*. A construção de uma nova identidade que não se assente nesse núcleo produtor de sofrimento, mas que possa agregar aquilo que há de bom na antiga identidade, bem como novas possibilidades, colhidas por meio da introjeção dos frutos de um trabalho sublimatório criativo e inovador.

Dessa forma, o sujeito poderia conquistar um modo de funcionar que não fique tão preso nessa dinâmica unidimensional e maniqueísta de "certo e errado", "bom e mau", "positivo e negativo", "seguro e perigoso", "branco e preto". Nossa esperança é que, por meio do trabalho sublimatório e de relações afetivas enriquecedoras, possa-se produzir uma paleta afetiva muito mais ampla e diversificada, repleta de colorações dos mais variados tons, podendo prescindir da monótona escala de cinza que outrora imperava.

Para dar o primeiro passo nessa direção, é necessário ter *apoio*, ou, poderíamos dizer, *segurança*, no sentido de um cuidado e de um ambiente confiável para sustentar a caminhada, mas também carece ter *coragem* para dá-lo. Não importa quanto apoio e preparo exista, o primeiro passo sempre é um salto de fé, é um corte com o medo e a insegurança que, no limite, sempre tem uma chance de falhar. Mas se o ambiente for suficientemente bom, temos a esperança de que essa falha poderá ser bem elaborada de forma a não constituir um trauma, mas sim uma lição, de forma que possa ser feito um uso produtivo dessa experiência.

Será que estamos sendo otimistas demais?

REFERÊNCIAS²⁹

- Abraham, N. & Torok, M. (1995). Lutou ou melancolia? In: N. Abraham M. & Torok. *A casca e o núcleo* (pp. 243-257). São Paulo, SP: Escuta.
- Adler, A. (2002). A study of organ inferiority and its psychical compensation. In A. Adler, *The collected clinical works of Alfred Adler* (H. T. Stein, org., Vol. 2, pp. 115-230). Washington, DC: Alfred Adler Institute. (Trabalho original publicado em 1907)
- Adler, A. (2002). The aggression drive in life and in the neurosis. A. Adler, *The collected clinical works of Alfred Adler* (H. T. Stein, org., Vol. 2, pp. 62-68). Washington, DC: Alfred Adler Institute. (Trabalho original publicado em 1908)
- Adler, A. (2003). Psychological hermaphroditism in life and the neurosis. In: A. Adler, *The collected clinical works of Alfred Adler* (H. T. Stein, org., Vol. 3, pp. 1-8). Washington, DC: Alfred Adler Institute. (Trabalho original publicado em 1910)
- Adler, A. (2003). The role of sexuality in neurosis. In: A. Adler, *The collected clinical works of Alfred Adler* (H. T. Stein, org., Vol. 3, pp. 42-57). Washington, DC: Alfred Adler Institute. (Trabalho original publicado em 1911a)
- Adler, A. (2003). "Repression" and "masculine protest": their roles and meaning for the neurotic dynamic. In: A. Adler, *The collected clinical works of Alfred Adler* (H. T. Stein, org., Vol. 3, pp. 49-48). Washington, DC: Alfred Adler Institute. (Trabalho original publicado em 1911b)
- Barros, C.P. (1975). Contribuição à controvérsia sobre o “ponto de vista econômico”. In H.V. Brazil (org), *Psicanálise: problemas metodológicos* (pp. 41-78). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Barros, C.P. (1998). Contribuição à controvérsia sobre o “ponto de vista econômico”. *Cadernos do Tempo Psicanalítico*, 3, 1-114.

²⁹ De acordo com o estilo APA (*American Psychological Association*).

Birman, Joel. (2008). Criatividade e sublimação em psicanálise. *Psicologia Clínica*, 20(1), 11-26.

Brown, T. L.; LeMay, H. E.; Bursten, B. E.; Burdge, J. R. (2007). *Química: a ciência central*. São Paulo, SP: Pearson Education.

Campos, E. B. V. (2011). Limites da representação na metapsicologia freudiana. *Psicologia USP*, 22(4), 851-877.

Canzian, R., & Maximiano, F. A. (2010). Princípio de Le Chatelier O Que Tem Sido Apresentado em Livros Didáticos?. *Química Nova na Escola*, 32(2), 107-119.

Capitão, C. G.; Nascimento, A. A. & Silva, T. O. (2009). A Clínica Psicanalítica e a Mulher Depressiva. *Psicopedagogia On Line*, v. 01, p. 01-06.

Carone, M. (2011). Nota. In S. Freud (1917 [1915]b) *Luto e melancolia* (M. Carone, trad., p. 46). São Paulo, SP: Cosac Naify.

Chasseguet-Smirgel, J. (1992). *O ideal do ego*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Chauí-Berlinck, L. (2007). Melancolia e Contemporaneidade. *Cadernos Espinosianos XVII*. São Paulo, SP: Editora USP. p. 39-52.

Coelho Jr., N. E. (2001). A noção de objeto na psicanálise freudiana. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 4(2), 37-49.

Costa, J. F. (2012). Os sobrenomes da vergonha: melancolia e narcisismo. In: J. Vertzman, R. Herzog, T. Pinheiro, F. Pacheco-Ferreira (Orgs.). *Sofrimentos narcísicos*. Rio de Janeiro, RJ: Cia de Freud.

Dethiville, L. (2014). O pai suficientemente simbólico. In C. Rosa (org.), *E o pai? Uma abordagem winnicottiana* (pp. 93-106). São Paulo, SP: DWW Editorial.

Easton, D. & Hardy, J. W. (2011). *The ethical slut: a practical guide to polyamory, open relationships, and other adventures*. New York, US: Celestial Arts.

Espinosa, B. (2015). *Ética*. São Paulo, SP: Edusp. (Trabalho original publicado em 1677)

Ferenczi, S. (2011). Transferência e introjeção. In S. Ferenczi, *Obras Completas: Psicanálise I* (A. Cabral, trad., pp. 87-124). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1909).

Ferenczi, S. (2011). O conceito de introjeção. In S. Ferenczi, *Obras Completas: Psicanálise I* (A. Cabral, trad., pp. 209-212). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1912).

Ferenczi, S. (2011). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In S. Ferenczi, *Obras Completas: Psicanálise IV* (A. Cabral, trad., pp. 55-60). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1929).

Ferenczi, S. (2011). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In S. Ferenczi, *Obras Completas: Psicanálise IV* (A. Cabral, trad., pp. 111-121). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933).

Freud, S. (2014). Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico. In S. Freud, & L. A. Garcia-Roza, *Sobre a concepção das afasias/As afasias de 1891* (R. D. Mundt, trad., pp. 13-124). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1891)

Freud, S. & Breuer, J. (2016). *Estudos sobre Histeria*. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 2). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1893-1895)

Freud, S. (1976). Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada "neurose de angústia". In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 87-114). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1895a)

Freud, S. (1976). Resposta às críticas a meu artigo sobre a neurose de angústia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 115-132). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1895b)

Freud, S. (2003). Projeto de uma psicologia científica. In O. F. Gabbi Jr., *Notas a projeto de uma psicologia - As origens utilitaristas da psicanálise* (O. F. Gabbi Jr, trad., pp. 171-260). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1895c)

Freud, S. (1976). A interpretação dos sonhos. Capítulo VII: A psicologia dos processos oníricos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 5, pp. 468-561). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)

Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 6, pp. 13-172). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)

Freud, S. (2016). Análise fragmentária de uma histeria. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 6, pp. 173-320). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905[1901])

Freud, S. (2015). O escritor e a fantasia. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 8, pp. 325-338). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908a)

Freud, S. (2015). Caráter e erotismo anal. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 8, pp. 350-358). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908b)

Freud, S. (2015). Análise da fobia de um garoto de cinco anos. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 8, pp. 123-284). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1909)

Freud, S. (2015). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 10, pp. 229-239). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911)

Freud, S. (2015). Tipos de adoecimento psíquico. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 10, pp. 108-121). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912)

Freud, S. (1976). Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 83-119). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1914a)

Freud, S. (2004). À guisa de introdução ao narcisismo. In S. Freud. *Obras psicológicas de Sigmund Freud – Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. Hanns, trad., vol. 1, pp. 95-131). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Originalmente publicada em 1914b).

Freud, S. (2015). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 12, pp. 14-50). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914c)

Freud, S. (2015). Os instintos e seus destinos. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 12, pp. 51-81). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915a)

Freud, S. (2015). A repressão. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 12, pp. 82-98). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915b)

Freud, S. (2015). O inconsciente. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 12, pp. 99-150). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915c)

Freud, S. (1976). Luto e melancolia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 269-291). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1917 [1915]a)

Freud, S. (2014). *Luto e melancolia* (M. Carone, trad.). São Paulo, SP: Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1917 [1915]b)

Freud, S. (2015). Luto e melancolia. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 12, pp. 171-194). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917 [1915]c)

Freud, S. (2014). Conferências introdutórias à psicanálise (Terceira Parte: Teoria geral das neuroses). 22ª conferência: Considerações sobre desenvolvimento e regressão. Etiologia. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 13, pp. 450-474). São Paulo, RJ: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917a)

Freud, S. (2014). Conferências introdutórias à psicanálise (Terceira Parte: Teoria geral das neuroses). 23ª conferência: Os caminhos da formação de sintomas. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 13, pp. 475-499). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917b)

Freud, S. (2014). Conferências introdutórias à psicanálise (Terceira Parte: Teoria geral das neuroses). 25ª conferência: A angústia. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 13, pp. 519-544). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917c)

Freud, S. (2014). Conferências introdutórias à psicanálise (Terceira Parte: Teoria geral das neuroses). 26ª conferência: A teoria da libido e o narcisismo. In S. Freud,

Obras completas (P. C. Souza, trad., Vol. 13, pp. 545-569). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917d)

Freud, S. (2010). Uma dificuldade da psicanálise. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 14, pp. 240-251). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917e)

Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 14, pp. 161-239). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)

Freud, S. (2014). Psicologia das massas e análise do Eu; In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 15, pp. 13-113). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)

Freud, S. (2014). “Psicanálise” e “Teoria da libido”; In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 15, pp. 275-308). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923a)

Freud, S. (2013). O Eu e o Id. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 16, pp. 14-74). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923b)

Freud, S. (2013). Neurose e psicose. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 16, pp. 177-183). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924a)

Freud, S. (2013). O Problema econômico do masoquismo. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 16, pp. 185-202). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924b)

Freud, S. (2013). Autobiografia. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 16, pp. 75-167). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925)

Freud, S. (2016). Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 17, pp. 13-123). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926)

Freud, S. (2011). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 18, pp. 13-122). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)

Freud, S. (2011). Novas conferências introdutórias à psicanálise. 31ª conferência: A dissecação da personalidade psíquica. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 18, pp. 192-223). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933a)

Freud, S. (2011). Novas conferências introdutórias à psicanálise. 32ª conferência: Angústia e instintos. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 18, pp. 224-262). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933b)

Freud, S. (2018). Compêndio de psicanálise. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 19, pp. 189-273). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1940[1938])

Garcia, E. L., & Nagel, D. G. (2015). O desamparo na escuta psicanalítica: um relato de caso. *Anais do Salão de Ensino e de Extensão*, 232.

Green, A. (2010). *O trabalho do negativo*. Porto Alegre, RS: Artmed.

Halperin, S. (1989). A constituição do eu. In L. Hornstein (org) *Introdução à Psicanálise* (pp. 161-170). São Paulo, SP: Escuta.

Handlbauer, B. (2005). *A controvérsia Freud-Adler*. São Paulo, SP: Madras.

Hanns, L. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Hanns, L. (2004). Nota. In S. Freud (1914b). À guisa de introdução ao narcisismo. In S. Freud. *Obras psicológicas de Sigmund Freud – Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. Hanns, trad., vol. 1, p. 130). Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Hornstein, L. (1989). *Introdução à Psicanálise*. São Paulo, SP: Escuta.

Insecure. (n.d.). In: *Dictionary by Merriam-Webster*. Recuperado de www.merriam-webster.com

Insegurança. (2009). In: *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (p.1088, 1ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.

Inseguro. (2009). In: *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (p.1088, 1ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.

Klein, M.(1996). Amor, culpa e reparação. In: M. Klein, *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921–1945)* (pp. 346-384). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)

Laing, R. D. (1973). *O eu dividido: estudo existencial da sanidade e da loucura*. Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1960)

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. 4ª edição. São Paulo, SP: Martins Fontes.

Loffredo, A. M. (1975) *Angústia e repressão: um estudo crítico do ensaio “Inibição, sintoma e angústia”*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, RJ: Departamento de Psicologia, PUC.

Loffredo, A. M. (1999). Em busca do referente, às voltas com a polissemia dos sonhos: a questão em Freud, Stuart Mill e Lacan. *Psicologia USP*, 10(1), 169-197.

Loffredo, A. M. (2012). Anotações sobre a leitura freudiana da angústia. *Tempo Psicanalítico*, 44(1), 105-130.

Loffredo, A. M. (2014). *Figuras da sublimação na metapsicologia freudiana*. 1ª edição. São Paulo, SP: Escuta.

Loffredo, A. M. (2017). Um texto freudiano surpreendentemente esquecido: sobre a concepção das afasias: um estudo crítico. *Estilos da Clínica*, 22(1), 166-184.

Marx, K. (2010). Crítica da filosofia do direito de Hegel – Introdução. In: Marx, K., *Crítica da filosofia do direito de Hegel* (pp. 145-158). 2ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Boitempo. (Trabalho original publicado em 1843)

Mijolla-Mellor, S. (2010). Os ideais e a sublimação. *Psicologia USP*, 21(3), 501-512

Mijolla-Mellor, S. (2012). Ce qu'est la sublimation pour Freud. In S. M-Mellor (org.), *Traité de la sublimation* (pp. 43-107). Paris, FR: Press Universitaires de France.

Mill, J. S. (1974a). Sistema da lógica dedutiva e indutiva. In *Os Pensadores* (J. M. Coelho, & P. R. Mariconda, trans., Vol. 34, pp. 79-255). São Paulo, SP: Abril Cultural.

Mill, J. S. (1974b). Um exame da filosofia de Sir William Hamilton. In *Os Pensadores* (J. M. Coelho, & P. R. Mariconda, trans., Vol. 34, pp. 257-291). São Paulo, SP: Abril Cultural.

Pinheiro, T. (2012). O modelo melancólico e os sofrimentos da contemporaneidade. In: J. Vertzman, R. Herzog, T. Pinheiro, F. Pacheco-Ferreira (Orgs.). *Sufrimentos narcísicos*. Rio de Janeiro, RJ: Cia de Freud.

Rosa, J. G. (2001). *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.

Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Roussillon, R. (2012). As condições da exploração psicanalítica das problemáticas narcísico-identitárias. *ALTER–Revista de estudos psicanalíticos*, 30(1), 7-32.

Selesnick, S. T. (1981). Alfred Adler (1870-1937): A psicologia do complexo de inferioridade. In: F. Alexander; S. Eisenstein & M. Grotjahn (Orgs.). *A história da psicanálise através dos seus pioneiros* (vol.1; pp. 96-105). Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Souza, P. C. (2010). *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Souza, P. C. (2015a). Nota. In S. Freud (1914c), Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 12, p. 45). São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Souza, P. C. (2015b). Nota. In S. Freud (1917[1915]c), Luto e melancolia. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., Vol. 12, p. 172). São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Strachey, J., & Richards, A. (1976). Apêndice B – O grande reservatório de libido. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19; pp. 80-83). Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Strachey, J., & Richards, A. (1976). Índices, bibliografias, etc. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 24). Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Unsafe. (n.d.). In: *Dictionary by Merriam-Webster*. Recuperado de www.merriam-webster.com

Verztman, J. S. (2002). O observador do mundo: a noção de clivagem em Ferenczi. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 5(1), 59-78.

Winnicott, D. W. (2000). Memórias do Nascimento, Trauma do Nascimento e Ansiedade. In: *Da Pediatria à Psicanálise* (pp. 254-276). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1949)

Winnicott, D. W. (2000). Ansiedade Associada à Insegurança. In: *Da Pediatria à Psicanálise* (pp. 163-167). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1952)

Winnicott, D. W. (2007). A capacidade para estar só. In: *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 31-37). São Paulo, SP: Artmed. (Trabalho original publicado em 1958)

Winnicott, D. W. (2007). Moral e educação. In: *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 88-98). São Paulo, SP: Artmed. (Trabalho original publicado em 1963)

Winnicott, D. W. (2005). A criança no grupo familiar. In: *Tudo Começa em Casa*. São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1966)

Winnicott, D. W. (1975). Localização da experiência cultural. In: *O brincar e a realidade* (pp. 152-164). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1967)

Winnicott, D. W. (1975). Fenômenos e objetos transicionais. In: *O brincar e a realidade* (pp. 10-47). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1971)